ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

VIAGEM FILOSOFICA

pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá

1783 - 1792

ICONOGRAFIA
Volume I:
GEOGRAFIA — ANTROPOLOGIA

CONSELHO FEDERAL DE CULTURA

RIO DE JANEIRO

1971

AGGS INDÚSTRIAS GRÁFICAS S. A.

TROC. IST.

RES.
25/04

mcb 296021

BNP



FRONTESPÍCIO ALEGÓRICO DA VIAGEM FILOSÓFICA, NO QUAL SUPOSTAMENTE ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, APONTA O MAPA DO RIO DAS AMAZONAS, MADEIRA, BRANCO E NEGRO (LIVRO B.N.21,1,0)

RES. 2510 A.



ROTEIRO DA "VIAGEM FILOSÓFICA" REALIZADA POR ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, NUMA DISTÂNCIA APROXIMADA DE 39.372 KM (1783-1792)

BWP

VIAGEM FILOSOFICA

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

TROC. INT.

RES.
25/07A

Ant.ª de Mn.el Pa.co de Drummond.
Ministro do Brasil em Lisboa.

Desenhos

De

Gentios, Animaes Quadrupedes,

Aves, Amphibios, Peixes, e

Insectos:

Prospectos de Cidades, Villas, Lugares, Po-

voações, Fortalezas, Edifficios, Rios,

e Cachoeiras.

Da

Expedição Philosophica do Pará, Rio

Negro, Matto Grosso, e Cuyabá

Copiados

No Real Jardim Botanico

Em 2 Volumes

PREFÁCIO

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, cuja obra científica o Conselho Federal de Cultura começa a divulgar em edição comentada, foi a maior figura de pesquisador de campo de que, no período colonial, o Brasil se pode orgulhar. Expressão de inteligência pragmática, voltara-se para o exame da realidade física, natural, da Pátria que se elaborava na Sulamérica. Elaborava pela ação política de Portugal e pela realização efetiva, direta, objetiva, dos que aqui haviam nascido e constituiam sociedade, promoviam o crescimento territorial e a potencialidade econômica, realidade física, natural, que constituia ainda uma incógnita, três séculos decorridos da emprêsa colonizadora que se iniciara com a presença da frota de 1500. Eminente homem de ciência, era um dos participantes mais decididos daquela geração de brasileiros em evidência na Europa. Falamos em geração brasileira em evidência na Europa. Exato. Porque, na verdade, o grupo brasileiro, nas letras, na própria administração metropolitana, no campo das preocupações do espírito mais diretamente ligados, não ao criativismo puro, mas à indagação da natureza em si mesma, constituira-se, naquele momento, o grupo mais atuante na reformulação dos quadros da inteligência portuguêsa. Participáramos da reestruturação dos estudos universitários, a "Reforma" de Pombal. Essa Reforma atendera, em grande parte, a anseios que se registravam e de que fôra o porta-voz mais autorizado o famoso José Antonio Vernei, nesse particular, assinale-se, a bem da verdade, não um pioneiro, pois que essa posição caberia mais justamente aos Oratorianos, a Bluteau, Rafael Bluteau, o erudito de tanta nomeada, mas um autêntico pregoeiro da nova ordem cultural, dos anseios coletivos na crítica violenta por que arremetera contra o ensino jesuítico, que dominava e sofreria a acusação de ser a fôrça impeditiva de Portugal restituir-se ao pensamento que sacudia a Europa às vésperas da grande revolução.

É tempo, a propósito dessa nossa contribuição, de lembrar que Portugal perdera o impulso que o levara a comandar a europeização da terra. Diminuíra sensivelmente aquela contribuição admirável que êle proporcionara ao conhecimento do mundo em descobrimento, mundo de que revelara a natureza física e social, através do encontro, dirigido cientificamente, de naturezas exóticas, sociedades também exóticas, culturas, línguas, religiões, usos e costumes, instituições, num conjunto de contribuições, únicas na história universal até então escrita com o sangue e a decisão de todos os povos europeus. Perdera, sem que pudesse ter conteúdo respeitável a explicação fantasiosa de que aos povos ibéricos faltavam os ímpetos e as condições para a emprêsa científica. Porque aquela contribuição assumira proporções tão agigantadas que a fórmula, negativa da existência de um espírito científico na Península, não podia ser aceita. Portugal, na europeização da terra, assegurara, com a expansão ecumênica, o enriquecimento da cultura européia. A Renascença não era, portanto, ùnicamente uma resultante do retôrno ao passado, na descoberta e retomada dos temas clássicos, da antiguidade, mas, fundamentalmente, uma conseqüência daquela revolução geográfica, comercial, espiritual. Uma lenda negra descera, depois, sôbre a Ibéria, acusando-a de incapaz para a emprêsa científica, como antes pretendera-se concluir no tocante à emprêsa colonial.

A geração brasileira estava, a essa altura, integrada por homens da estirpe de D. Francisco de Lemos, o Reitor da Universidade que êle reformava com decisão e alta dose de conhecimentos pedagógicos, seu irmão João Ramos, João da Silva Feijó, Antonio Pires da Silva Pontes, Francisco José de Lacerda e Almeida, Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, José da Silva Lisboa, Azeredo Coutinho, Antonio Pereira de Souza Caldas, José Arouche Lara e Ordonhes, Joaquim Veloso, a que se seguiria, ininterruptamente, a de Valente do Couto, José Bonifácio de Andrade e Silva, Ferreira da Câmara, Arruda Câmara, José Manoel de Siqueira, José de Sá Bitencourt Acioly, Francisco de Melo Franco, José Vieira Couto, Feliciano Bitencourt, Pizarro e Araujo. Essa geração distinguia-se, na Universidade, pela atuação discente, vigorosa. Perseguiria, depois, a preocupação espiritual de um exercício nas letras e nas ciências, e no que já poderíamos denominar de contribuição brasileira para o "iluminismo" universal, caracterizando a nossa presença pelo estudo da natureza, do meio social, dos grupos sociais e das atividades econômicas. Iluminismo que iria permitir, aos próprios brasileiros, o conhecimento mais pormenorizado e útil de sua própria Pátria, no que era necessário saber para a política.

חותם

que se deveria adotar, visando a seu desenvolvimento e a sua participação mais intensa e liberta de conveniências negativas no processo mundial de progresso e de bem-estar. E se formos ao exame do que essa contribuição significava na ação administrativa de govêrno bastaria assinalar que já ocorrera a presença de Alexandre de Gusmão, secretário do Rei e a figura central de tôda a política exterior, renovada no tocante à vizinhança, na Sulamérica, entre os povos de cepa peninsular, que exerciam soberania européia mas, de quando em quando, terçavam armas na disputa de direitos e de vantagens territoriais. Na Metrópole e nas outras áreas do Império, brasileiros exerciam postos na administração.

Portugal, depois das reformas pombalinas, como no decorrer delas, e sob o influxo de tôda a novidade que sacudia a Europa, ia, aos poucos, tomando posição no mundo da cultura em têrmos de contato mais direto com aquelas novidades, com o sentido utilitário da vida e o interêsse pelo que a natureza, em si mesma, oferecia à sua investigação. O século XVIII, acoimado de século de "crise mental", pela gestação de ideologia e atividades criadoras em conflito com aquêle pensamento meio estático da centuria anterior, estava levando Portugal a restituir-se à Europa, o que não significaria, é tempo de registrar, que durante tanto tempo, na verdade, estivesse de todo ausente, como se pode verificar do ensaio magnífico de Silva Dias, "Portugal e a Cultura Européia', que vale como a melhor evidenciação dos exageros por que se pintou o quadro da decadência.

E dentro dessa preocupação, que já alcançava os escalões do Poder, encerrada aquela fase de uma política de reservas intensas acêrca do que representavam os espaços imperiais, atingidos pelos concorrentes, ávidos de empórios para sua aventura colonial e mercantil, principiou o interêsse pelo que, realmente, êsses espaços valiam, significavam, eram como realidade física. Até então, por esta ou aquela motivação, criara-se, à volta, principalmente das Américas, já que a África ainda não constituía o fundamento das rivalidades e disputas territoriais e econômicas, como sucederia no século XIX, uma idéia falsa, divulgada por expressões da melhor aceitação no comércio das idéias. Antonelo Gerbi, em mais de um ensaio, principalmente, porém, em "La Disputa del Nuevo Mundo", evidenciou essa conduta estranha, falsa, que podia ser considerada como a resultante imediata daquele sigilo intenso que todos os povos haviam adotado, enriquecidos em importância pelos impérios ultramarinos que possuíam e desfrutavam. Uma informação sensacionalista, mas profundamente negativa, exercia poderosa influência nos espíritos mais atilados, mais enérgicos no tocante ao pensamento que assegurava um domínio quase total sôbre as gentes da Europa de quinhentos a oitocentos. O exotismo literário realizava-se na base daquele informativo apoucado, inexato, mas de certo modo saboroso, cheio de interêsse para os espíritos que se satisfaziam com novidade exaltada.

Considerado o interêsse que se fêz preocupação e por fim decisão oficial, tanto Espanha como Portugal iniciaram o esfôrço com o objetivo de inventariar, sem reservas, a potencialidade de seus ainda imensos espaços imperiais. As expedições científicas que então se organizaram, sob inspiração ou determinação governamental, inscrevem-se nessa deliberação de Estado. Sôbre ela escrevemos um pequeno ensaio, sob a denominação geral de "A Viagem Filosófica e as expedições científicas na Íbero-América no Século XVIII", divulgado na revista "Cultura", na fase brilhante de Simeão Leal, em que tentamos indicar o mais evidente naquele propósito e sua execução em operações de campo. Êsse esfôrço não se limitaria, no particular de Portugal, ao Brasil, uma vez que se dirigiu igualmente, e com a cooperação de brasileiros, para a África, que continuava um mundo por descobrir e avaliar. A indagação científica de que a reforma pombalina da Universidade cogitara, criando os experimentalismos como novidade pedagógica, é momento de recordar, insistindo, estava na linha do movimento de inquietação cultural que atingira Portugal e o reconduzira à inteligência pragmática européia, de que êle, com os descobrimentos, fôra o pioneiro.

O Brasil, fechado à curiosidade dos estrangeiros, permanecia, ampliado em sua extensão territorial ao norte, ao sul e principalmente a oeste, crescia no que diz respeito à contribuição econômica que assegurava, a Portugal, a continuidade que perdera seiva com as sofridas no Oriente. Imaginara-se mesmo que o açúcar, as pedras preciosas e o ouro das minas gerais, como a especiaria da Ama-

DNP

zônia, as já famosas "drogas do sertão", se não substituindo totalmente o que desaparecera como contribuição oriental, garantiam a presença portuguêsa nos mercados mundiais. Gado, tabaco, algodão, pescado, complementavam aquela produção exportável que regionalizara econômica e socialmente o Brasil, definindo-o, já àquela altura, como continente e ao mesmo tempo arquipélago.

O conhecimento do que importava todo aquêle gigantesco império sulamericano, que já estava na cogitação de monarcas e outros homens de Estado em Portugal para a eventualidade de uma transferência da séde da monarquia, em face de sucessos perigosos à estabilidade política e à soberania nacionais, era um conhecimento que não estava registrado em textos divulgados. Havia muita informação, contida nas Anuas e Cartas Jesuíticas e em exposições e comunicados de autoridades civis e militares. A cartografia que resultava da expansão territorial e conseqüente reconhecimento da base fisica do Brasil, era uma cartografia meio indecisa, incompleta, aqui e ali fixada apenas pela intuição dos cartógrafos, que não dispunham do necessário para o global e muito também para o particular. Os livros que se haviam escrito com a intenção de revelar eram em número inexpressivo. A limitação que se fazia, na área oficial, no tocante à divulgação, era uma limitação total. A censura ao livro operava-se visando ao que pudesse ferir os sentimentos religiosos, o sistema político vigente, o absolutismo de Estado, e ao que permitisse, ao estrangeiro, um conhecimneto do império, conhecimento perigoso aos interêsses nacionais portuguêses. A política do sigilo, nesse particular, continuava em tôda plenitude.

Defendia-se o Estado do perigo da literatura em conflito com a ideologia governamental, ou útil aos concorrentes na emprêsa colonial. Dai porque o livro de Antonil, "O Brasil, por suas Drogas e Minas", fôra mandado apreender, evitando-se sua circulação. Dai porque, se nada obstara a circulação das "Reflexões sôbre a Vaidade dos Homens", de Matias Ayres Ramos da Silva d'Eça, confiscava-se o primeiro volume dos "Discursos Políticos e Morais" de Feliciano Joaquim de Souza Nunes, apesar de obra dedicada a Pombal, então o detentor do poder no Reino. As "Cartas Chilenas" tinham circulação clandestina e eram manuscritas. A imprensa ainda não existia no Brasil. Portugal contrastava, nesse particular, profundamente com Espanha, que autorizara, em seu império, o funcionamento da tipografia, a impressão de livro e de jornal como publicação periódica.

A inteligência brasileira já se arregimentava, no entanto, preocupada com a realidade da terra onde nascera e com o seu destino. As Sociedades Literárias, ao estilo da época, serviam à aproximação dos que, em vários pontos da colônia, alimentavam preocupações intelectuais. Nelas estudava-se o Brasil. Estudava-se o Brasil como espaço fisico como natureza, como ecumeno: A sociedade em elaboração e em sua ação construtiva, fazendo a história regional, estava na preferência daqueles brasileiros espiritualizados. Uma literatura, que denominamos hoje de academicista, com tôdas as restrições que lhe possamos fazer na análise rigorosa a que a submetermos, escrevia-se com um sentido nacionalista muito expressivo e prenunciante da existência de um estado de consciência, de que alguns movimentos, de rebelião ou de protesto, ocorridos em vários pontos do pais, eram a expressão material mais evidente.

Como conseqüência do diploma de 1750, que fixara a fronteira entre as possessões de Portugal e Espanha na Sulamérica, e mandara efetuar as demarcações, turmas de técnicos nacionais e estrangeiros, no norte e no sul haviam principiado o estudo, no terreno, da base física do império brasileiro. Procedeu-se a uma série de observações astronômicas, levantamentos cartográficos, descritivos e geográficos, que incluiam as condições econômicas e humanas da fronteira. Seria o início daquela curiosidade científica ou para-científica a que nos vimos referindo, e característica do momento, nas duas nações da península.

Em 1778, na direção dos negócios para o ultramar, Martinho de Melo e Castro, que se não era um estrangeirado da terminologia empregada para indicar os que se arriscavam a seguir os pensadores e inovadores da Europa em mudança ideológica, era pelo menos um espírito aberto a certas novidades, essenciais, mesmo, numa fase como aquela da "Viradeira", para a continuidade nacional, decidiu proceder, com maior intensidade, àquele inventário do império. O extremo norte do Brasil, onde uma sociedade mestiça e uma vasta experiên-

ЗИР

cia política de integração estava em marcha, constituia área por conhecer.

Essa experiência começara em 1616, quando Francisco Caldeira de Castelo Branco estabelecera a praça forte do Presépio, que daria origem a Belém, iniciando-se, a seguir, a expansão em direção norte, sul e oeste. A presença portuguêsa fôra antecedida pelos holandeses e inglêses, que, ao longo da costa do Amapá e pelo interior da região até cercanias do Tapajós, haviam plantado fortificações e estabelecimentos mercantís, feitorias que significavam, apesar da insignificância material que apresentavam, a decisão de criar ali espaços novos dos impérios que montavam pelos três mundos em descobrimento.

O que foi a emprêsa portuguêsa, realizada com a cooperação da população aborígene, que, através do processo da mestiçagem, permitiu, de certo modo, a rapidez do empreendimento politico, levou Joaquim Nabuco à frase famosa — "Nada nas conquistas de Portugal sobreleva a conquista do Amazonas". Realmente, com a participação de seis Ordens Religiosas, colonos vindos do Reino e do Nordeste, soldados, servidores civis do Estado, a velocidade da irradiação deu margem à formação de um imenso espaço sob soberania de Portugal, em conflito com os interêsses territoriais da Espanha, que sustentava a validade do Tratado de Tordesilhas, pelo qual aquêle pedaço do Nôvo Mundo lhe pertenceria de pleno direito. Aldeamentos religiosos, onde foi nucleada a multidão gentia, pequenos sítios de colonos, que se lançavam sem receios maiores à exploração do que a floresta lhes rendia, a floresta e o próprio rio, piscoso e fonte de alimentação imediata e fácil, fortins, constituíram o fundamento material do domínio ininterruptamente promovido, de modo a permitir que em 1750 e em 1777, Portugal pudesse sustentar suas razões para justificar o empossamento da região e sua permanência ali. Em quatro livros, pretendi esboçar as linhas centrais dessa experiência de integração — "A Política de Portugal no Vale Amazônico", "Estadistas Portuguêses na Amazônia", "Tempo e Vida na Amazônia' e "Aspectos da Experiência Portuguêsa na Amazônia".

E se de um lado, no processo político de domínio e de exercício de soberania, Portugal organizara administrativamente o extremo norte, dando-lhe certa autonomia e desligando-o do Estado do Brasil para compor o Estado do Maranhão e Grão-Pará, posteriormente denominado Estado do Grão-Pará e Maranhão, de outro, sôbre êle fizera descer sua atenção, mais significativa do interêsse que tinha em sua permanência, fazendo-o estudar ou permitindo que êsse estudo fôsse realizado, estudo que importava num primeiro inventário de suas peculiaridades geográficas, humanas, econômicas e características, tão singulares, de sua natureza. Será suficiente lembrar a obra de frei Cristóvão de Lisboa sôbre a flora e a fauna amazônicas, recentemente editada pelo Instituto da Alta Cultura, a "História dos Animais e Árvores do Maranhão".

O trabalho de frei Cristóvão foi elaborado em fins do século XVII, justamente o século que trouxera Portugal à Amazônia. No seguinte, no decorrer dos trabalhos das demarcações dos limites com os territórios espanhóis, nas instruções baixadas aos que vinham realizar a grande operação, havia uma preocupação intensa para que fôsse sendo inventariada a realidade física regional. José Antônio Landi, professor italiano, a cuja atuação de tanto relêvo devemos os melhores monumentos arquitetônicos da capital paraense, enamorando-se do que a natureza amazônica proporcionava como exotismo e novidade, seguiu as pegadas de frei Cristóvão, e escreveu uma "História Natural do Pará", que permanece inédita na Biblioteca da cidade do Pôrto. Um imenso levantamento cartográfico, acompanhado de vasta informação geográfica, fôra realizada, na oportunidade, como se pode verificar de "A Cartografia da Amazônia", de Isa Adonias, e do segundo volume de "Limites e Demarcações na Amazônia Brasileira", de minha autoria.

Quando, por tudo isso, em 1778, um naturalista brasileiro, o baiano Alexandre Rodrigues Ferreira, foi chamado, por indicação de seu antigo mestre, Domingos Vandeli, que tinha a seu cargo a parte da Reforma Universitária, no particular das ciências naturais, o extremo-norte da colônia não constituía um mundo totalmente ignorado. O que se desejava agora, evidentemente, era a investigação mais conduzida dentro de uma técnica científica, que cobrisse os mais variados ângulos da imensa região.

dkn

Alexandre Rodrigues Ferreira integrava aquela geração de brasileiros a que nos estamos referindo. Fôra aluno distinto na Universidade e lá teria sua iniciação como homem de ciência. Chamado a dirigir a expedição à Amazônia, recebeu instruções, datadas de 29 de agôsto de 1783, mas que, até o presente não foram encontradas. É certo que havia "Breves Instruções aos Correspondentes da Academia das Ciências de Lisboa sôbre as remessas dos produtos e notícias pertencentes à História da Natureza para formar um Museu Nacional", publicadas em 1781. Teriam influído nas que se baixaram? As referências que temos, das instruções expedidas, levam-nos a acreditar, no entanto, que o naturalista deveria proceder, com seus companheiros de jornada, a meticuloso exame das condições, não apenas as da natureza física do extremo norte do império, na Sulamérica, mas muitas outras: um apurado exame daquelas realidades com que se iria defrontar e cobriam a atuação que a humanidade local estava desenvolvendo como fôrça disciplinadora da natureza exuberante. Tratava-se, portanto, de uma verificação da mais alta envergadura, que refletia um objetivo de Estado e confiança muito grande naquele jovem brasileiro de 22 anos. Tarefa semelhante seria confiada, já nos albores do século XIX, a outro servidor de Portugal, o tenente-coronel Francisco Ricardo Zany, cujos comunicados também permanecem inéditos, êstes, porém, na Seção Histórica do Arquivo Público do Pará.

Alexandre Rodrigues Ferreira, ou o Dr. Alexandre, como passaram a chamá-lo, viajou para a Amazônia em 1780. Em "A Amazônia vista pelo Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira", procurei traçar um retrato da região no momento em que o naturalista com ela tomou contato. Surprêso com o que seus olhos indagadores logo enxergaram, confessaria, sem mais rodeios, para Lisboa, ao Ministro Martinho de Melo, seu deslumbramento — "a terra em si é um Paraíso". E a seguir, à verificação da exuberância que o meio apresentava — "aqui mesmo são tantas as produções que eu não sei a que lado me volte". Êsse deslumbramento, que é muito natural em quem se encontra pela primeira vez com a Amazônia, êle nunca deixaria de registrar, numa paixão pela terra que lhe causava a maior emoção de sua vida de homem de ciência, de pesquisador de campo, à oportunidade admirável de ser, com aquela potencialidade de conhecimentos que o haviam credenciado para a emprêsa, o pioneiro, entenda-se bem, pioneiro na compreensão global e ao mesmo tempo particular do que a natureza variada, rica, gigantesca lhe permitia examinar, numa contribuição sensacional para o conhecimento perfeito do que valia o Nôvo Mundo, ainda em disputa pela Europa, mas já em marcha visível para a conquista de sua soberania.

Entre outubro de 1783 e janeiro de 1792, portanto durante quase dez anos, sua vida se realizou, sem desfalecimentos, e com o mesmo entusiasmo e correção no comportamento, no estudo da Amazônia, vendo-lhe, com olhos de ver, sua paisagem fisica, sua flora, sua fauna, sua humanidade indigena, seus habitantes mestiços ou reinóis, no esfôrço por humanizar a região, sua lavoura, seu extrativismo vegetal, animal e mineral, suas endemias, seu clima, seus problemas com a vizinhança, sua história política, seu processo de urbanização, sua indústria, seus hábitos e costumes, suas desventuras, as técnicas que todos adotavam para vencer a hostilidade regional, na decisão de triunfar sôbre as resistências daquele gigantesco espaço tropical, onde se fazia uma experiência de tão grandes dimensões.

O que produziu, viajando pelas cercanias de Belém, pelo Tocantins, Amapá, Marajó, rios Negro, Branco, Madeira, Cuiabá, e cercanias, revelando o cientista consciente de seus devêres e sob a paixão e os impulsos de sua vocação para a pesquisa de campo, insista-se sempre nesse aspecto de sua atuação, em trato direto com a natureza, vai ser constatado agora com a edição de suas memórias, seus diários, e as estampas da "Viagem Filosófica", que comandou e alcançou o êxito que hoje todos proclamamos.

Sua atividade era sem limitações de qualquer espécie. Traçara-se, antes de deixar Lisboa, regras para que pudesse alcançar sucesso, regras de acôrdo com o que imaginava ser a Amazônia, os tempos novos que a ciência renovada estava impondo, regras para que sua conduta fôsse de acôrdo com os objetivos da "Viagem". É tempo de assinalar que, se assim procedia, não estava só na tarefa. Três companheiros decididos, os desenhadores Joaquim José Codina e José Joaquim Freire, e o jar-

ЗИР

dineiro-botânico Agostinho Joaquim do Cabo compunham a equipe selecionada, responsável pela operação, que exigia, não apenas dedicação, mas um poder de adaptação especial e uma série de conhecimentos especializados, indispensáveis para a verificação do que ia sendo descoberto ou indicado para o estudo complementar, posterior. Os riscos que divulgamos, de uma perfeição inexcedível, como os descritivos de tudo quanto foi observado ou coletado, valem como comprovação idônea, irrecusável, inquestionável, da excelência do trabalho realizado.

Botânico, zoólogo, antropólogo, sociógrafo, geógrafo, historiador, sob êsses variados ângulos poderemos examinar a produção do Dr. Alexandre e de seus companheiros de jornada. Sob êsses variados ângulos, que custa acreditar pudessem constituir atividade de um homem, mesmo com aquelas aptidões especialíssimas do Dr. Alexandre, como foi expressiva e ampla essa atividade! Nem porque assim procedesse, deixou o naturalista de receber restrições. Desejando verificar o que marcava o Japurá, pretendeu ir àquele curso afluente do Solimões, descumprindo as instruções que lhe mandavam dirigir-se, do Rio Negro ao Madeira, para atingir a Capitania de Mato Grosso. Sofreu, então, uma reprimenda, expedida de Lisboa, reprimenda que não deixou passar sem a sua explicação imediata. Estava, no descumprimento das instruções, melhor servindo a Sua Majestade e aos interêsses da ciência com a viagem pretendida, que não pôde, no entanto, realizar, para revelar sua disciplina. Mais tarde, a mesma autoridade que lhe fizera as observações, o Ministro do Ultramar, Martinho de Melo, como que repondo as coisas em seus devidos lugares, e em reconhecimento à extraordinária missão de que se desincumbia o naturalista, fêz-lhe o elogio reparador.

Sua obra não foi, entretanto, divulgada após a "Viagem", o que permitiu a outros, que vieram após, as glórias de tantas descobertas. Sucederia o mesmo a Mutis e Caldas, que, na mesma oportunidade, efetuavam trabalho idêntico para Espanha, na Venezuela, Colômbia e Equador.

Vem muito a propósito, por isso, a pergunta — e que papel teria representado realmente o Dr. Alexandre no quadro em renovação da ciência do seu tempo? Almir de Andrade, em conferência publicada na série "Viagem Filosófica", do Instituto de Pesquisas da Amazônia, conferência em que examinou a "introdução do método científico nos estudos sociais do Brasil com a contribuição do Dr. Alexandre'", escreveu: "Com Alexandre Rodrigues Ferreira é que realmente se inicia o período dos viajantes naturalistas, que depois percorreram o Brasil de norte a sul e lançaram os fundamentos de um estudo científico sistematizado da nossa fauna, flora, clima, geografia, bem como das nossas populações e das nossas possibilidades econômicas.

Graças à sua formação intelectual na Universidade de Coimbra, naquela fase de reformas revolucionárias, trouxe Alexandre Ferreira, para o Brasil, um cabedal científico considerável. Possuia, além disso, grande capacidade de observador e uma capacidade extraordinária de pesquisa. Prova-o a imensidade da sua obra e o valor das observações que nos legou. Pode-se dizer que o estudo da etnografia indígena do Brasil assumiu, pela primeira vez, caráter científico, com Alexandre Rodrigues Ferreira. Suas monografias são quase sempre acompanhadas de desenhos, executados por hábeis desenhistas que o acompanharam na expedição — desenhos de objetos de uso entre os índios, máscaras, ornamentos, cabeças, plantas, animais etc. Infelizmente, muitos dêsses desenhos se perderam, tendo tido sorte igual à de vários dos seus escritos".

"Cognominaram-no alguns o "Humboldt Brasileiro" e não sem razão. Foi um precursor dos grandes estudos científicos, que só se iriam desenvolver no Brasil durante o século XIX. Suas contribuições para a etnografia e a história natural do nosso país rivalizam, sob muitos aspectos, com as de um Saint-Hilaire e as de um Martius; superam as que já possuíamos do século XVII com o legado holandês de Piso e Marcgrav — embora êstes dois sábios tenham pesquisado mais do que o baiano nos domínios da botânica e da medicina naturalista."

"Dentro dos limites dos recursos científicos do século XVIII, Alexandre Rodrigues Ferreira foi um ecólogo — no sentido que hoje damos a êsse vocábulo — e dos mais eminentes. Soube apreciar admiràvelmente as relações entre o homem e o meio, entre o índio, o colono e o seu *habitat*."

Emanuel Martins, Luiz Emigdio de Melo Filho, João Moogem de Oliveira e Luiz de Castro Faria, quatro naturalistas do Museu Nacional, estu-

دار الكتب

daram a contribuição do Dr. Alexandre na geologia, na botânica, na zoologia e na etnologia. Como o Dr. Olímpio da Fonseca, a contribuição para o conhecimento da patologia brasileira. Anteriormente, o Dr. Alfredo da Mata, em Manaus, já assinalara a contribuição do cientista na identificação do beriberi que tantas vítimas faria na Amazônia, na fase intensa do *rush* da borracha.

Em Portugal, Bitencourt Ferreira, Santos Júnior, Carlos França, Tavares da Silva, Américo Pires de Lima, divulgando correspondência, examinando o material da "Viagem", já divulgado aqui e ali, não se afastaram dos louvores ou do reconhecimento que se vem fazendo, unânimes todos em reclamar para o Dr. Alexandre, pelo que efetuou como naturalista, a posição que lhe cabe como pioneiro capaz, de que o Brasil se pode muito justamente orgulhar.

Dissemos atrás que de sua obra pouco fôra divulgado. É momento de referir que, levada à Lisboa, teria sido alvo do interêsse prejudicial de Geoffroy de Saint-Hilaire, naturalista francês, que por ocasião da ocupação francêsa do Reino pelas tropas napoleônicas, por determinação superior teria procedido a verdadeiro saque nos originais e coleções da "Viagem Filosófica". O assunto vem sendo objeto de estudo acurado. Em Portugal, Pedro de Azevedo, Bittencourt Ferreira e Silva Carvalho, à luz de vasta documentação, estão fixando a verdade sôbre os excessos por que se fêz aquela afirmação. Não ocorreu o saque. O que Geoffroy fêz foi, com licença das autoridades locais, inventariado o material que se guardaria na Ajuda e no Museu de História Natural, material que permanecia, no caso de "Viagem Filosófica', ainda encaixotado em sua quase totalidade, foi obter peças, levadas à França, em porção mínima. Essa retirada de material, referem aquêles autores, vinha, aliás, sendo efetuada muito antes da invasão francêsa. Ao que parece, o que ocorria era o que hoje ocorre com tanta freqüência: cessão de material de uma instituição à outra.

O Conselho Federal de Cultura, iniciando, pelas estampas, a divulgação, ordenada e anotada, da "Viagem Filosófica", cumpre decisão de seu Plenário quando, consciente da extraordinária importância da obra do Dr. Alexandre, deliberou a referida edição, que tardava, era incompreensível essa tardança impondo-se o pagamento de dívida contraída pelo Brasil com aquela admirável figura de homem de espírito e de pesquisador nato, que nêle encontramos.

Rio de Janeiro, 15 de maio de 1970

Arthur Cezar Ferreira Reis

Presidente do Conselho Federal de Cultura

BNF

INTRODUÇÃO

Alexandre Rodrigues Ferreira nasceu na Bahia em 27 de abril de 1756. Após receber seus primeiros ensinamentos, ingressou na carreira eclesiástica, sendo lhe conferido as primeiras ordens clericais em 20 de setembro de 1768, matriculando-se, logo a seguir, na Cadeira de Instituta Universidade de Coimbra. Nessa Universidade exerceu a função de Preparador de História Natural, até o seu regresso para Lisboa em 15 de julho de 1778, época em que foi indicado por Domingos Vandelli para cumprir missão de ultramar, a pedido de Martinho de Mello e Castro, Ministro e Secretário de Estado de Negócios e Domínios Ultramarinos. Antes de iniciar sua nova tarefa, realizou trabalho sôbre a Mina de Carvão de pedra de Buarcos.

Em Janeiro de 1779 doutorou-se pela Universidade de Coimbra, passando a trabalhar no Real Museu D'Ajuda, pôsto que manteve até 1783. A Real Academia das Ciências de Lisboa acolheu-o como membro correspondente em 22 de maio de 1780.

Nomeado em princípios de 1783, "para na qualidade de naturalista", segundo nos afirma Manoel José Maria da Costa e Sá (1818), empreender a VIAGEM FILOSÓFICA PELAS CAPITANIAS DO GRÃO-PARÁ, RIO NEGRO, MATO GROSSO E CUIABÁ, no reinado de Dona Maria I, partiu para Belém do Pará, em setembro de 1783, na charrua Águia e Coração de Jesus, com a missão de recolher e aprontar todos os produtos dos três reinos da natureza que encontrasse e remetê-los ao Real Museu de Lisboa, bem como fazer particulares observações filosóficas e políticas acêrca de todos os objetos da viagem.

Chegando ao Pará em outubro, iniciou seus estudos pela grande Ilha de Joannes ou Marajó, indo a seguir a Cametá, Baião, Pederneiras e Alcobaça. Em fins de 1784 partiu para o Rio Negro, que percorreu até a fronteira, regressando para subir o Rio Branco até a Serra de Canauaru ou Nevada, retornando a Barcelos, então capital da Capitania de São José do Rio Negro.

Em fins de agôsto de 1788 deixou Barcelos para subir o Rio Madeira e, a seguir o Guaporé, atingindo Vila Bela, a capital de Mato Grosso, em 1789 após 13 meses de viagem, durante a qual foi acometido de severa malária. Seguiu para a Vila de Cuiabá em 27 de junho, descendo pelo rio dêste nome ao de São Lourenço e Paraguai.

Retornando ao Pará, chegou a Belém em janeiro de 1792, a fim de regressar a Portugal. Ao saber que nada havia sido pago ao capitão Luiz Pereira da Cunha, que remetera todo o material da expedição para a Côrte, despesa essa considerável, com a qual, segundo êle, poderia dotar uma filha, afirmou Alexandre Rodrigues Ferreira àquela autoridade: "Isso não servirá de embaraço a seu casamento; eu serei quem receba essa sua filha por mulher." E assim o fêz, casando com Dona Germana Pereira de Queiroz Ferreira em 16 de setembro de 1792.

Regressou a Lisboa em janeiro de 1793, sendo nomeado Oficial da Secretaria, Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos. No ano seguinte foi condecorado com a Ordem de Cristo em 25 de julho e assumiu o cargo de Diretor interino do Real Gabinete de História Natural e Jardim Botânico em 7 de setembro. Passou a Vice-Diretor em 11 de setembro de 1795, ano em que foi designado, ainda, Administrador das Reais Quintas e posteriormente Deputado da Real Junta de Comércio.

Já no fim de sua vida, em 24 de julho de 1807 lhe foi dado propriedade de um Ofício na Alfândega do Maranhão. Faleceu em Lisboa a 23 de abril de 1815.

Acompanharam Alexandre Rodrigues Ferreira, na "Viagem Filosófica", dois desenhistas: Joaquim José Codina e José Joaquim Freire, além do jardineiro botânico Joaquim do Cabo.

Em julho de 1815 foram entregues a Felix de Avelar Brotero, por Dona Germana, para ser conservado no Real Museu de Ajuda, os papéis e manuscritos, pertencentes à Viagem, devidamente catalogados por Antônio de Azevedo Coutinho, com 18 fôlhas não numeradas.

A fim de que o Conselheiro Manoel José Maria da Costa e Sá, opinasse sôbre a publicação do acervo deixado por Alexandre Rodrigues Ferreira, foram os manuscritos, desenhos, plantas e demais papéis da Viagem Filosófica transferidos para a Real Academia das Ciências.

Com intuito de dar divulgação à obra, deveriam os manuscritos vir para o Brasil, segundo se

ЗИР

diz, por ordem do Govêrno Português. A história da vinda dêsses manuscritos e de sua completa debandada, segundo Alfredo do Valle Cabral (1876) "é bem curiosa, mas não cabe aqui narrá-la: acresce que, contá-la equivaleria a ofender sem dúvida algumas dezenas de suscetibilidades, e tal não é o nosso intuito". O Ministro do Brasil em Lisbôa, Antônio de Menezes Vasconcellos Drummond, enviou para o Rio de Janeiro cinco volumes que encerraram 912 estampas, acreditando-se que tôdas elas foram copiadas dos originais ainda em vida de Alexandre Rodrigues Ferreira e provàvelmente, sob sua direção, no Real Museu da Ajuda, e passam, por conseguinte, na opinião de Valle Cabral, como autênticas. Outros códices, segundo ainda Valle Cabral, "uns todos escritos da própria mão do autor e outros por letra de seu amanuense, mas que trazem correções e acrescentamentos do próprio punho do naturalista, ou sua assinatura autografa", também acham-se na Seção de Manuscritos de nossa Biblioteca Nacional.

Ao todo, foram encontrados, no inventário original de Antônio Azevedo Coutinho, 57 obras: Memórias, Notícias, Diários de Viagem, Prospectos, Relações, Observações Gerais, Descrições etc. pertencentes à "Viagem Filosófica". Além dessas, incluem-se 17 outras não pertencentes à "Viagem" e 29 outras, que embora, sem indicação do nome de Alexandre Rodrigues Ferreira, não trazem a de nenhum outro autor, sendo que pela natureza e outros argumentos se devem atribuir ao naturalista, segundo Manoel José Maria da Costa e Sá (1818), totalizando 103 obras, das quais 86 poderão ser consignadas à "Viagem Filosófica". José Honório Rodrigues (1925), registra 89 obras atribuídas a Alexandre Rodrigues Ferreira, além de 44 cartas, requerimentos, ofícios, representações, solicitações, memórias etc. e mais 69 documentos sôbre as obras de Alexandre Rodrigues Ferreira e 9 documentos em manuscrito, pertencentes a outras instituições brasileiras ou de localização desconhecida, num total de 211 trabalhos, referindo-se à "Viagem Filosófica" até 1952.

Segundo José Honório Rodrigues (1952) "a publicação das obras de Alexandre Rodrigues Ferreira é um ideal longamente mantido pelos melhores espíritos da cultura brasileira". Nesse sentido, a Câmara dos Deputados, pelo Projeto nº 629 de 17 de outubro de 1949, abriu um crédito de Cr$ 500,00 destinado à reprodução, pelo Ministério da Educação e Cultura, dos manuscritos da "Viagem Filosófica". Novamente o Projeto nº 560 de 4 de junho de 1951, do Congresso Nacional, mandou abrir, no Ministério da Educação e Cultura, um crédito de um milhão e quinhentos mil cruzeiros antigos, a serem distribuídos em parcelas de 300 mil cruzeiros durante 5 anos, para imprimir as obras completas do naturalista, através de proposição dos deputados Coutinho Cavalcanti, Afonso Arinos de Melo Franco e Nelson Carneiro. A Lei nº 1.706, de 22 de outubro de 1952, também autorizou o Poder Executivo a imprimir as obras de Alexandre Rodrigues Ferreira. Nenhuma dessas iniciativas foi coroada de êxito.

A Comissão do Ministério da Educação e Cultura que tinha a seu cargo a organização das obras do naturalista, conforme Portaria nº 241, de 2/8/55, *ex vi* da Lei nº 1.706, tendo em conta o interêsse demonstrado pelo então Diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Professor Olympio Ribeiro da Fonseca Filho, em avocar para êste Instituto o empreendimento, assim como a capacidade científica e financeira do INPA para realizá-lo, resolveu propor ao MEC fôsse dada por finda a atividade da Comissão e deferida a pretensão do Instituto. Tal fato foi aceito pelo Ministro e comunicado ao INPA pelo ofício nº 983/55, de 20/12/55. Composta dos Professôres João Ribeiro Mendes, George Agostinho da Silva e Glória Marly Duarte Nunes de Carvalho Fontes, procedeu o inventário dos códices, não tendo, todavia, continuado o trabalho, por escassez de recursos.

Coube ao Conselho Federal de Cultura retomar essa determinação, tantas vêzes projetada e não executada, salvo casos especiais, em que algumas monografias ou memórias foram reproduzidas em publicações brasileiras. Êsse o fundamento da presente edição.

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1970.

José Candido de Melo Carvalho, Ph. D.

Professor Titular — Museu Nacional

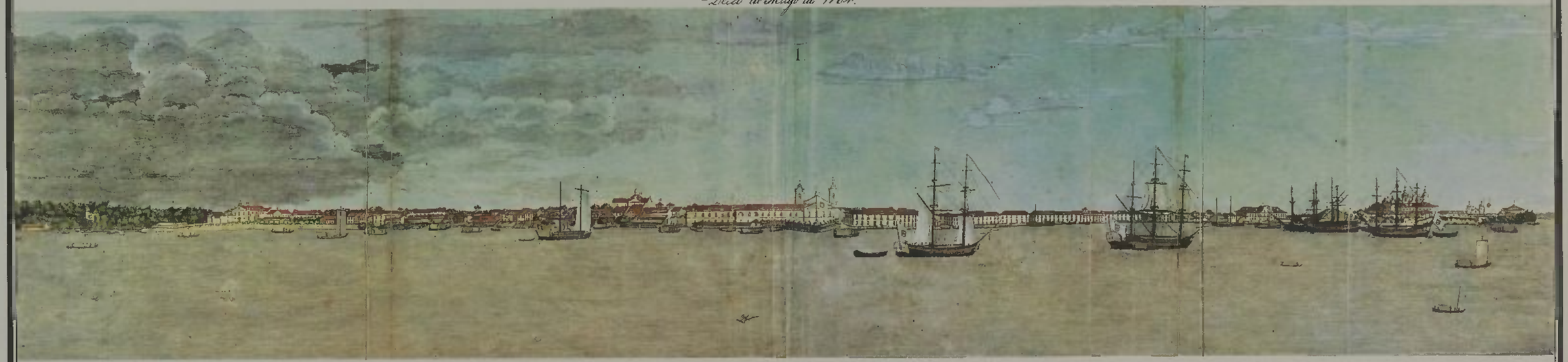
ZWP

GEOGRAFIA

ОБОРОТ

Prospecto da Cidade de S. Maria de Belem do Grão Pará.

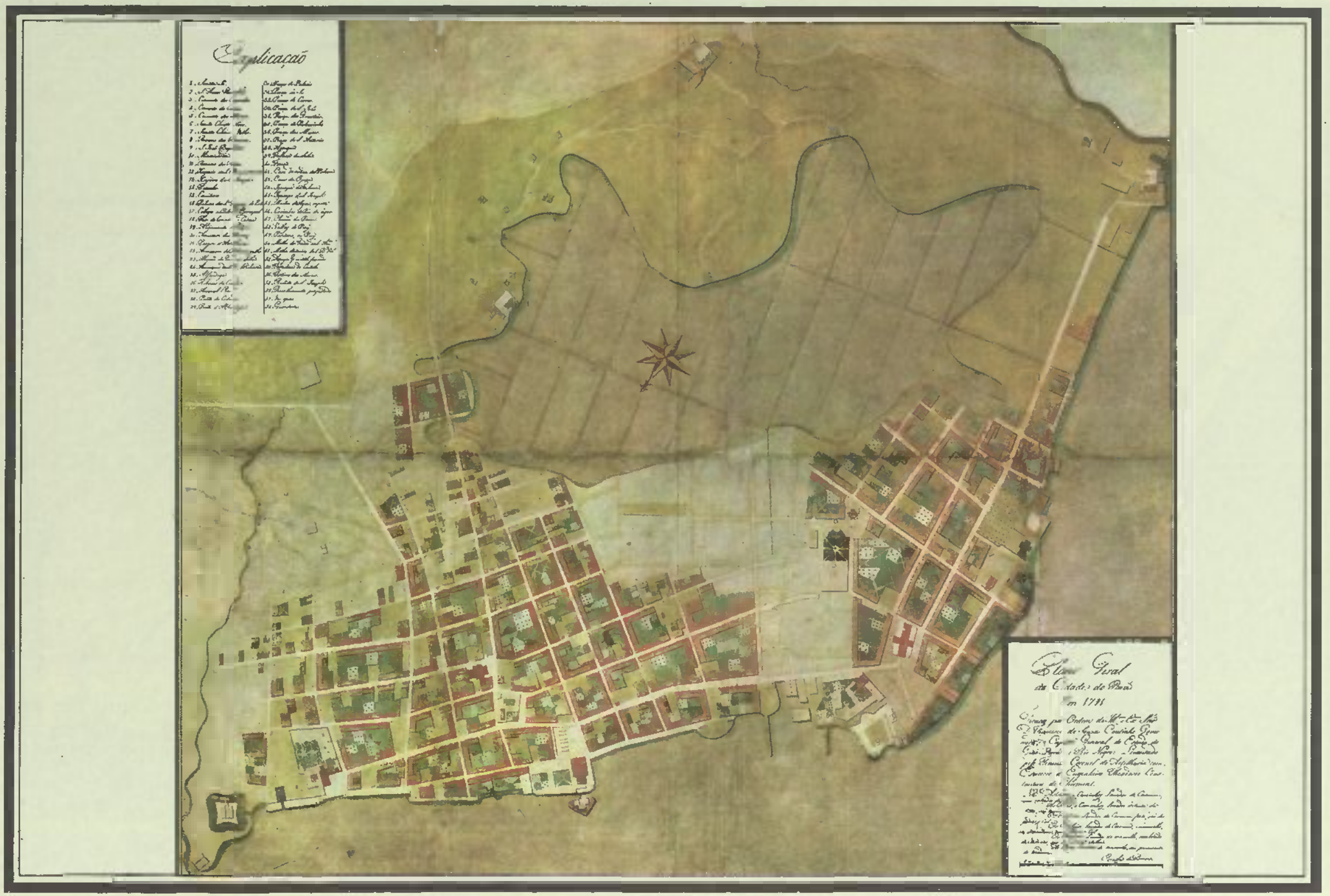
De 20 de Mayo de 1784.



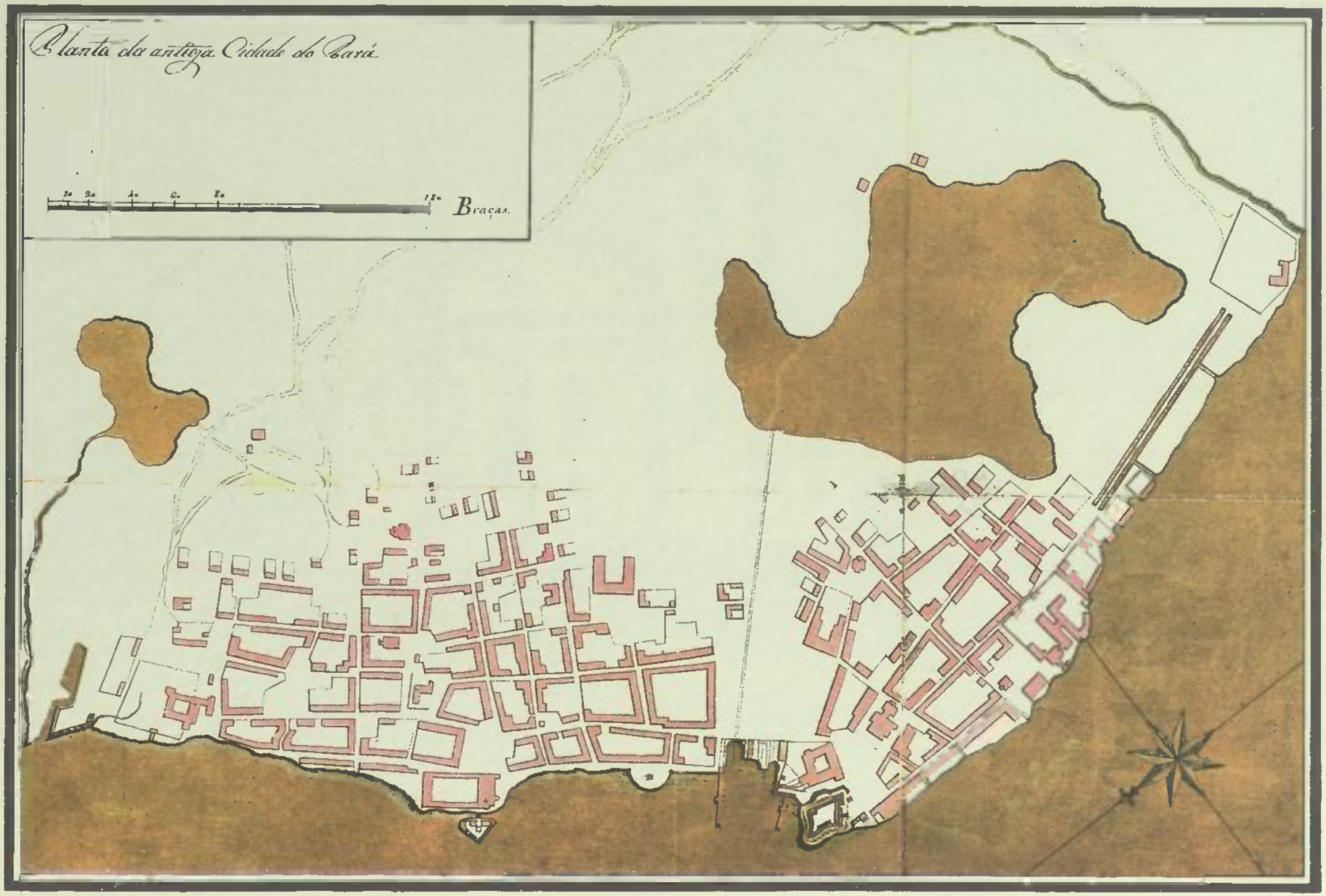
O fortunatæ, quarum jam mœnia surgunt!

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

VIAGEM FILOSÓFICA



PLANTA GERAL DA CIDADE DO PARÁ (1791)



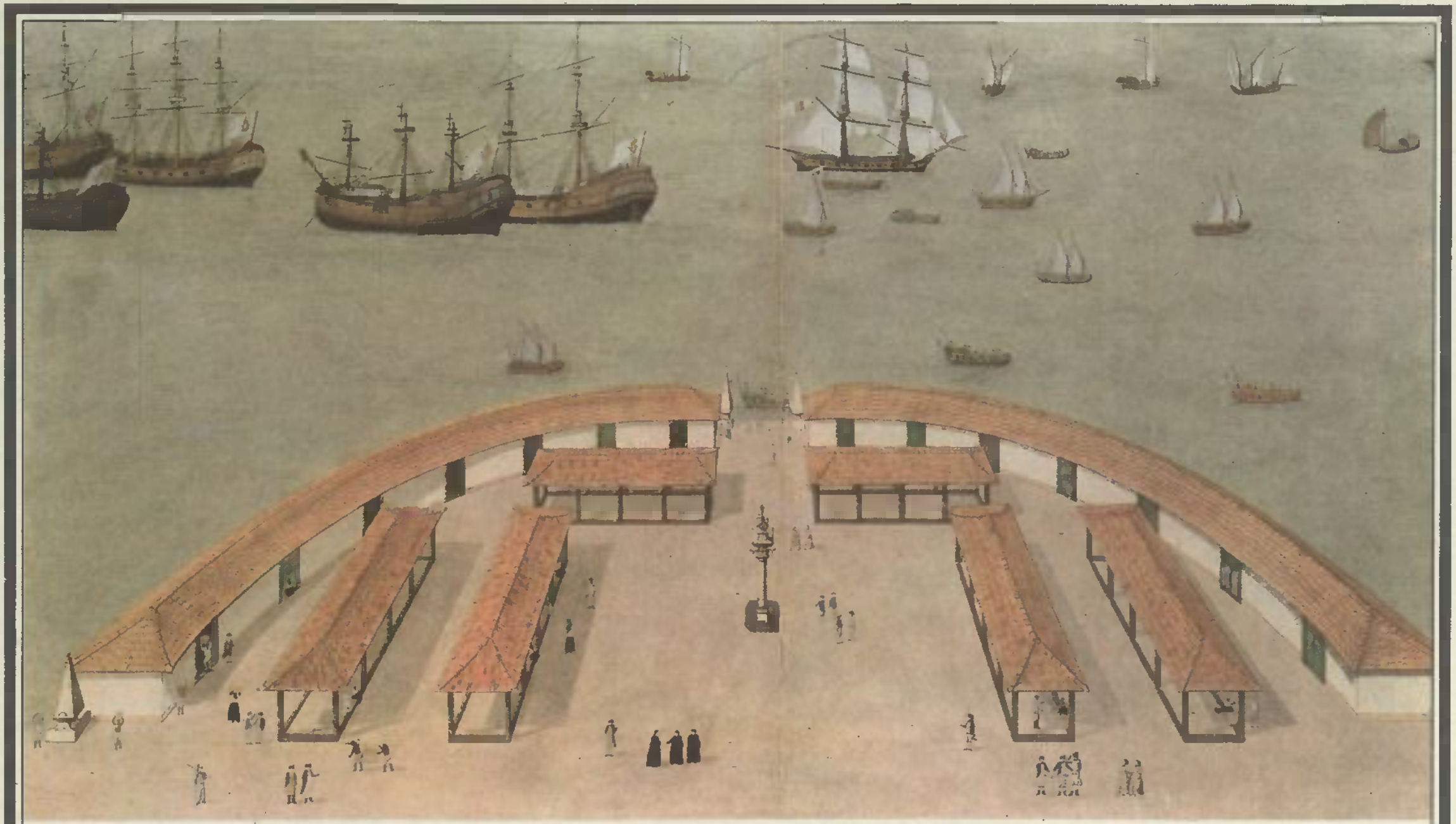
PLANTA DA ANTIGA CIDADE DO PARÁ

DNB



IGREJA E PRAÇA DAS MERCÊS. BELÉM

BNP



Prospecto da nova Praça do Pelourinho, mandada fazer pelo Gov.r e Cap.m General D. Francisco de Souza Coutinho.

Representa a sahida do novo bergantim de guerra N.º 1, que o mesmo fez construir.

PRAÇA DO PELOURINHO E BARCOS DE GUERRA

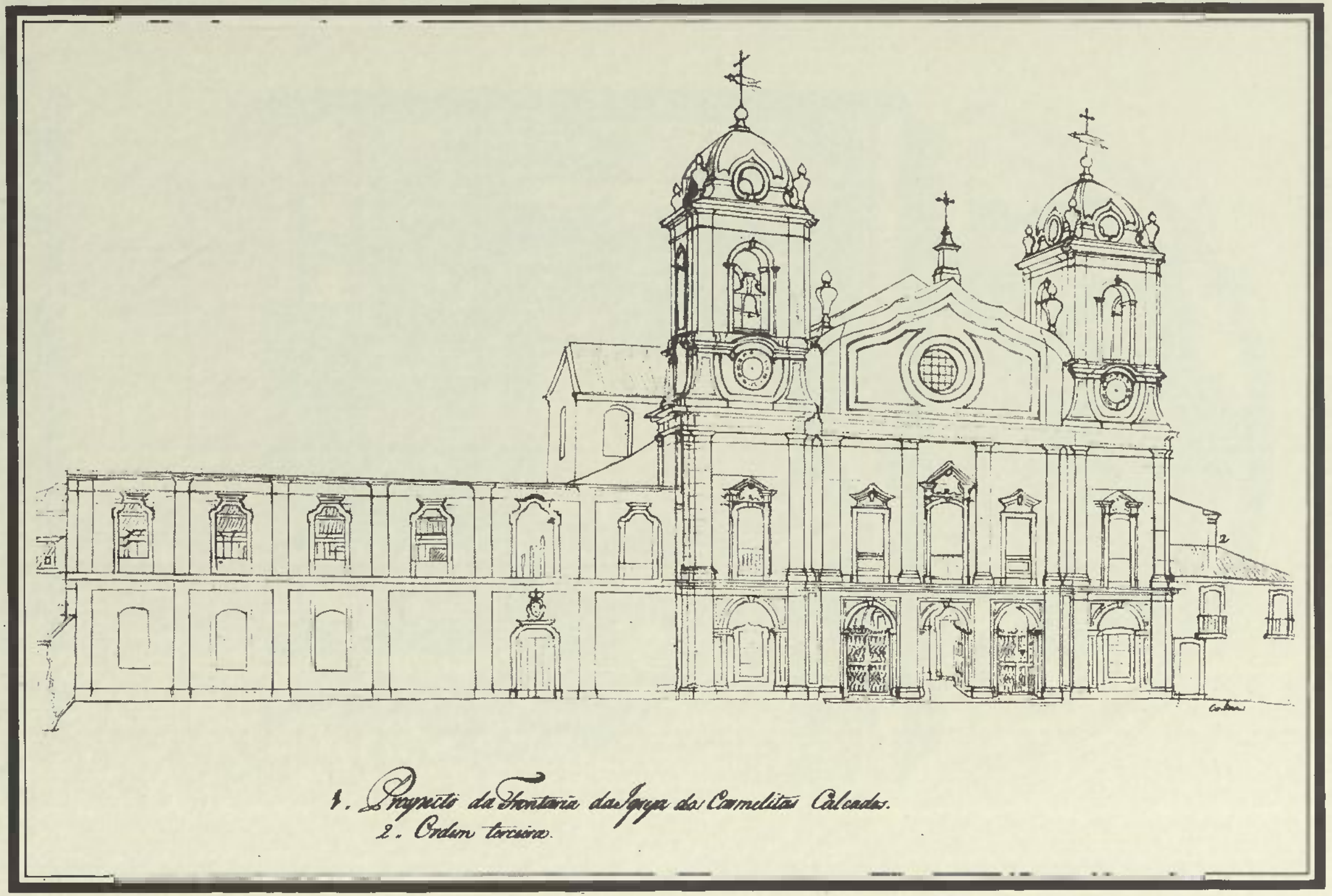
BWP



Prospecto da Frontaria da Igreja da Sé.

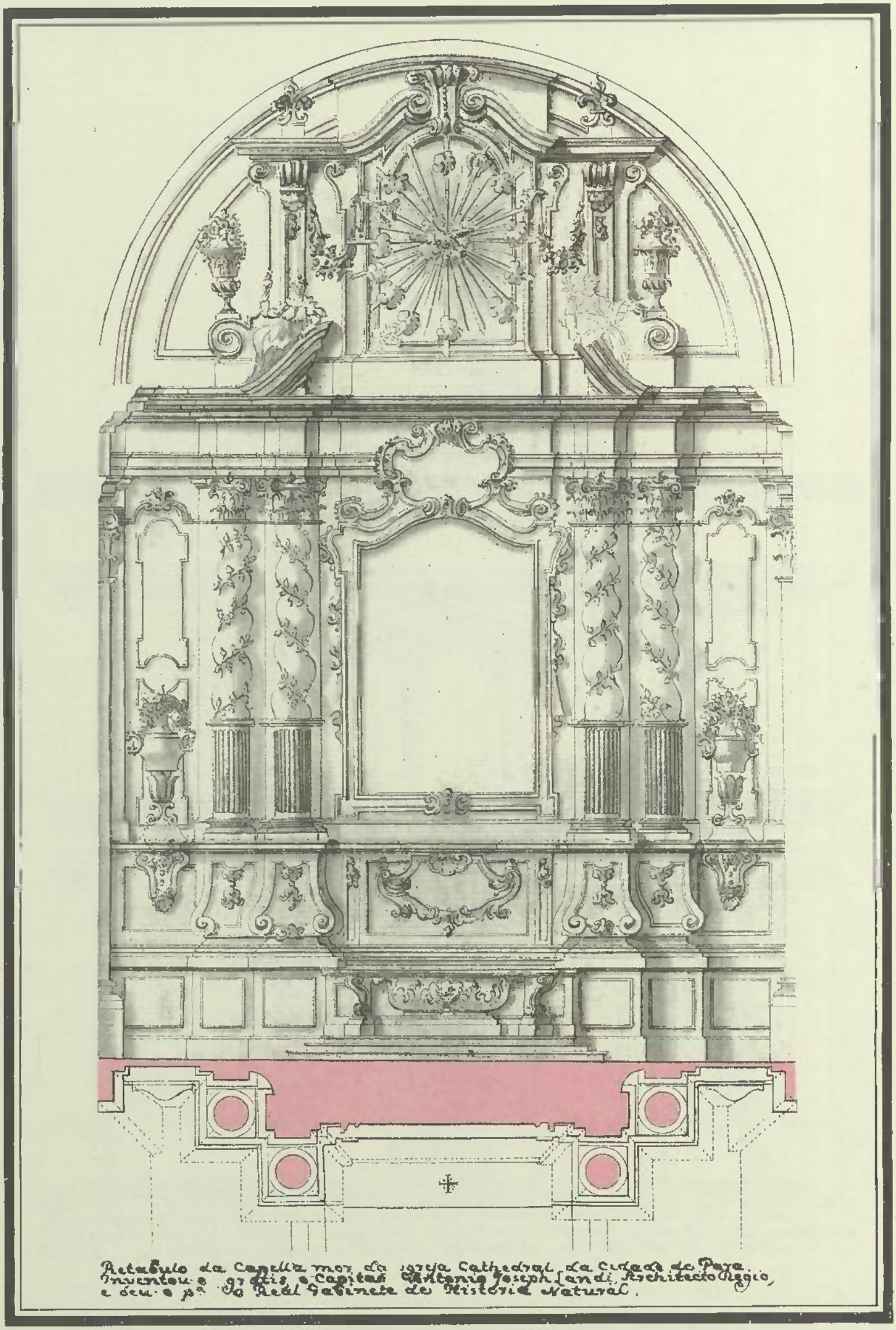
FRONTARIA DA IGREJA DA SÉ



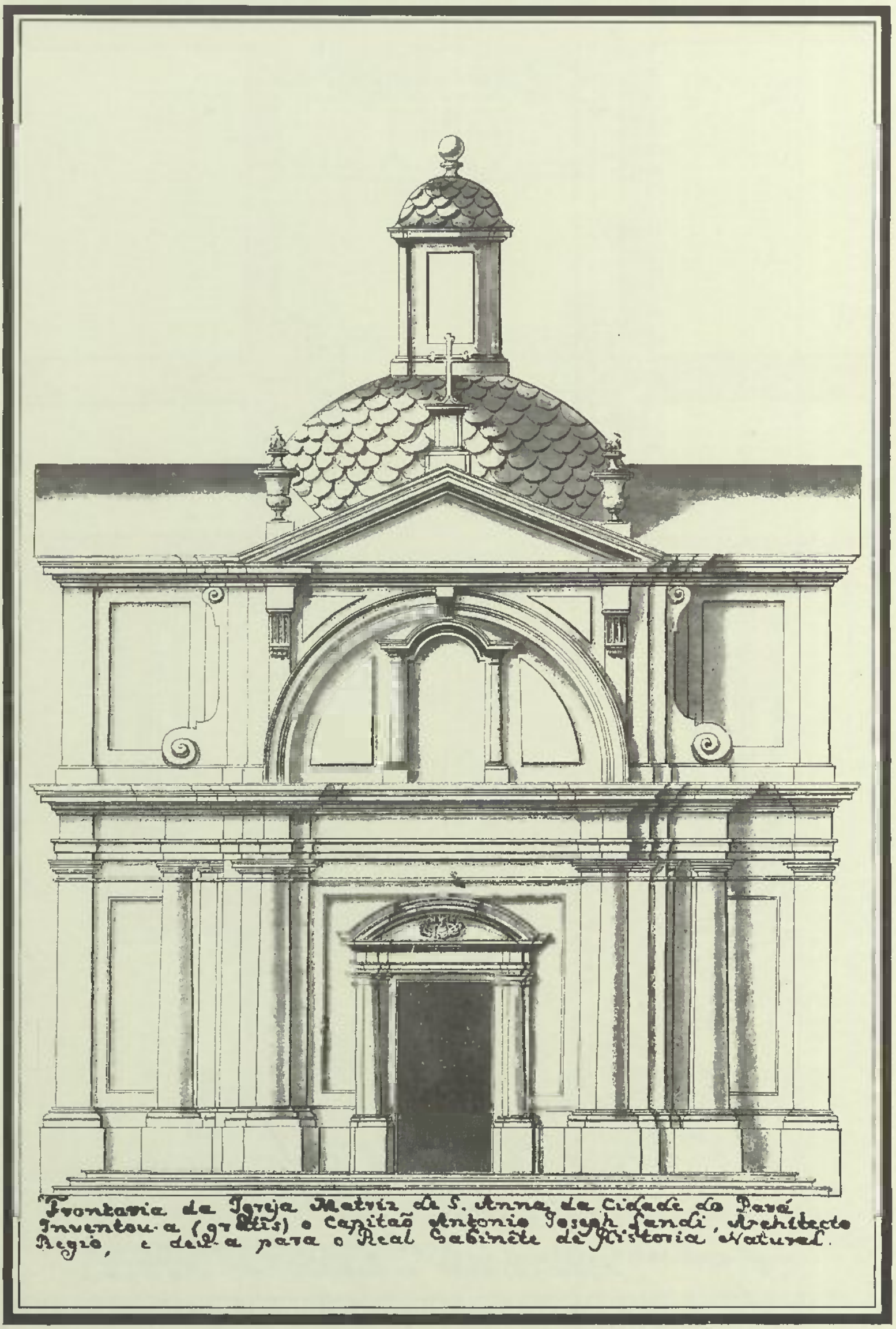


1. Prospecto da Frontaria da Igreja da Carmelitas Calçados.
2. Ordem terceira.

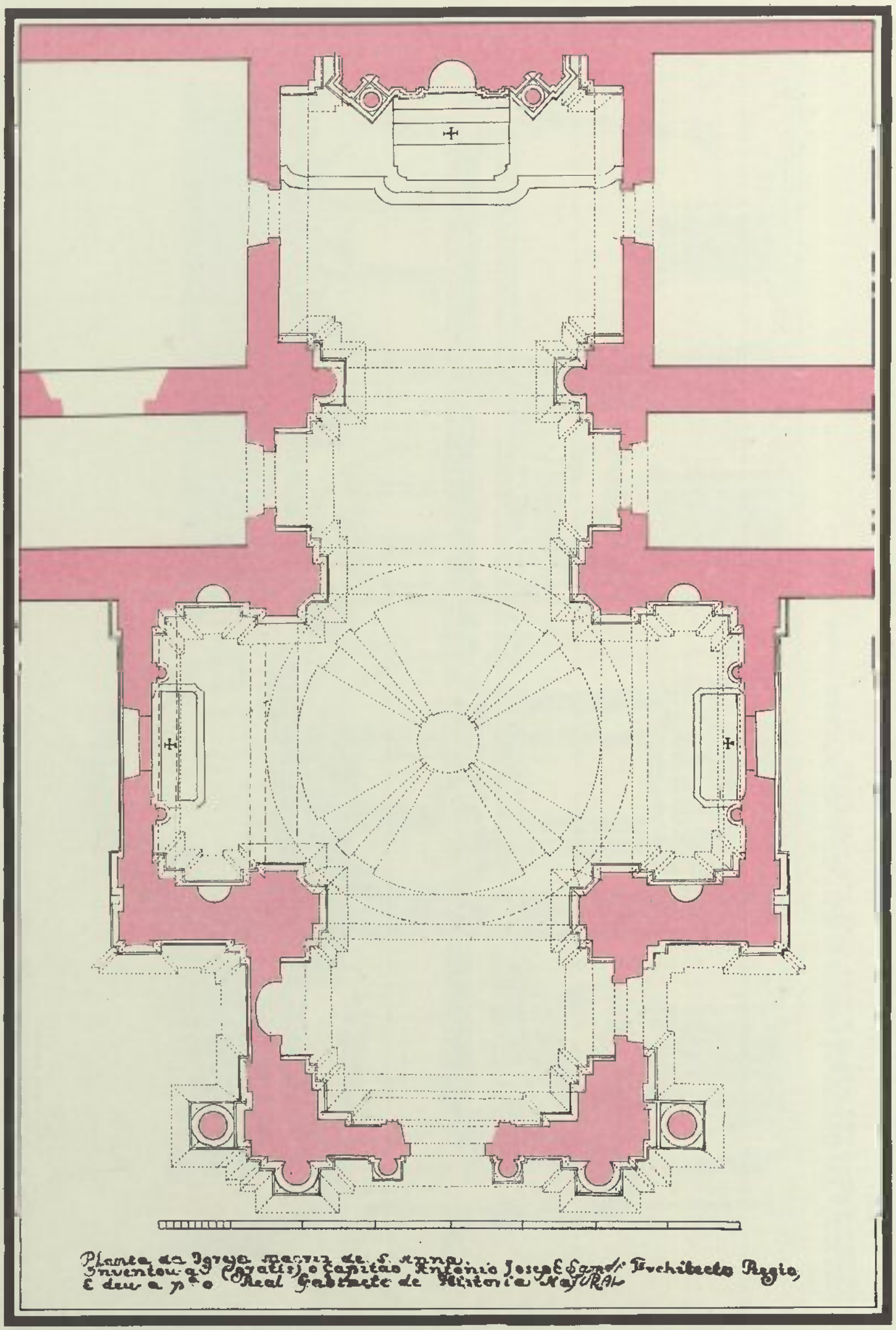
PROSPETO DA IGREJA DOS CARMELITAS CALÇADOS



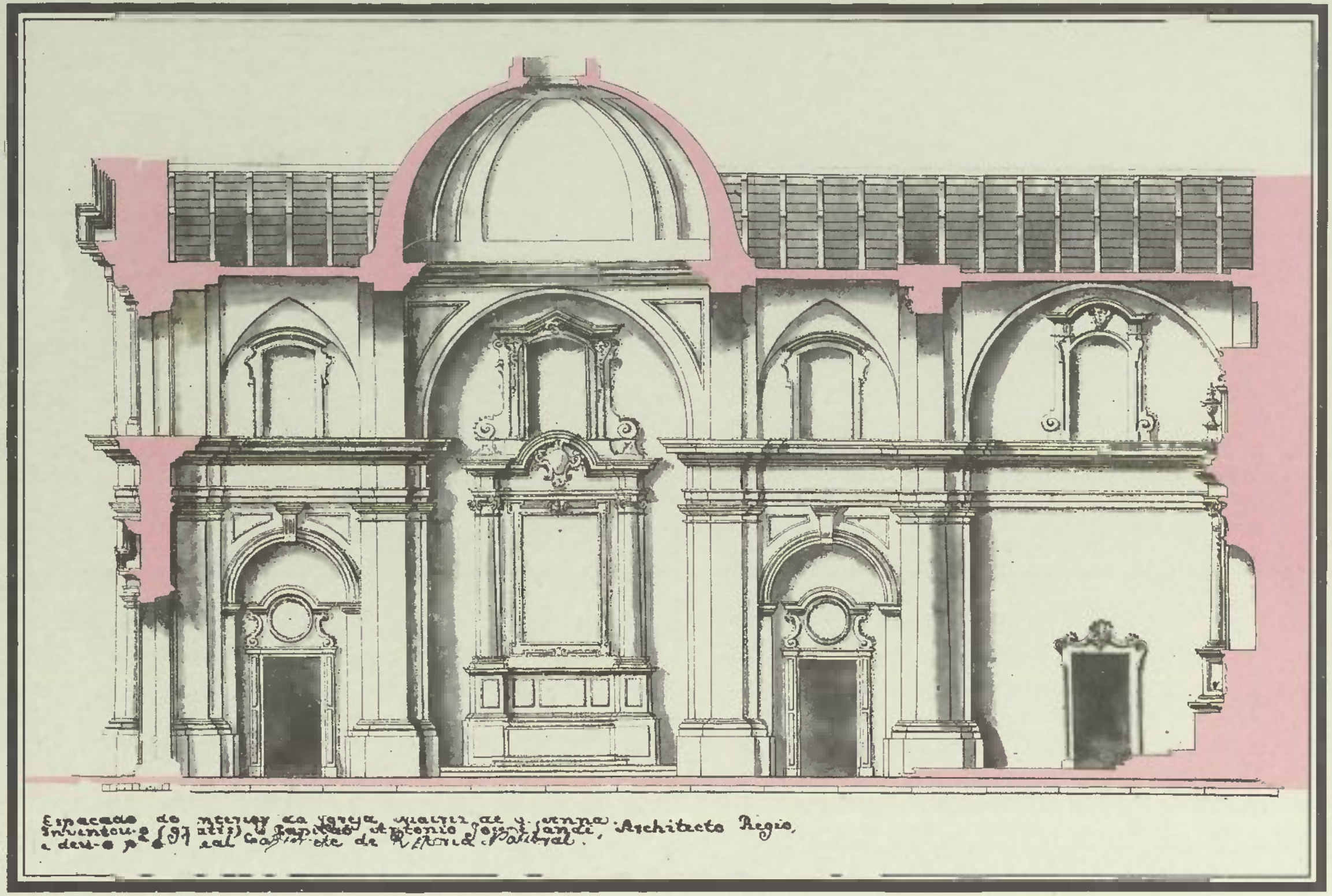
RETÁBULO DA CAPELA-MOR DA CATEDRAL DE BELÉM



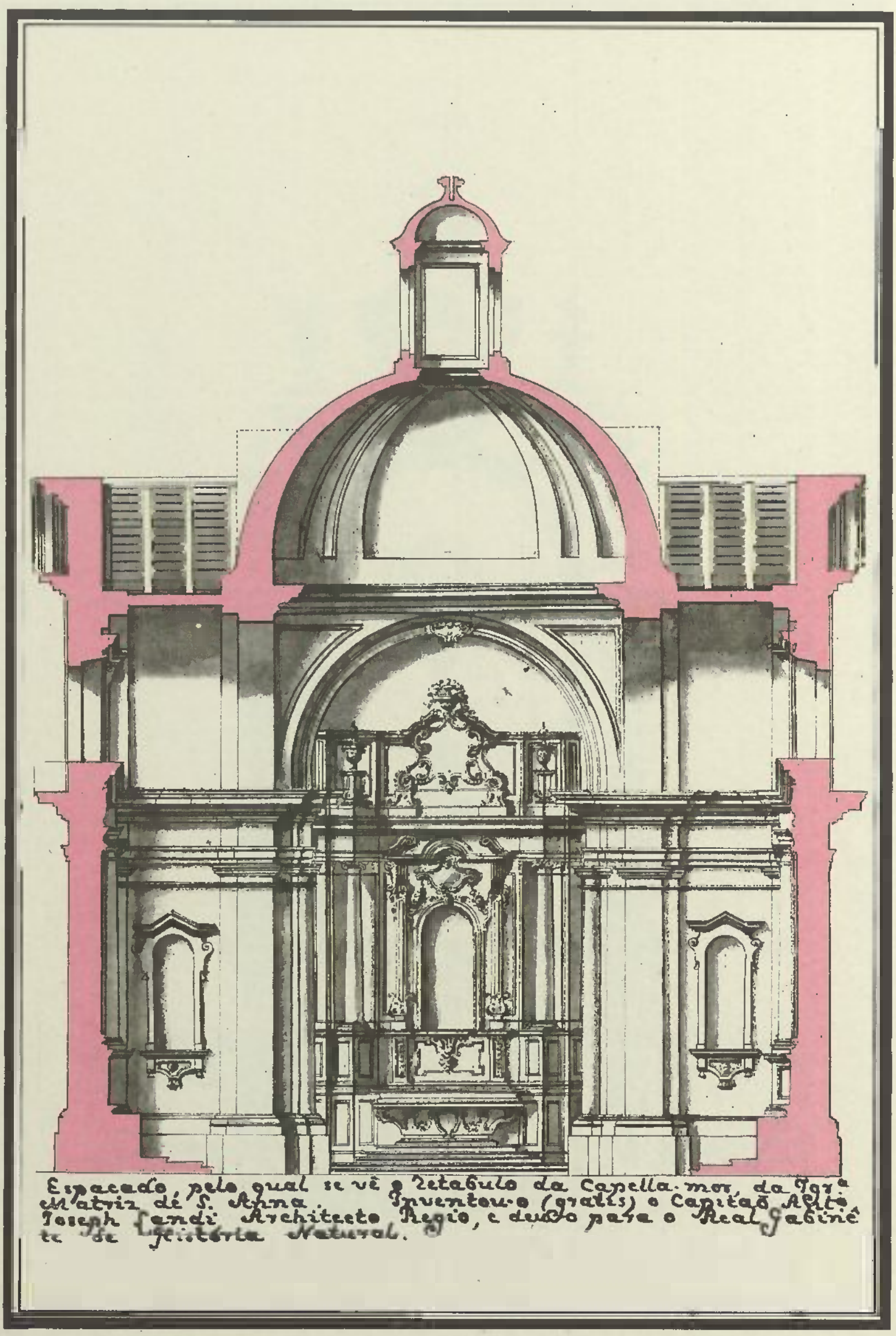
FRONTARIA DA IGREJA MATRIZ DE SANTA ANA



PLANTA DA IGREJA MATRIZ DE SANTA ANA



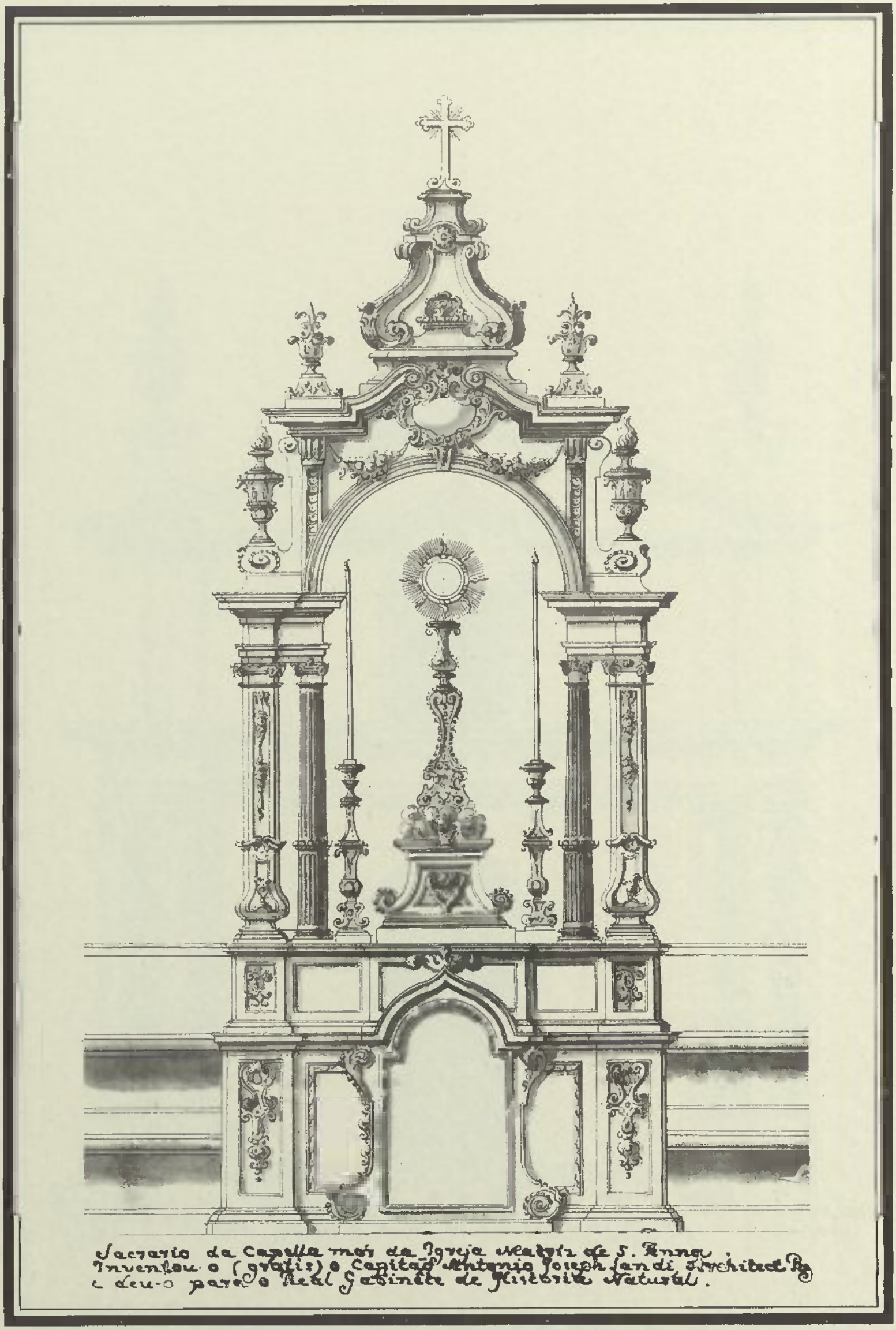
ESPACATO DO INTERIOR DA IGREJA MATRIZ DE SANTA ANA



Espacado, pelo qual se vê o Retabulo da Capella-mor, da Igr.ª
da Matriz de S. Anna. Inventou-o (gratis) o Capitão Alfe
Joseph Landi Architecto Regio, e ductor para o Real Gabine
te de Historia Natural.

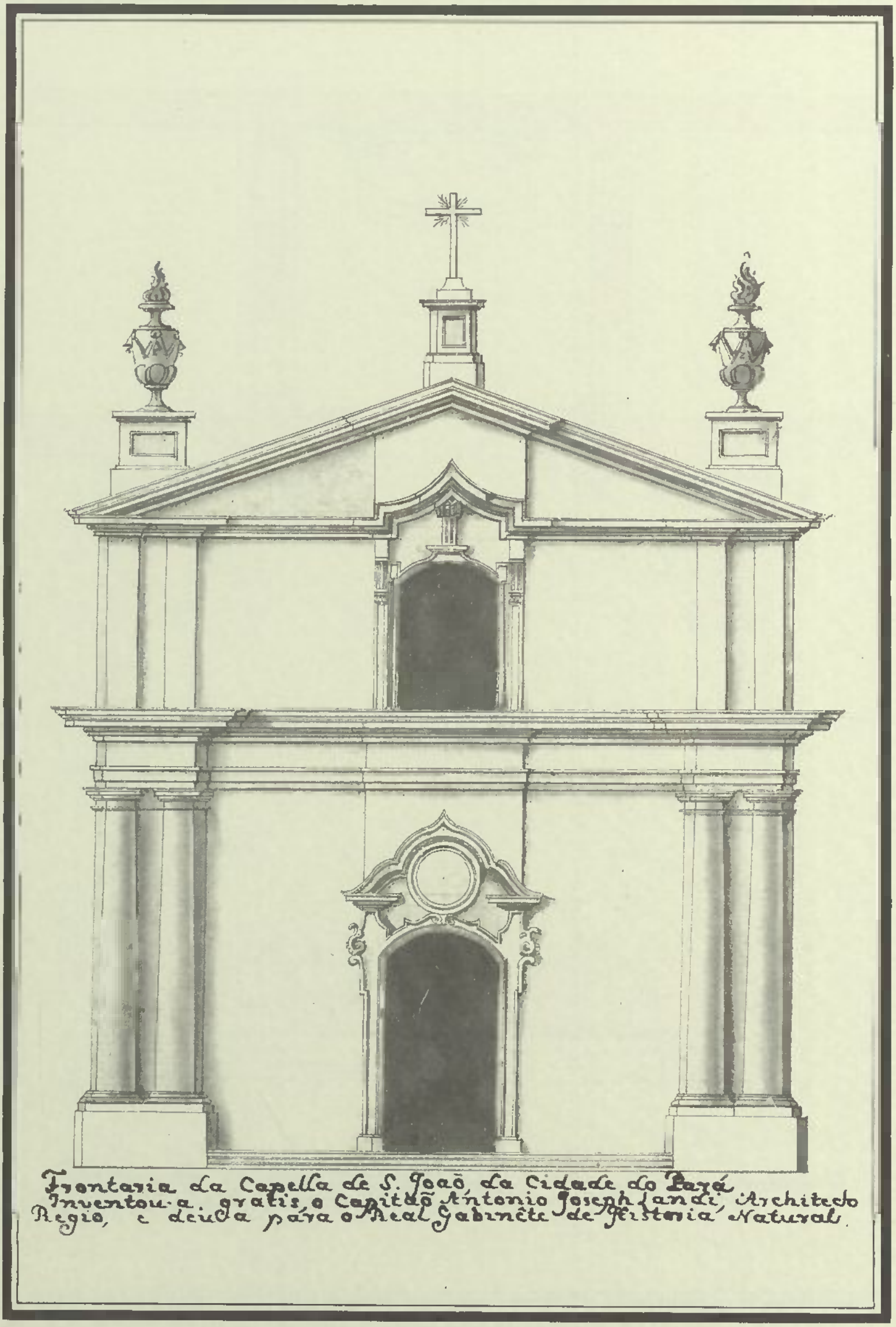
ESPACATO DO RETÁBULO DA CAPELA-MOR, MATRIZ DE SANTA ANA

DHP

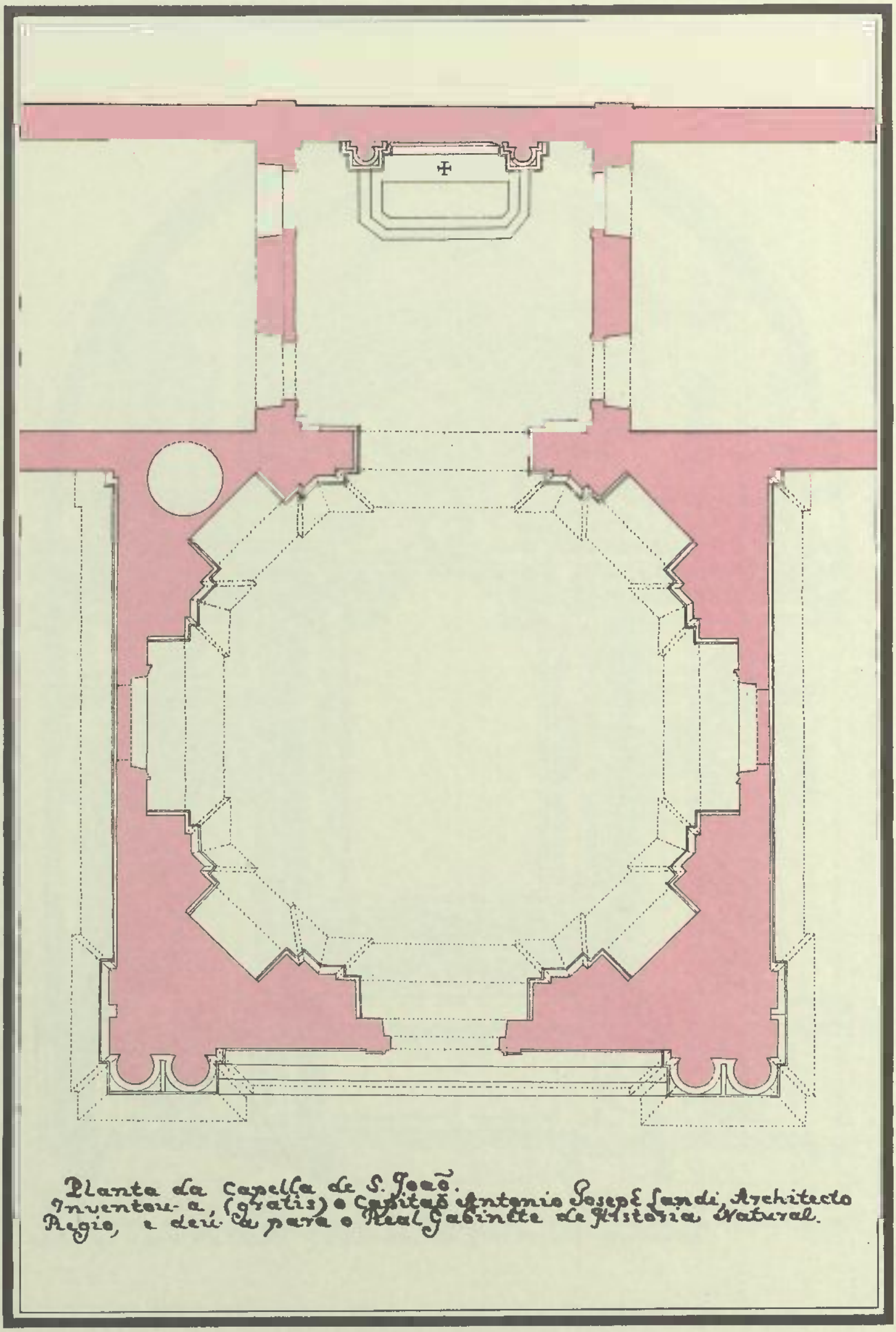


SACRÁRIO DA CAPELA-MOR DA MATRIZ DE SANTA ANA

BNF

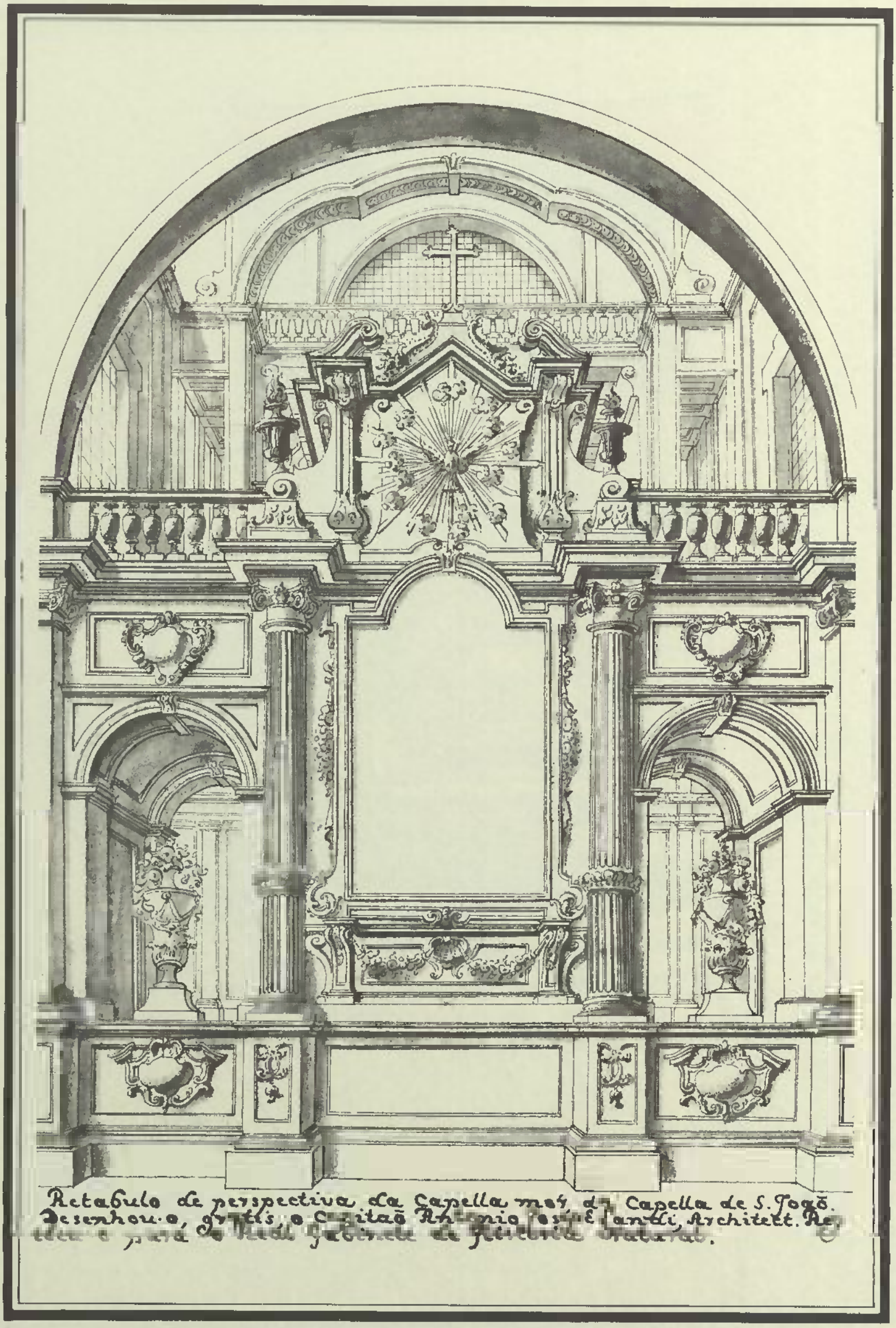


FRONTARIA DA CAPELA-MOR DE SÃO JOÃO

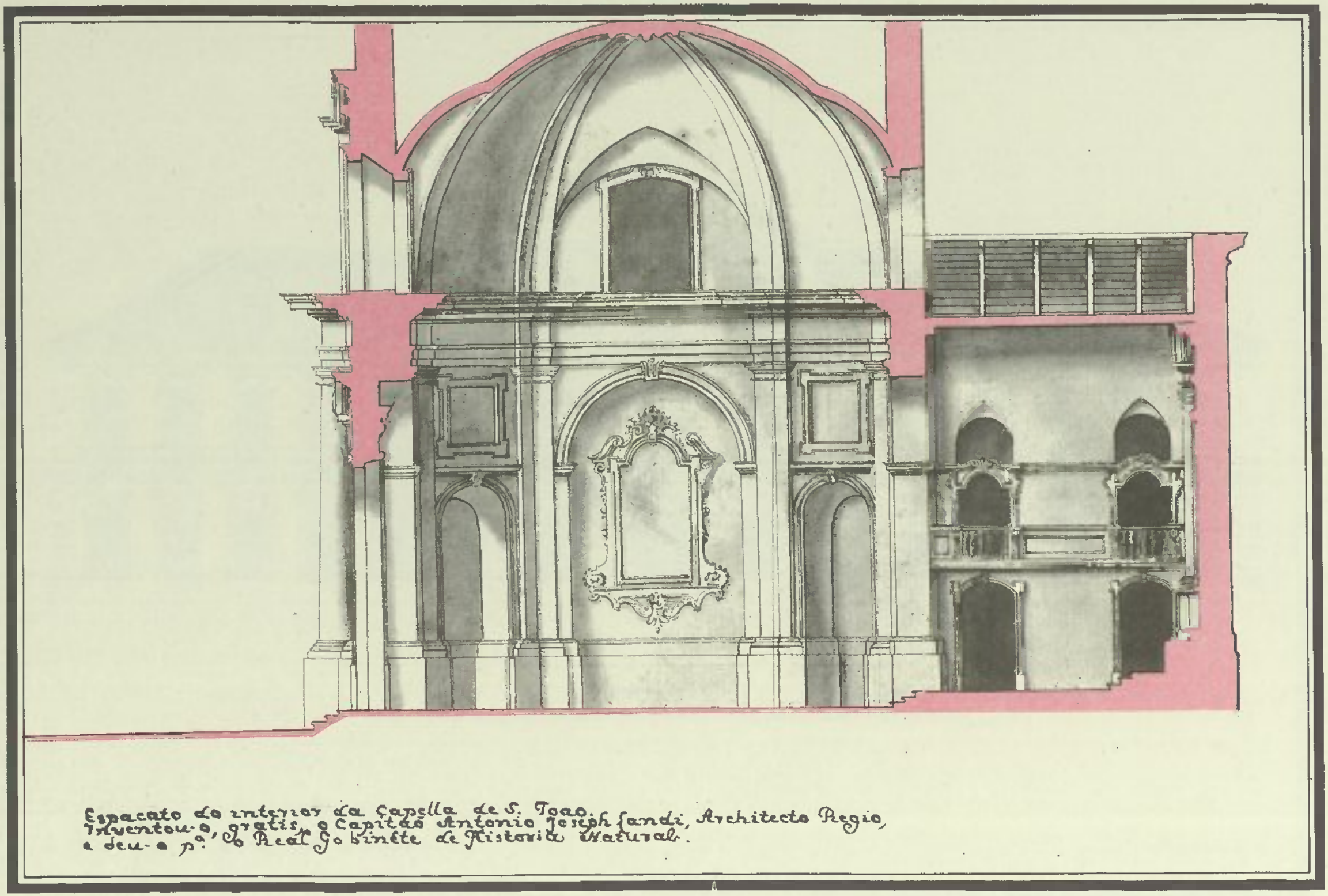


Planta da Capella de S. Joaõ.
Inventou-a, (gratis) o Capitaõ Antonio Josep[h] Landi, Architecto Regio, e deú-a para o Real Gabinette de Historia Natural.

PLANTA DA CAPELA DE SÃO JOÃO

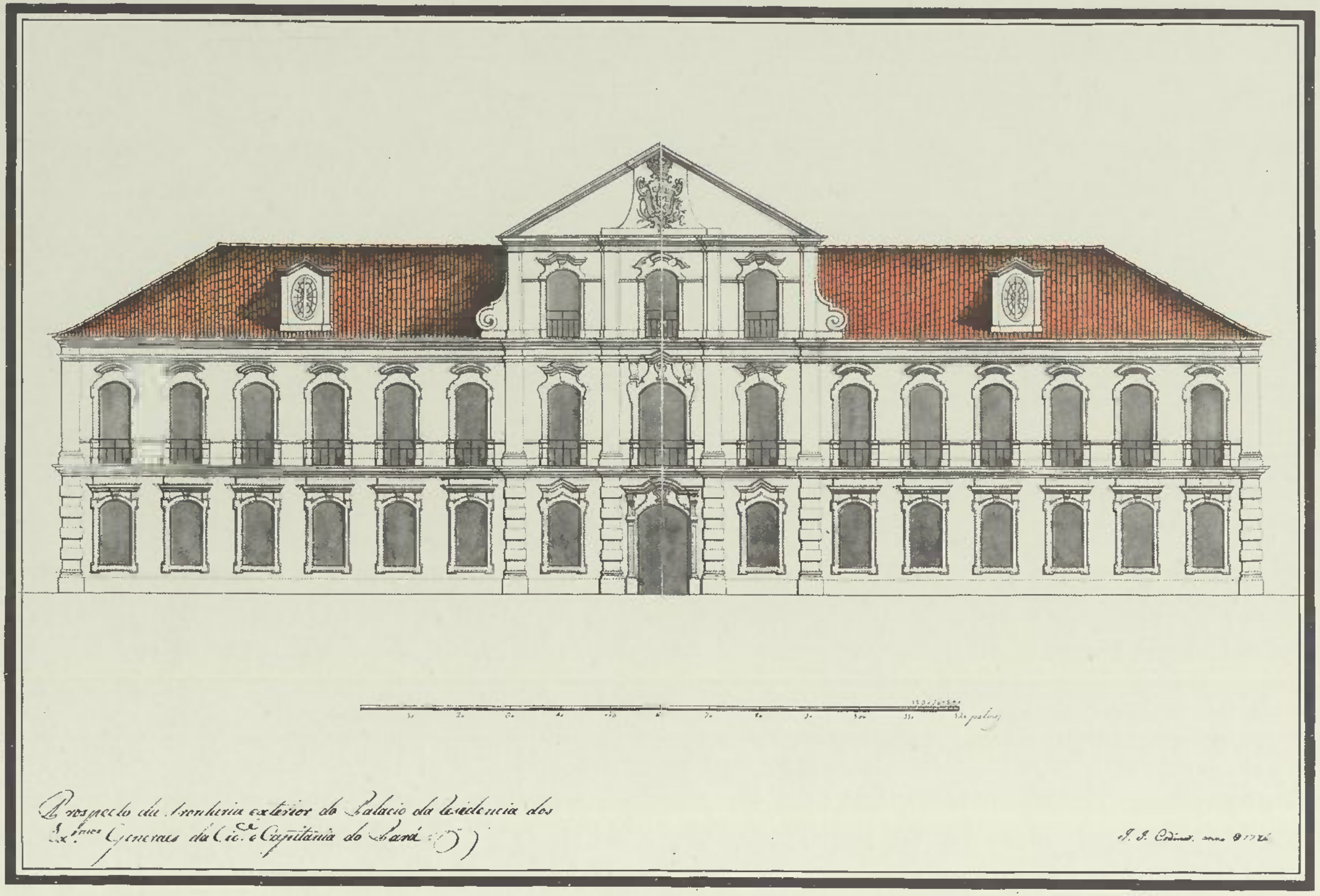


RETÁBULO DE PERSPECTIVA DA CAPELA-MOR DE SÃO JOÃO



Espacato do interior da Capella de S. Joao.
Inventou-o, gratis, o Capitão Antonio Joseph Landi, Architecto Regio,
e deu-o p.º o Real Gabinete de Historia Natural.

ESPACATO DO INTERIOR DA CAPELA DE SÃO JOÃO

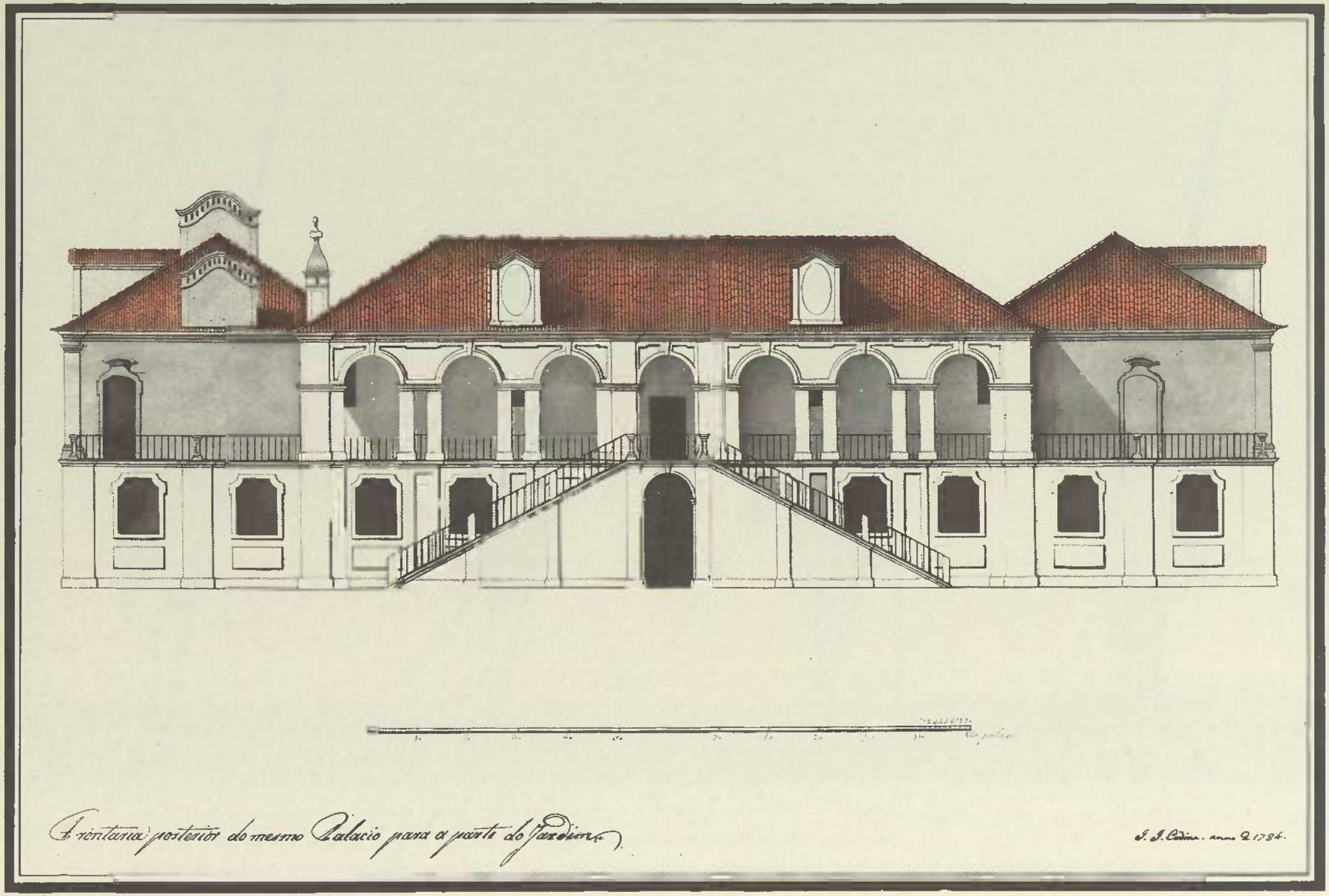


Prospecto da frontaria exterior do Palacio da residencia dos Ex.mos Generaes da C.ta e Capitania do Pará (5)

J. J. Codina. anno 1792

PALÁCIO RESIDENCIAL DOS GENERAIS. BELÉM





Orientaria posterior do mesmo Palacio para a parte do Jardim.

J. J. Cotim. anno 1784.

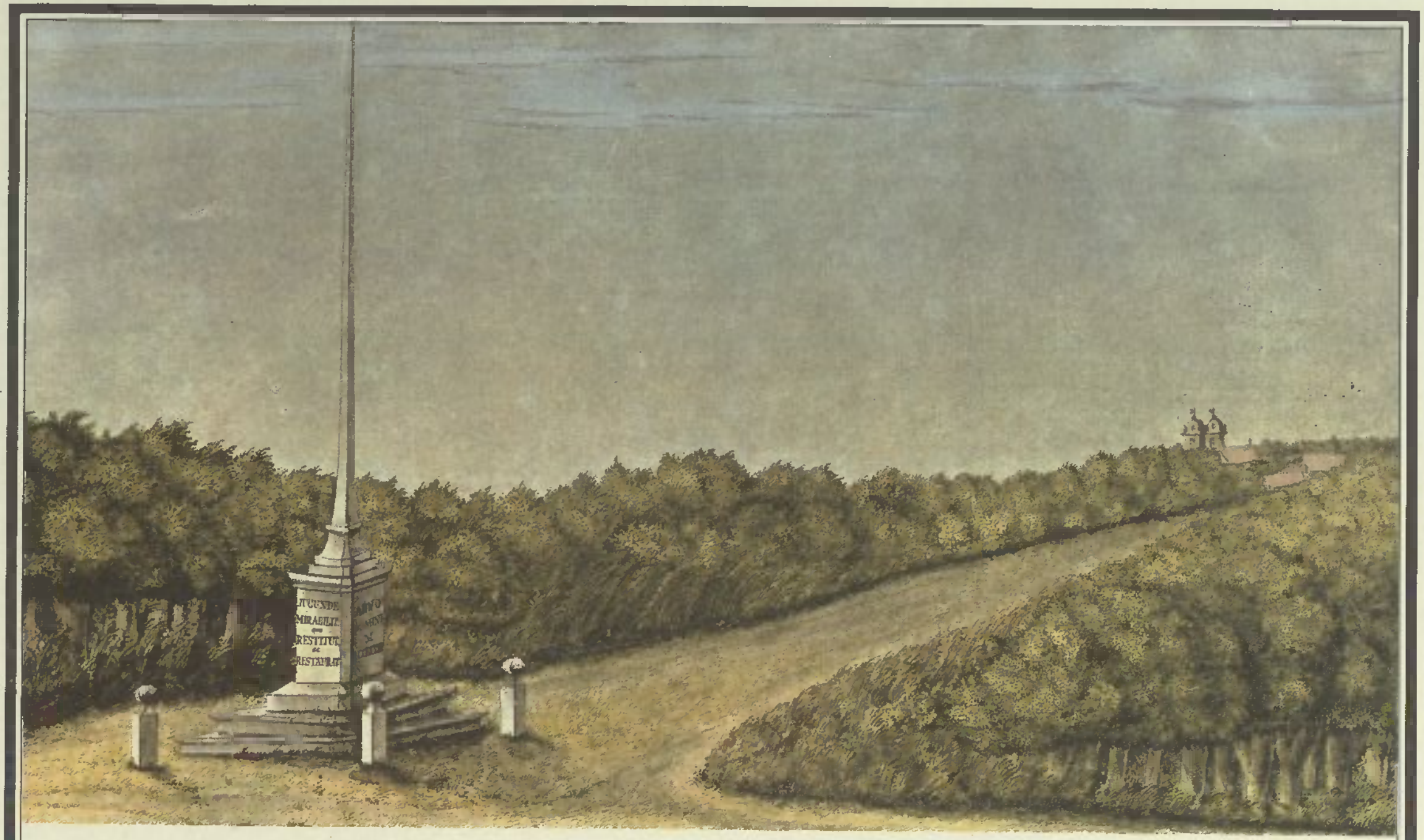
PALÁCIO RESIDENCIAL DOS GENERAIS, PARTE POSTERIOR



N.os 5.os Uniforme do Corpo Auxiliar da Cidade, dog.he Mestre de Campo Marcos Jos. Monteiro de Carvalho e Veiga Coelho.
N.os 2.os Dt.o do Bairro da Campina, dit.o he Mestre de Campo Laurenco Furtado de Vasconcellos.

Joze Joaquim Freire. anno 1784.

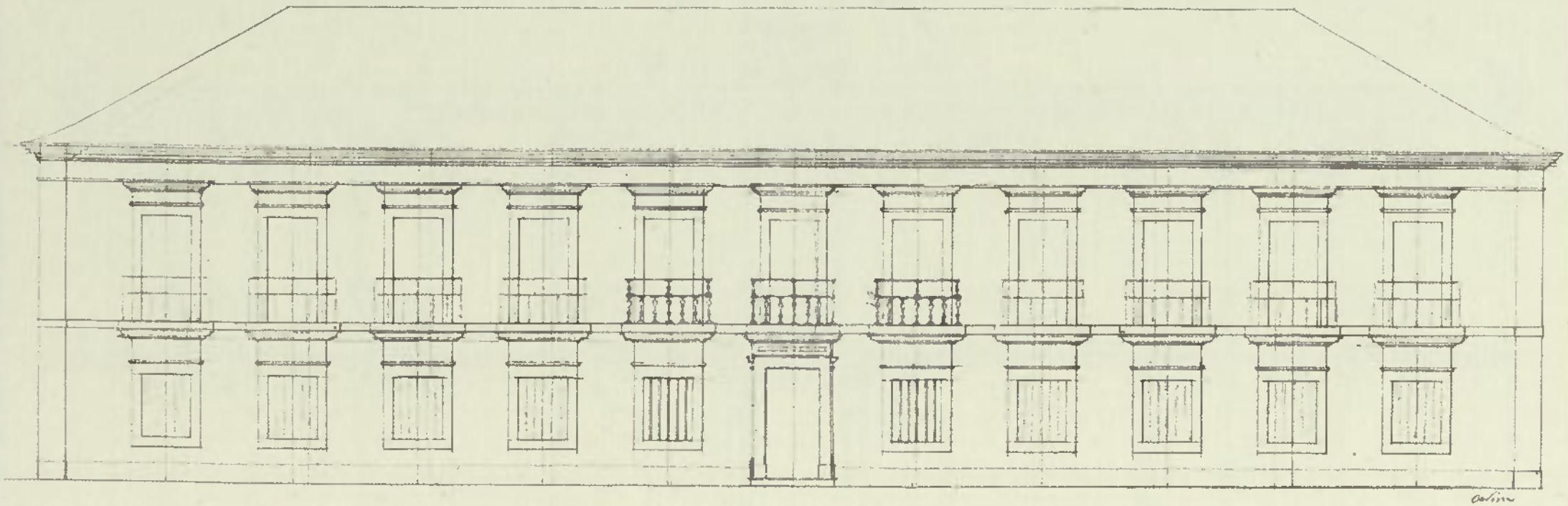
UNIFORMES MILITARES



Prospecto da Praça da Concordia e Agulha, que nella erigio para memoria o Gov.r e Cap.m General Jozé de Napoles Tello de Menezes, no anno de 1782.

Joze Joaquim Freire. anno 1784.

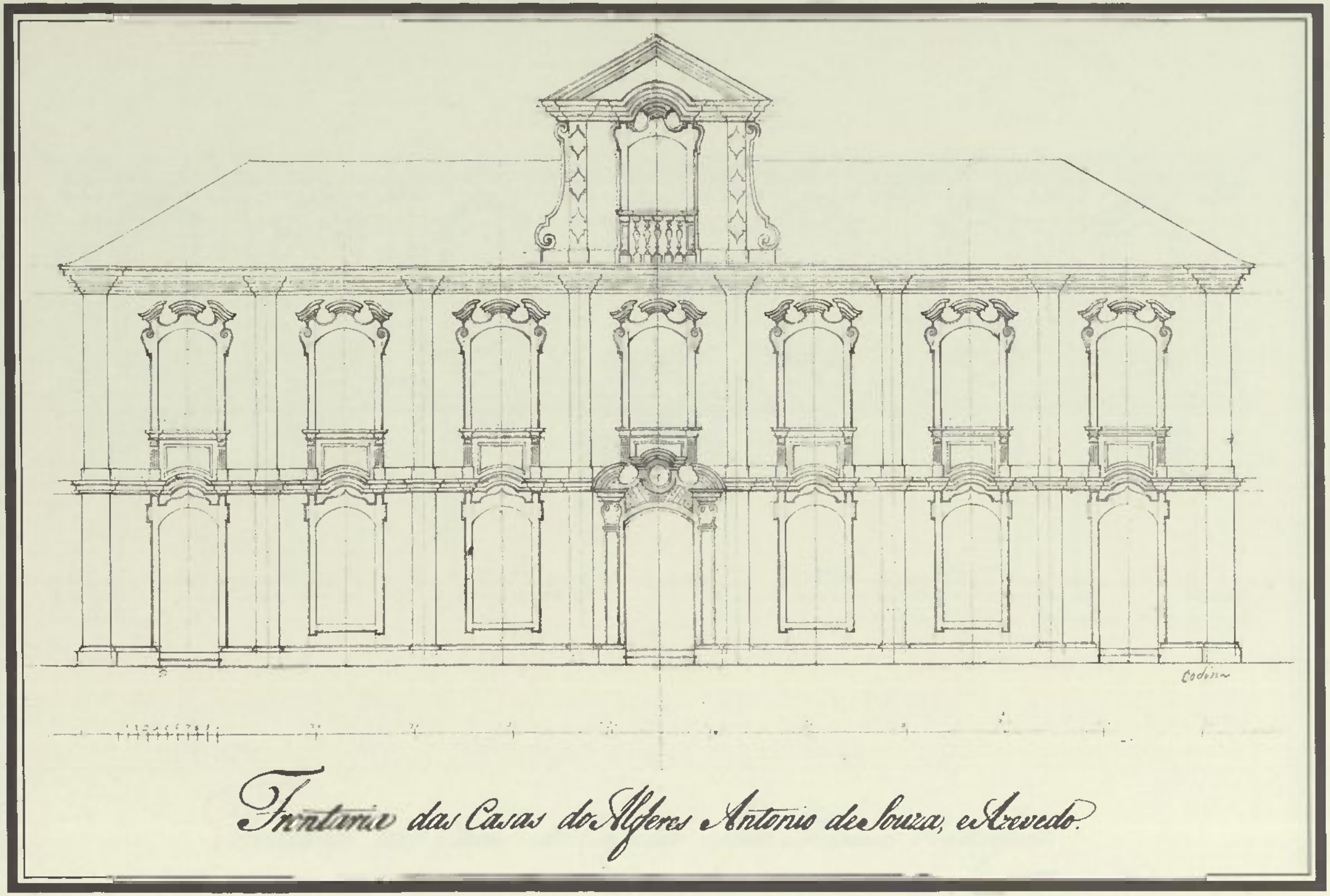
PROSPETO DA PRAÇA DA CONCÓRDIA, BELÉM



Frontaria do Hospital Real Militar

FRONTARIA DO HOSPITAL REAL MILITAR, BELÉM

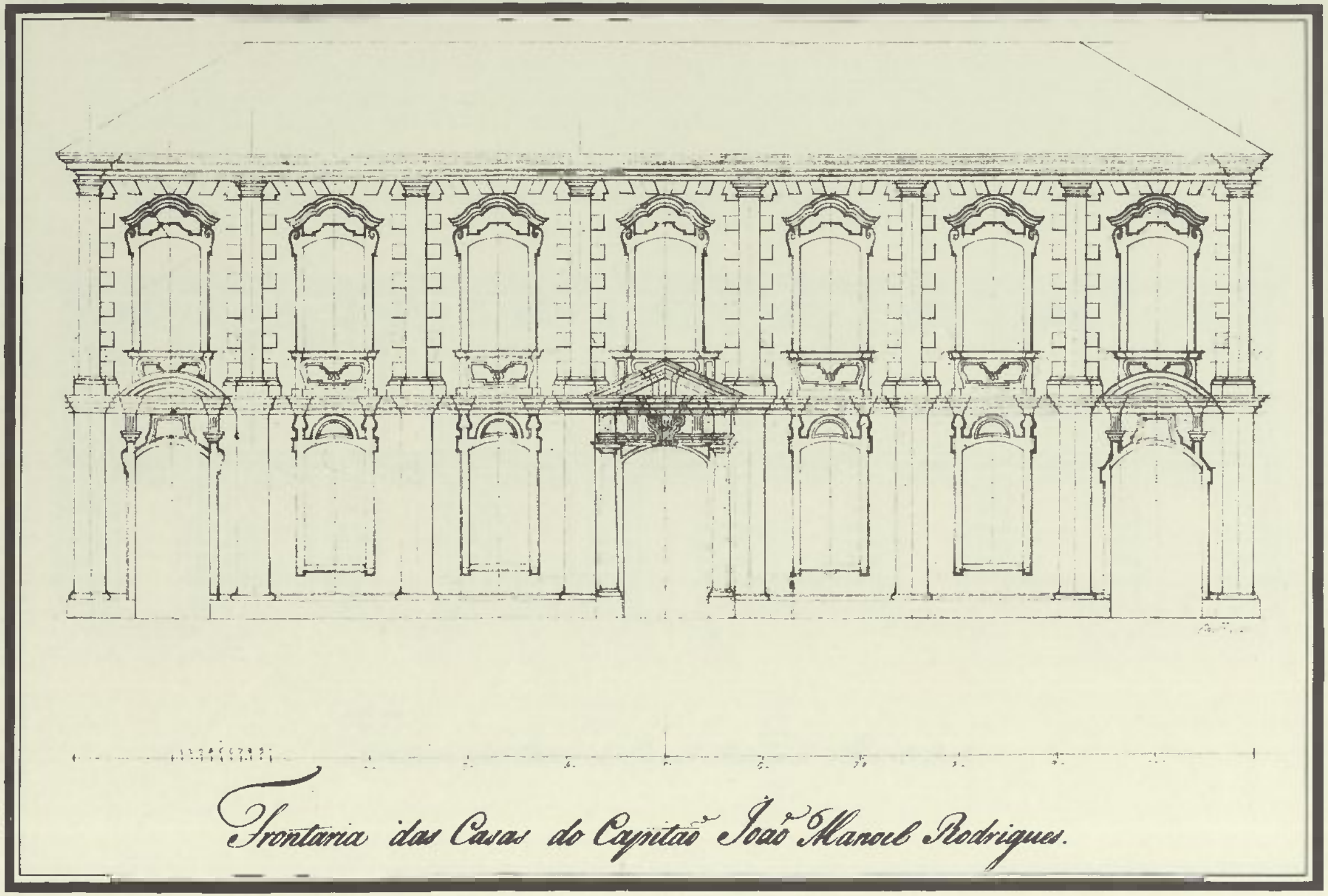




Frontaria das Casas do Alferes Antonio de Souza, e Azevedo.

FRONTARIA DAS CASAS DO ALFERES A. S. AZEVEDO

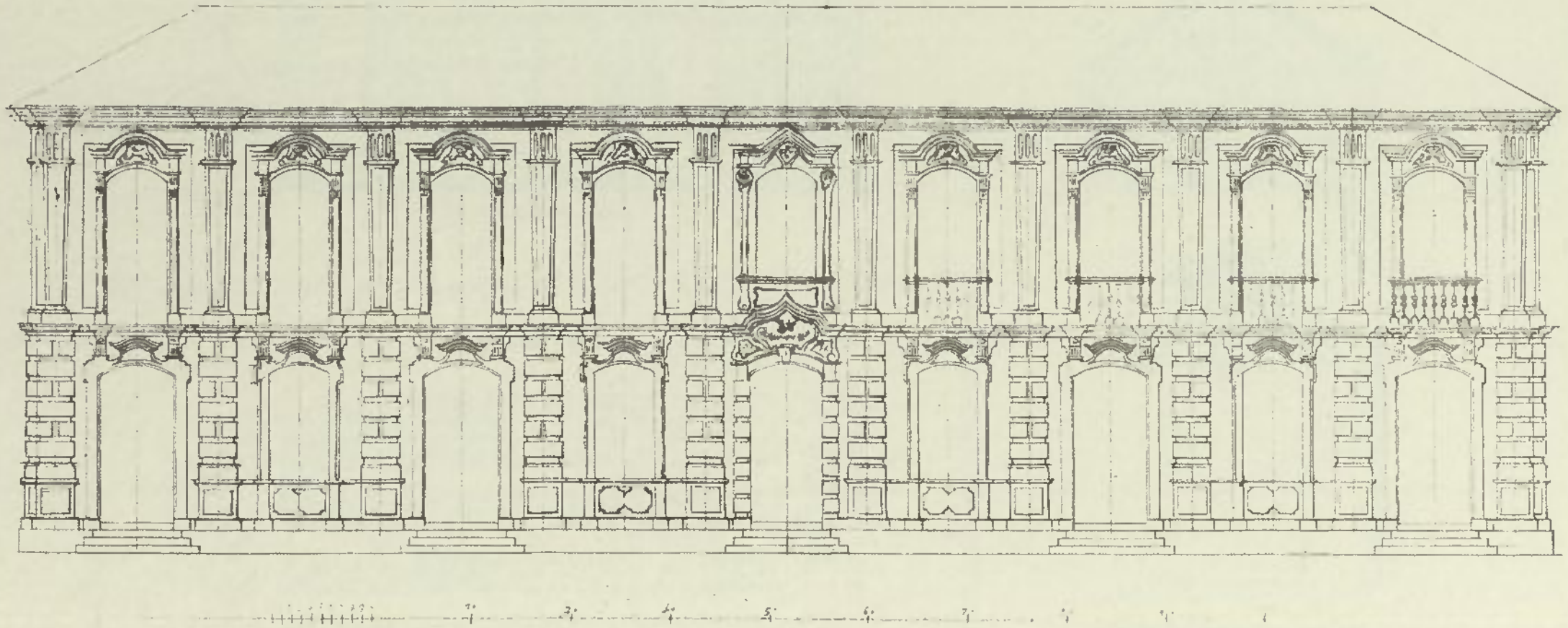




Frontaria das Casas do Capitão João Manoel Rodrigues.

FRONTARIA DAS CASAS DO CAPITÃO J. M. RODRIGUES



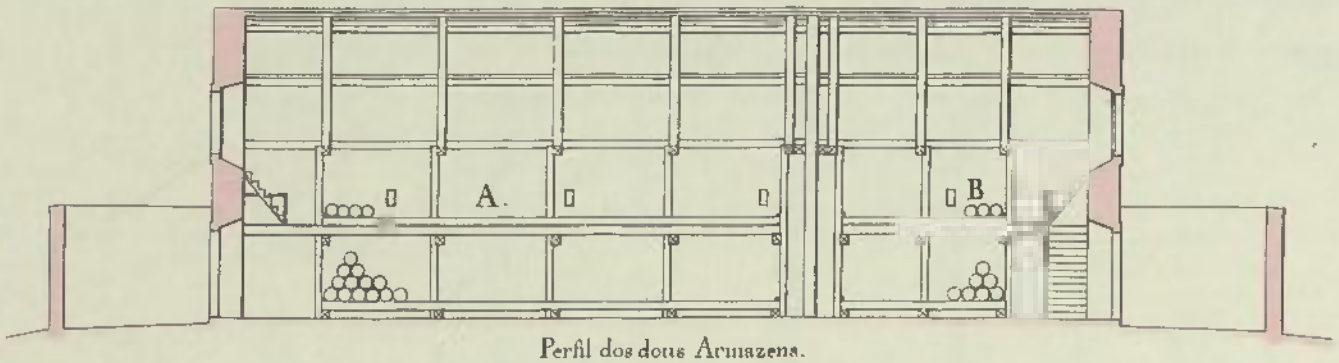


Frontaria das Casas de Manuel Raimundo Alves da Cunha.

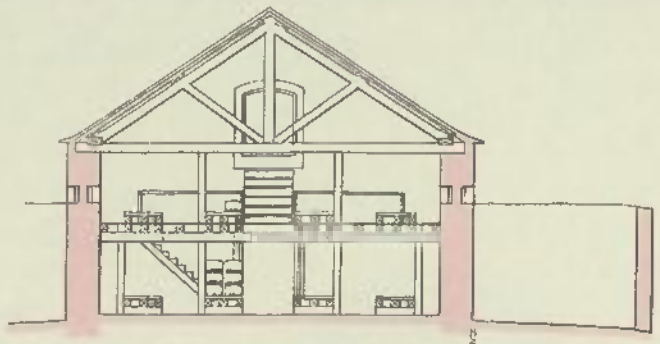
FRONTARIA DAS CASAS DE M. R. ALVES DA CUNHA



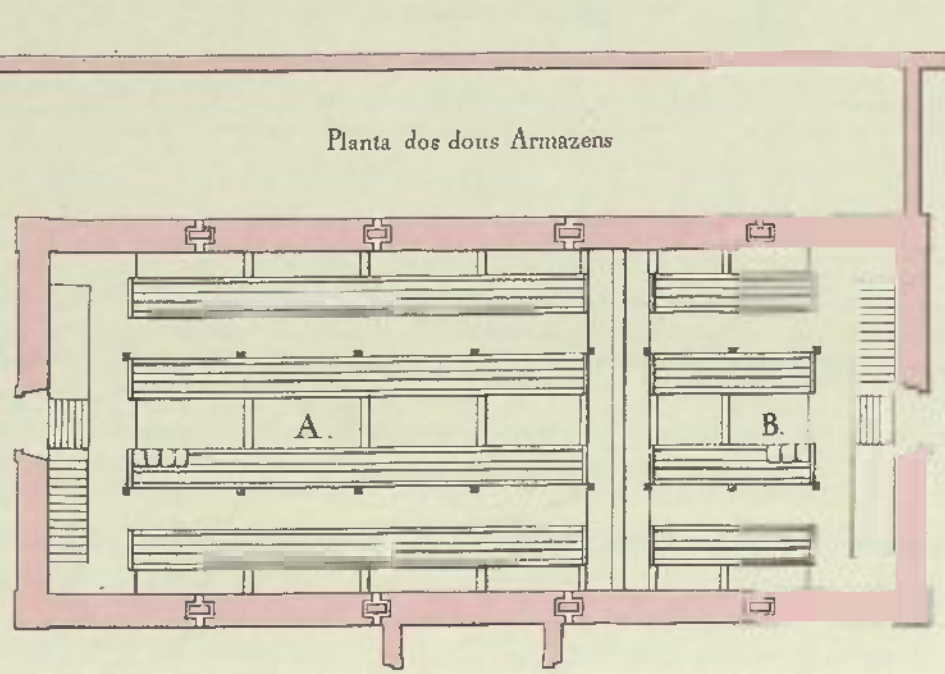
Planta, e perfis do Armazem da Polvora da Cidade do Pará Edeficado por Ordem do Ill.mo e Ex.mo Snr D. Francisco de Souza Coutinho do Conselho de S. Mag.e Fm.e seu Governador e Capitão General das Capitanias do Pará, e Rio Negro. no sitio do Aura: na distancia de quazi tres legoas a Leste da Cidade.



Perfil dos dous Armazens.



Planta dos dous Armazens





Porta principal para os dous Armazens.

A. Armazem da Polvora de S.M..o qual tem hum baileo, para accommodar mayor quantidade de Barris.

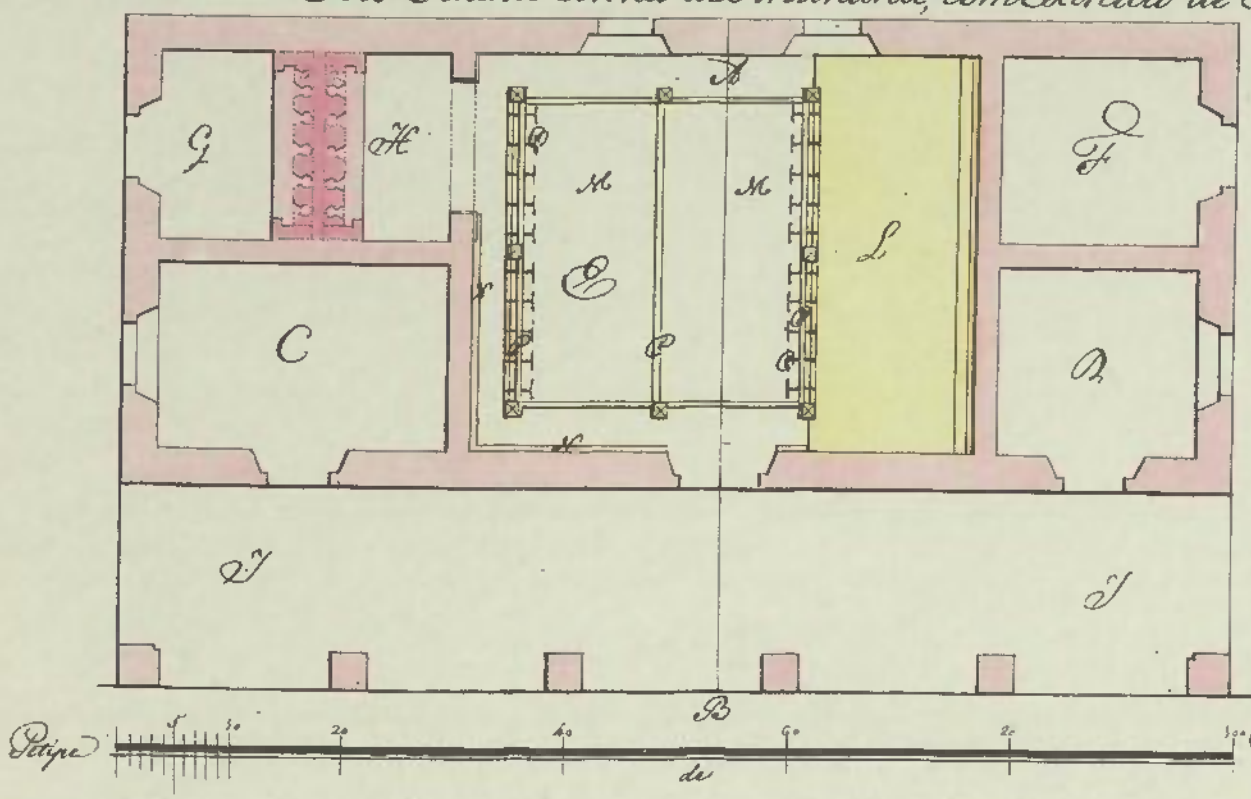
B. Armazem dos Particulares em tudo semilhente ao primeiro, menos no comprimento.

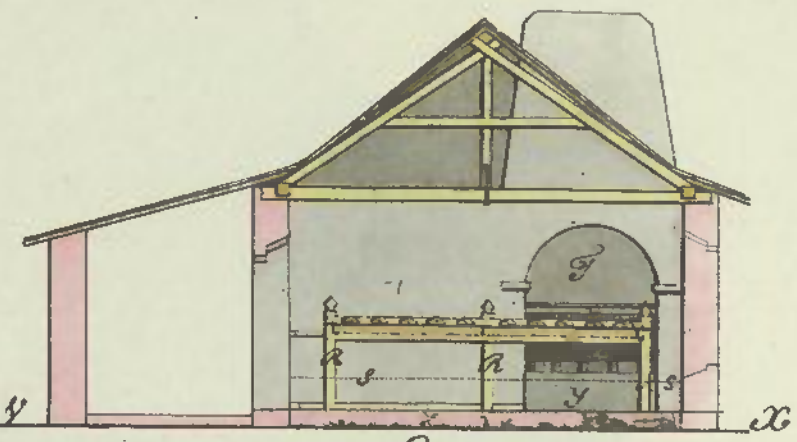


PLANTA E PERFIS DO ARMAZÉM DA PÓLVORA, BELÉM



Planta e espacato do Quartel Militar, para a Guarnicao da nova Casa da Polvora edificada por Ordem do Ill.mo e Ex.mo Snr. D. Francisco de Souza Coutinho do Conselho de S. Mag.e Fm.a Seu Governador, e Capitão General das Capitanias do Pará, e Rio Negro, no Sitio do Rurá: na distancia de quatro tres legoas, a Leste da Cidade. Pelo Tenente Coronel de Artilharia, com Exercicio de Engenheiro Theodosio Constantino de Chermont. Anno de 1792





A, B. Planta Ichonographica.
C. Quartel do Commandante.
D. Quartel do Sargento.
E. Quartel dos Soldados.
F. Casa do Fiel do Armazem.
G. Cozinha do Commandante.
H. Cozinha dos Soldados.
I. Cojiar, ou Varanda coberta
L. Tarimba para os Soldados.
M. Logar d'armar as Redes.
N. Cabide para as Armas
O. Cabide para as Patronas, e Bol driés.
P. Páos de fileira d'armar as Redes.
Q. Espacato levantado sobre a linha A B.
R. Pilares p.a armadores das Redes, e Cab.s de Patronas.
S. Tabcado da Tarimba.
T. Chaminé Commua aos dous Quarteis.
V X. Linha do Plano da terra.
Z. Elevação do poço, sobre o plano da terra.
Y. Maca de terra para o Sólo da Chaminé.

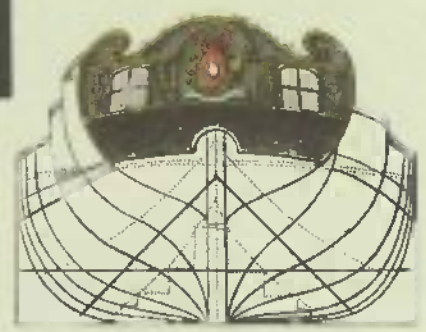
PLANTA DA CASA DA PÓLVORA, BELÉM

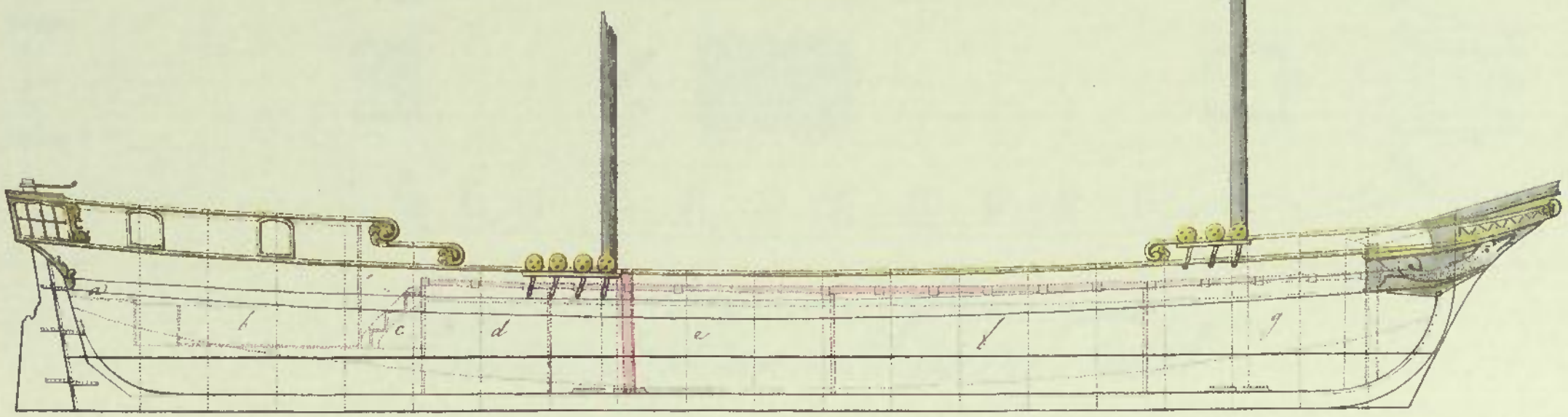


CASA DAS INDIAS DE MONTE ALEGRE

BNP

a. Beliche para a Cama do Commandante, com seu Gavetão por baixo. b. Caixeens em roda da Câmera. c. Payól para a Pólvora. d. Dito para as Municeens de Guerra. e. Rancho da Guarnição Militar. f. Payól dos Mantimentos. g. Rancho da Equipagem.
NB. que as Velas consistião no numero, e na armação que constão da Relação. N.º VI.



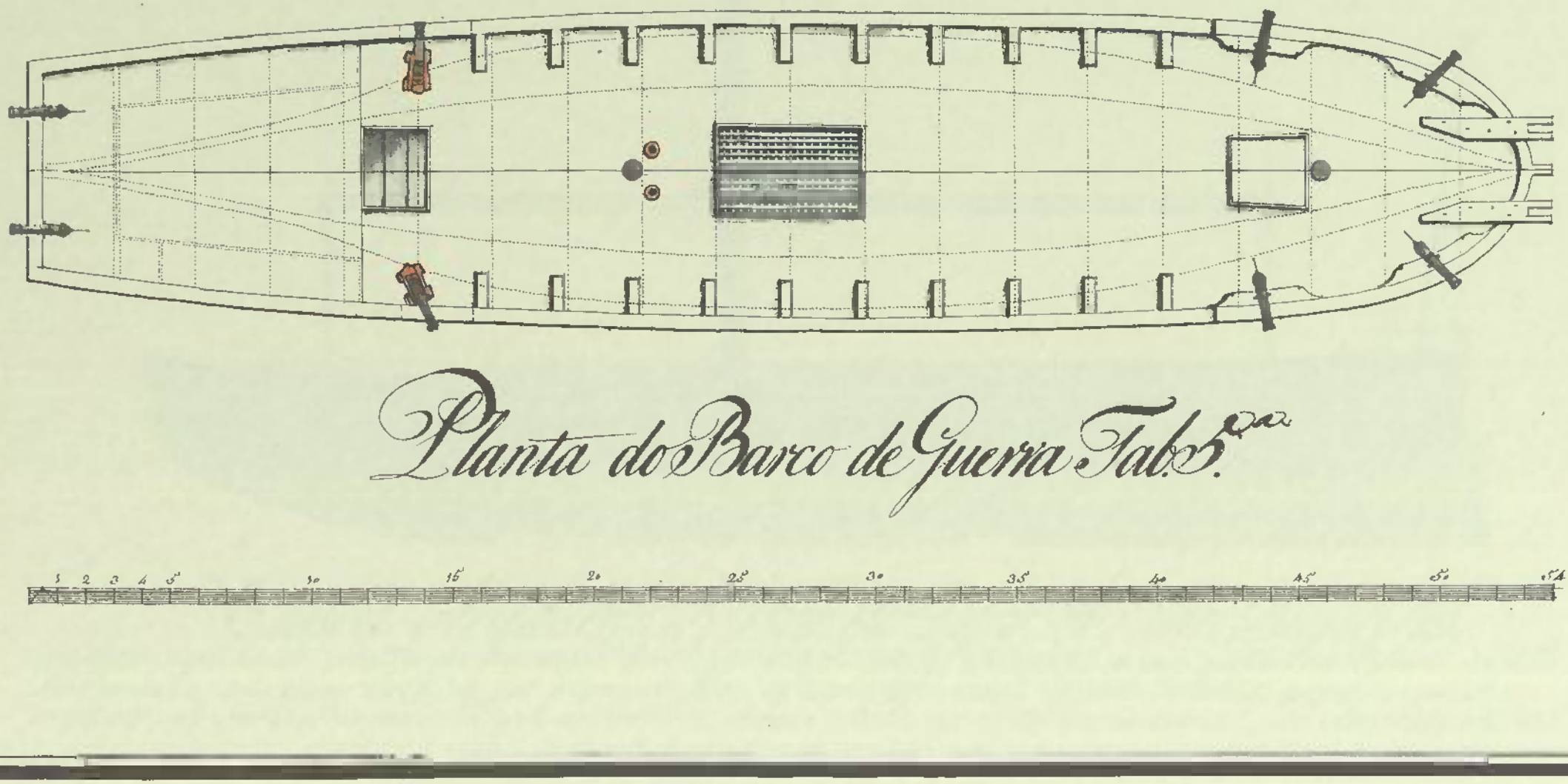


Barco de Guerra N. Snr.ª do Bom-Sucesso

em tudo similhante ao outro das Invocação de N. Snr.ª da Boa-Viagem; ambos construidos na Ribeira da Cidade do Pará em o anno de 1775, por Ordem do Illm. e Exm.º Snr. Joaõ Pereira Caldas; aquel a mandou construir pelo Modêlo que debaixo da sua Direcção fez em Lisboa o Capitaõ-Tenente Manuel Vicente, Mestre Constructor da Ribeira das Náus: O primeiro p.ª Guarda-Costa do Canal do Norte, e o Segundo p.ª o do Sul, da Foz do Rio das Amazónas: Tendo S. Ex.ª dado a cada hum dos seus Commandantes o Regim.º de Viagem em execução de ambas aquellas Costas; aqual tinha sido ordenada por Aviso de 4 de Julho de 1765

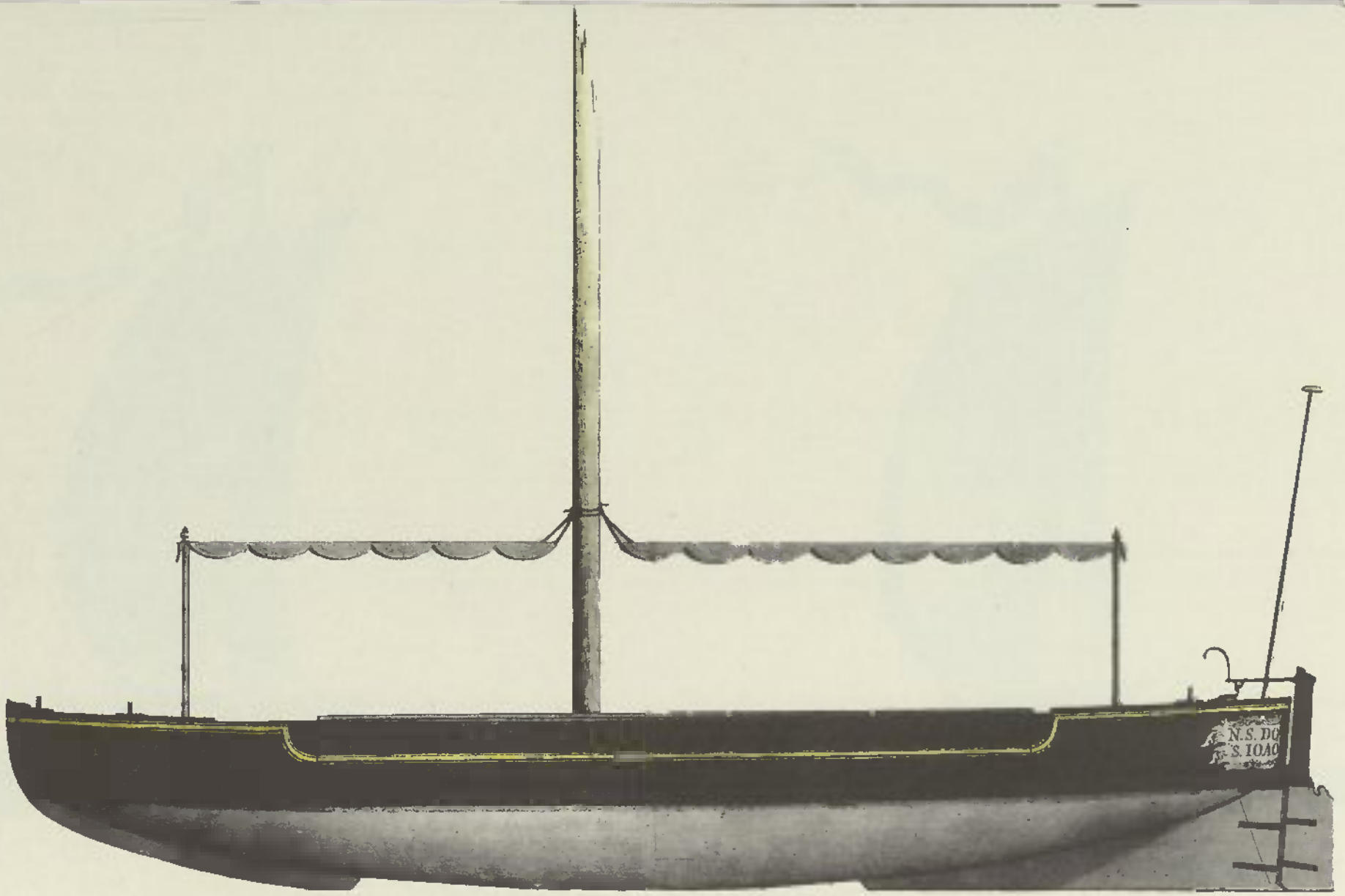
BARCO DE GUERRA N. S. DO BOM-SUCESSO

UNP



PLANTA DO BARCO DE GUERRA N. S. DO BOM-SUCESSO

B.N.P.



Canôa Artilheira N. Snr. do Pilar S. Joaõ Baptista
emtudo similhante á outra da Invocaçaõ de N. Snr.ª da Graça, S. Joseph, ambas feitas na Ribeira da Villa de Barcellos, em o anno de 1783, por ordem do Illm.º e Exm.º Snr. Joaõ Pereira Caldas; oqual as mandou construir pelo Mestre Romualdo Joseph de Andrade, debaixo da Direcçaõ do Tenente-Coronel Joaõ Baptista Mantél.

CANOA ARTILHEIRA N. S. DO PILAR, SÃO JOÃO BATISTA

S.N.P.

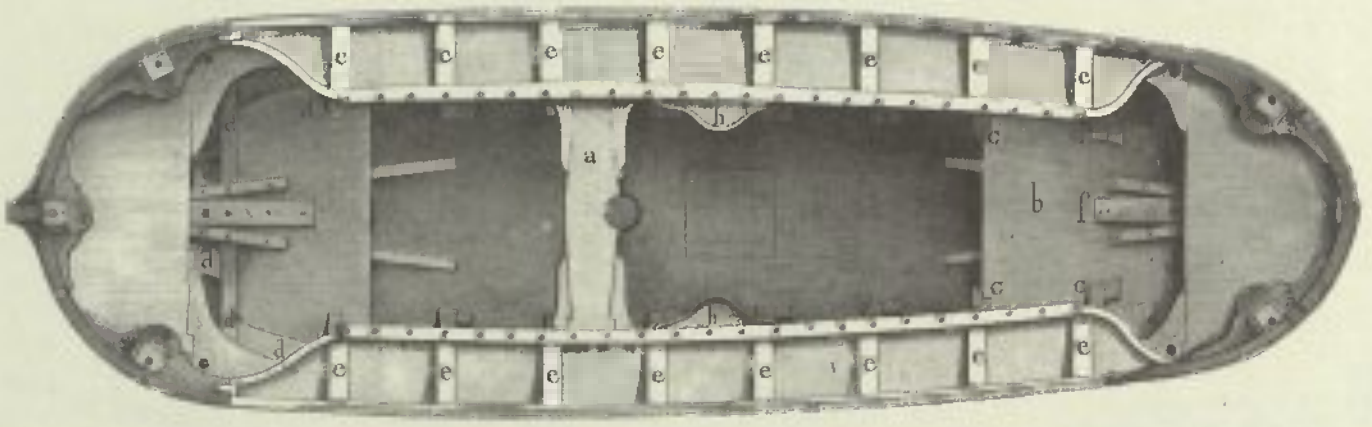


Prospecto da mesma
Em Pôpa, epela Prôa.

1 2 3 4 5 10 15 20 30 40 Palmos

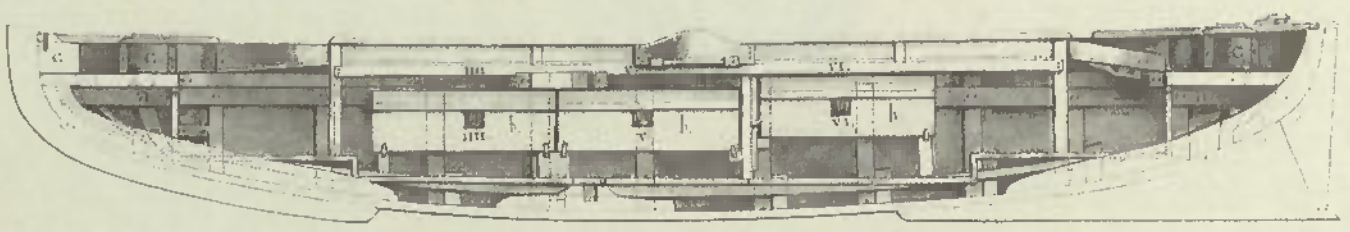
PROSPETO DA CANOA ARTILHEIRA N. S. DO PILAR, SÃO JOÃO BATISTA

BNF



Planta da Canoa Artilheira Tab. 7

a. Official Commandante. b. Dito Inferior. c. Soldados Fuzileiros. d Dous Artilheiros. e. Remeiros. f. Piloto. g. Cepos em que vão montadas as Peças sôbre as suas forquilhas ternarias. h. Pias, que recebem a agoa, quando se esgóta a Canôa pela Arca i.



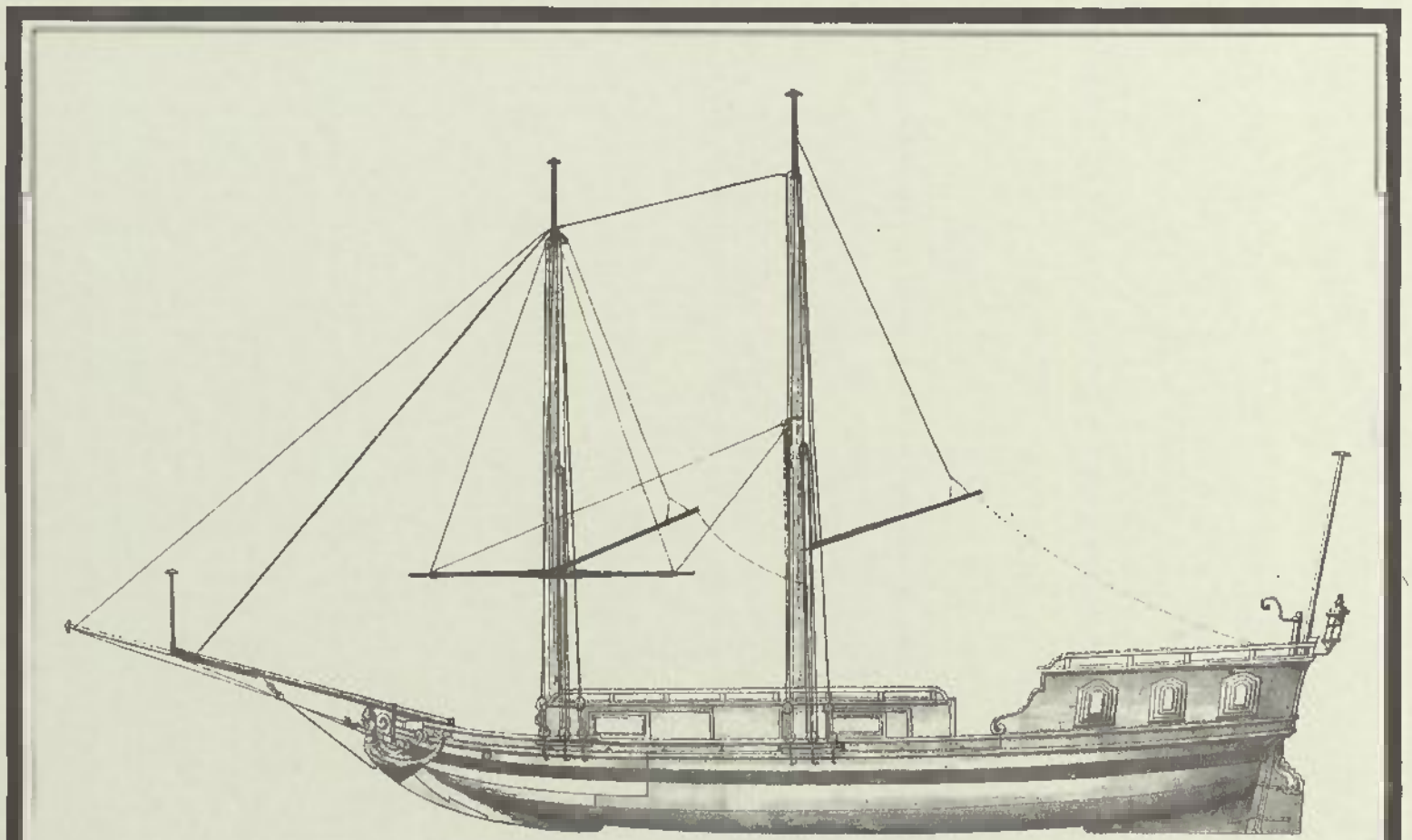


Espacato da dita

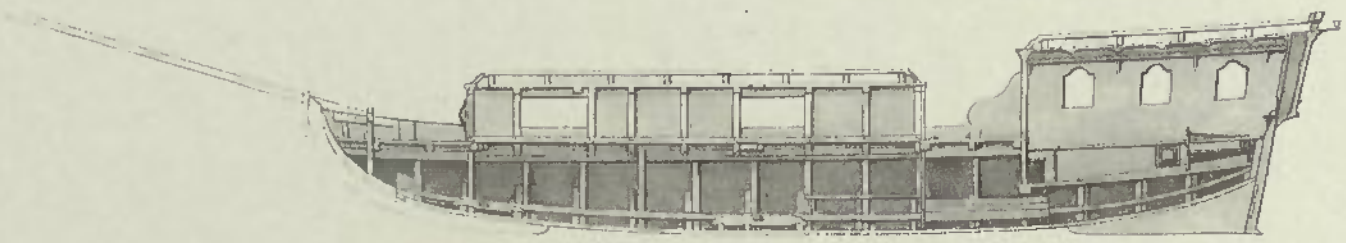
[a.] Escotilhoens de Pôpa, e de Prôa, os quaes servem de Paióes da Polvora.
[b.] Caichoens, que vão debaixo dos bailéos, e servem para as municoens de guerra, e de bóca.
[c.] Cépos, em que vão montadas as Peças sobre as suas forquilhas ternarias

PLANTA (ACIMA) E ESPACATO (ABAIXO) DA CANOA ARTILHEIRA

UNEP



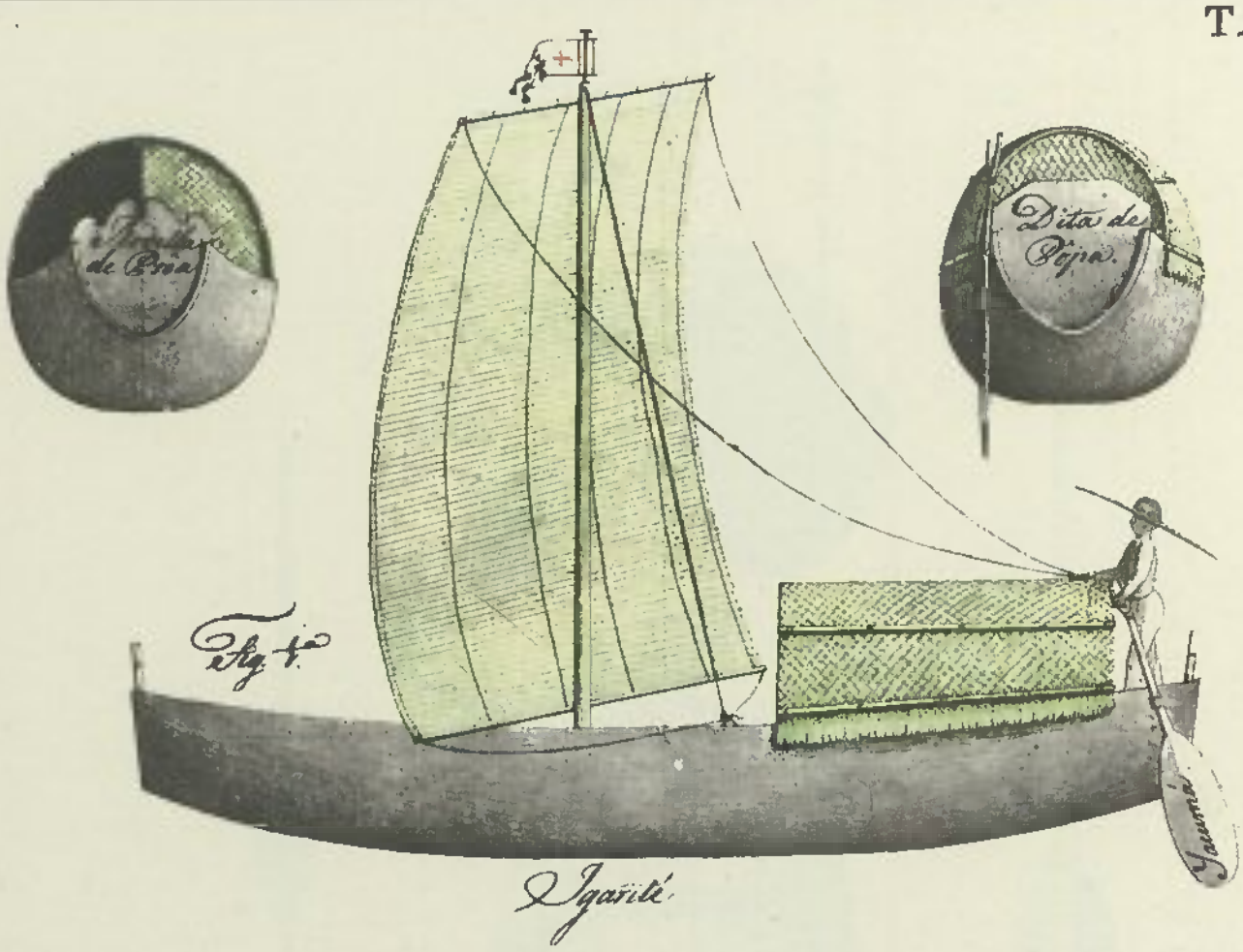




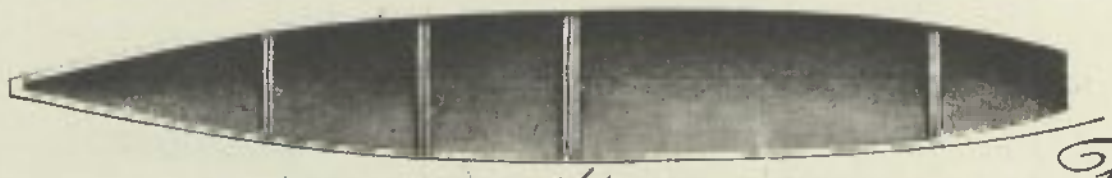
CANOA N. S. DO PILAR (ACIMA) E ESPACATO DA MESMA (ABAIXO)

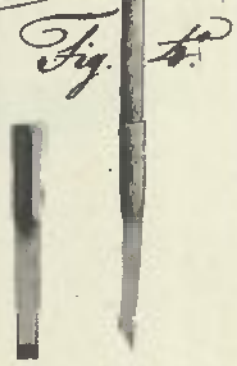
BNF

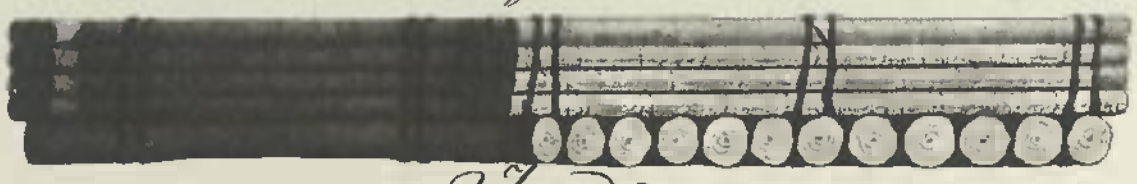
TAB. 1ª





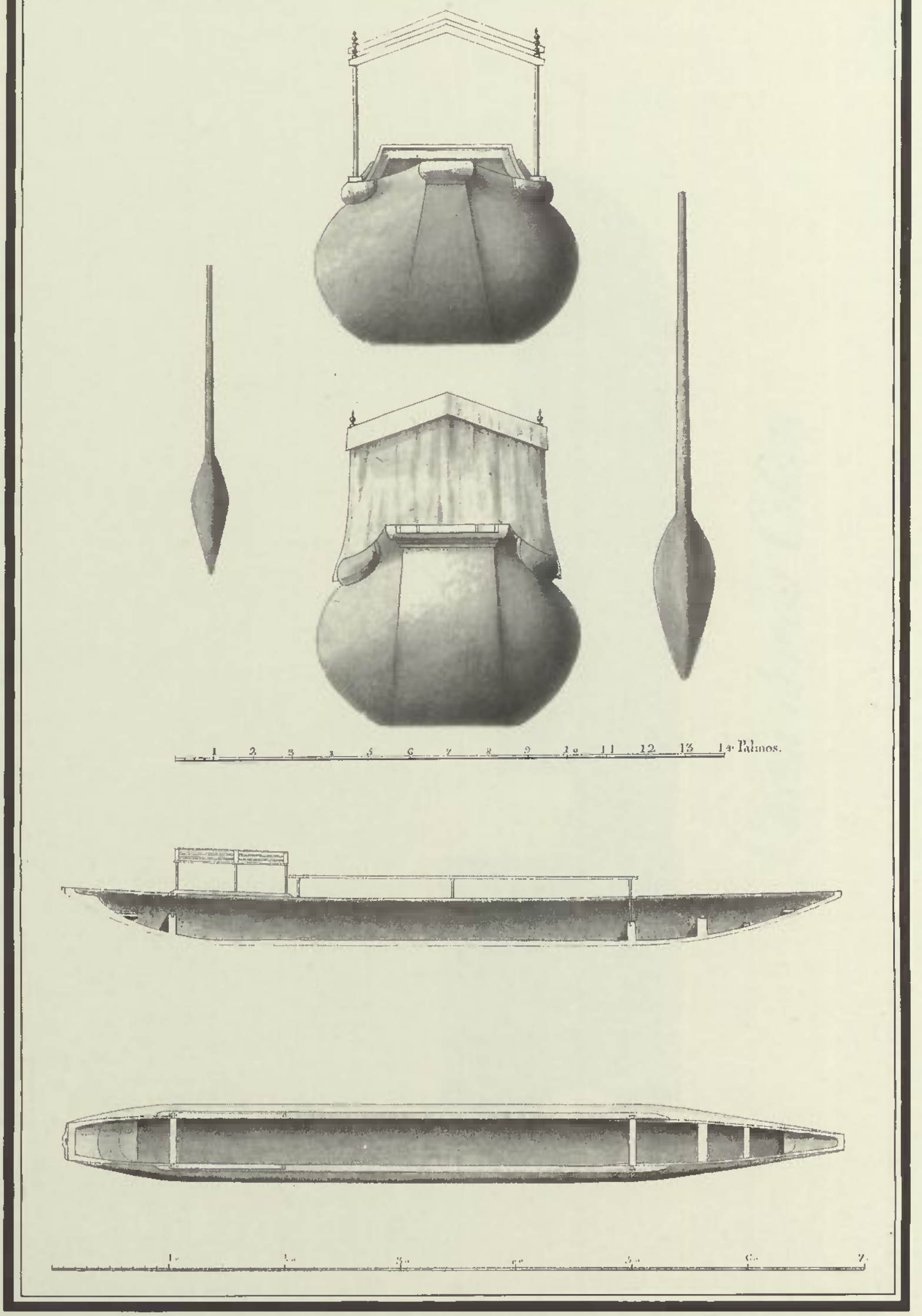






UMA IGARITÉ, UMA UBÁ, UMA JANGADA E SEUS ACESSÓRIOS

BNP



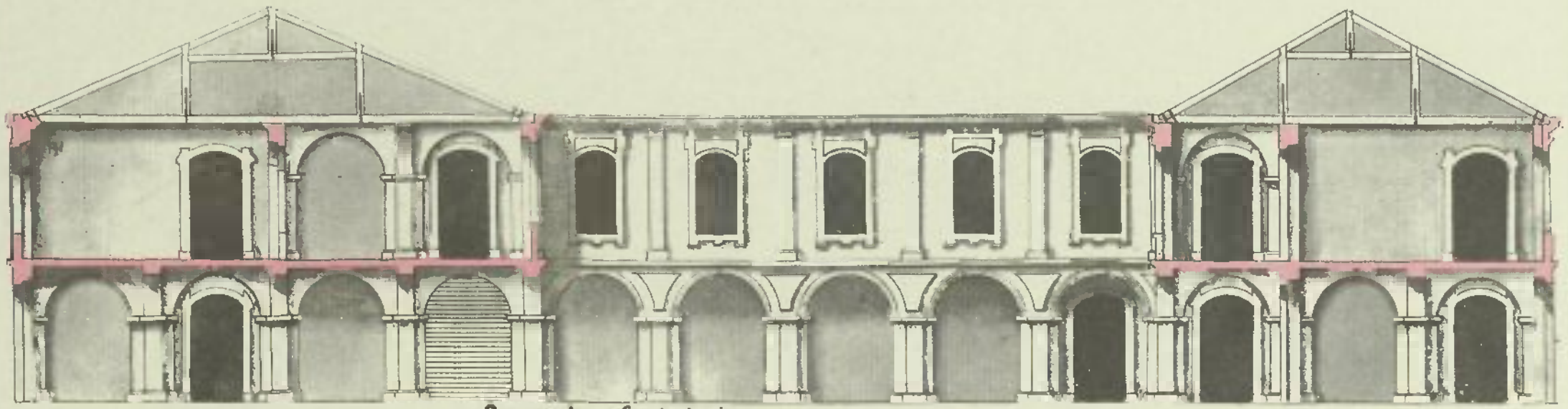
TIPOS DE CANOAS USADAS NA AMAZÓNIA

ЭЖР

Canôa de meia Coberta.

CANOA DE MEIA COBERTA

BNP



Espaccato do interior.



Frontaria dos Armazens, q tinha ordenado q se fizessem na Cidade do Pará a Companhia Geral do Commercio.
Inventou-a, gratis, o Capitão Antonio Joze Landi, Architecto Regio
E deu-a p.ª o Real Gabinete de Historia Natural.

FRONTARIA DOS ARMAZÉNS DA COMPANHIA GERAL DO COMÉRCIO

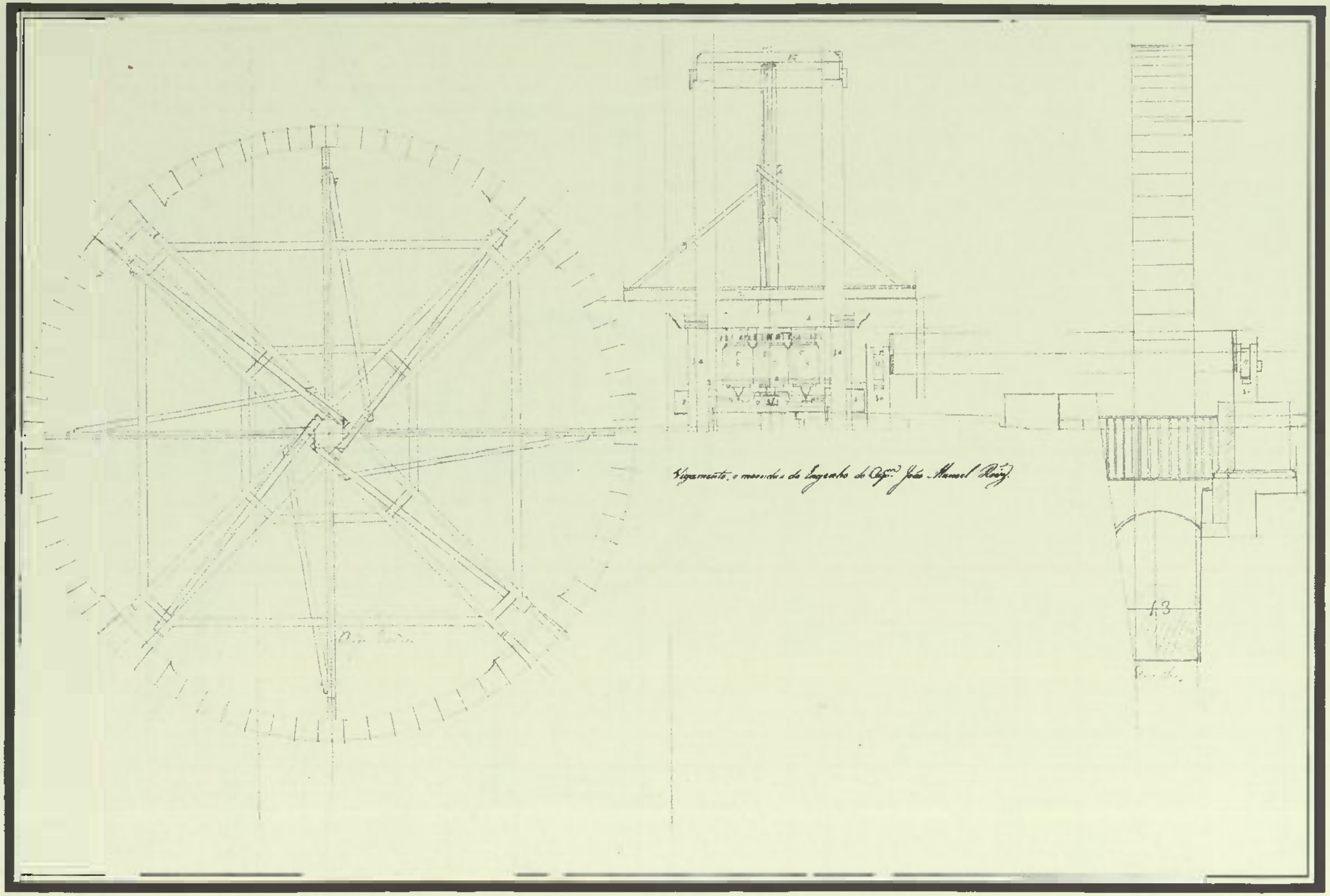
DNP



(1) Prospecto da Caza de residencia do Engenho de assucar do Capm. João Manoel Roiz acha-
da no Rio Araguaya, parte da Co. do Pará.
(2) Caza do Engenho.
(3) Caza dos Caxes.
(4) Caza de purgar.
(5) Caza dos alambiques.
(6) Ranchos dos Pretos.
(7) Armazens.

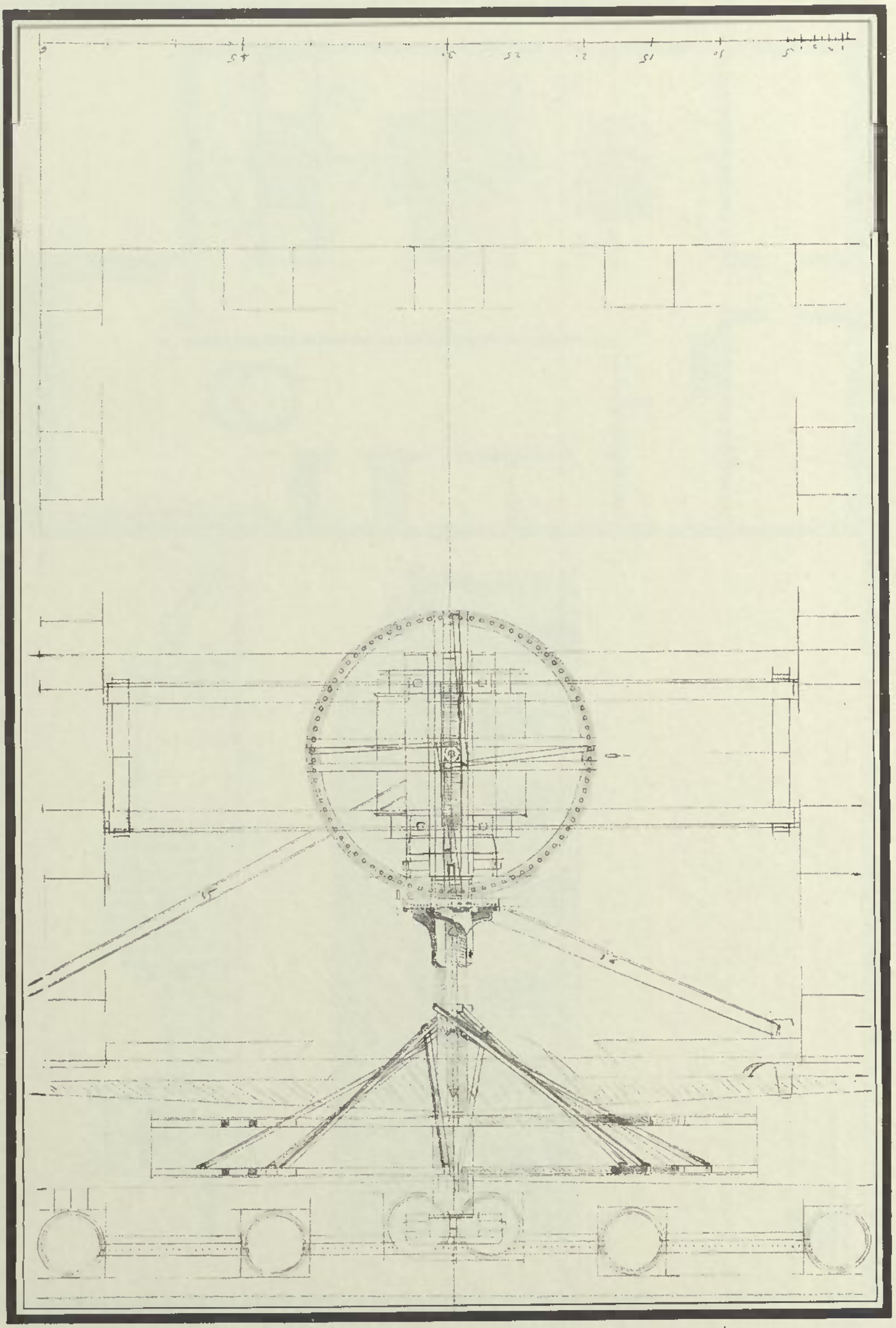
CASA DE RESIDÊNCIA DO ENGENHO DE AÇÚCAR DO CAPITÃO J. M. ROIZ

BSP



PLANTA DO ENGENHO DE FAZER AÇÚCAR DO CAPITÃO J. M. ROIZ

BNF

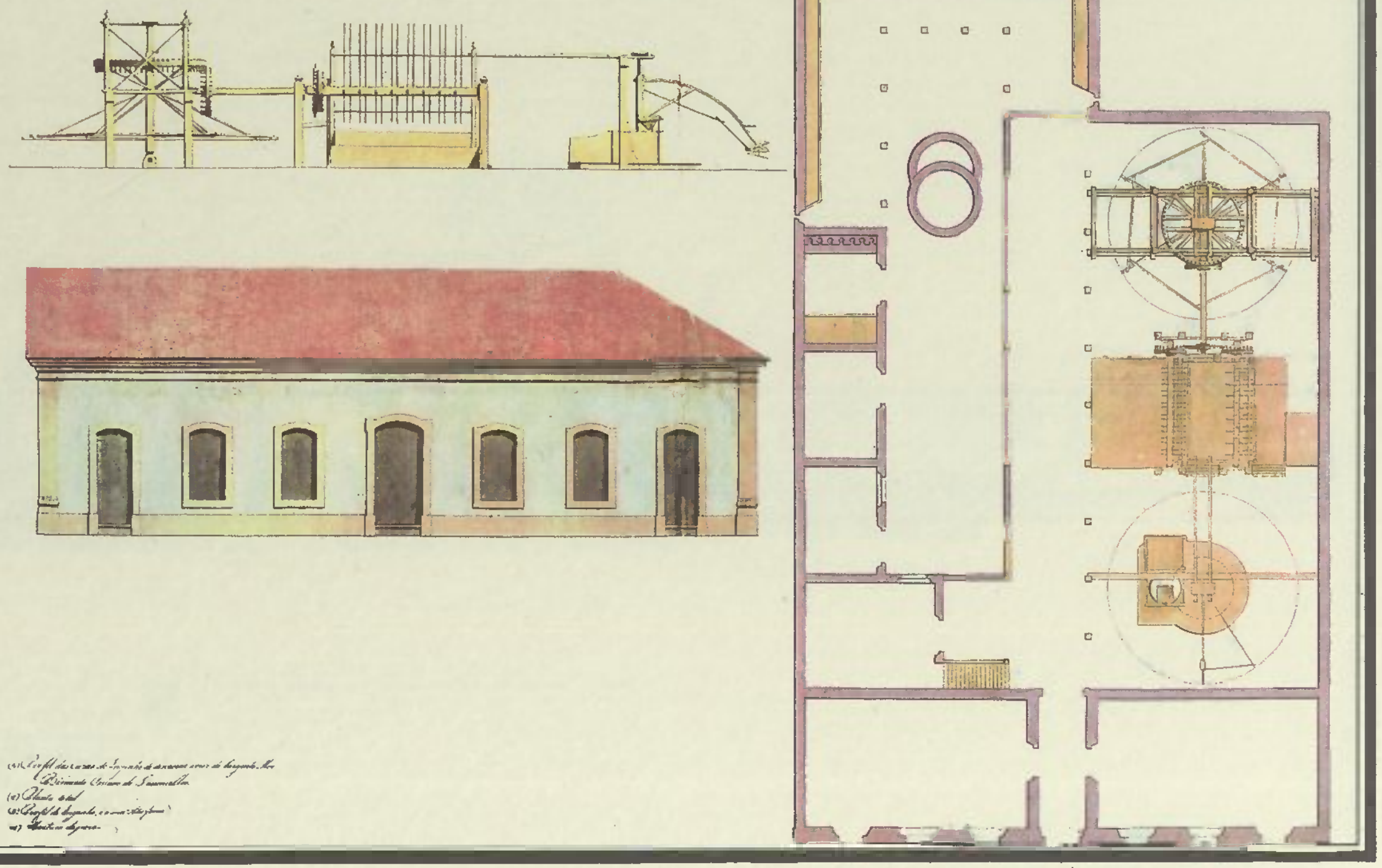


PLANTA DO ENGENHO D'ÁGUA DE FAZER AÇÚCAR DO CAPITÃO J. M. ROIZ.

VIAGEM FILOSÓFICA

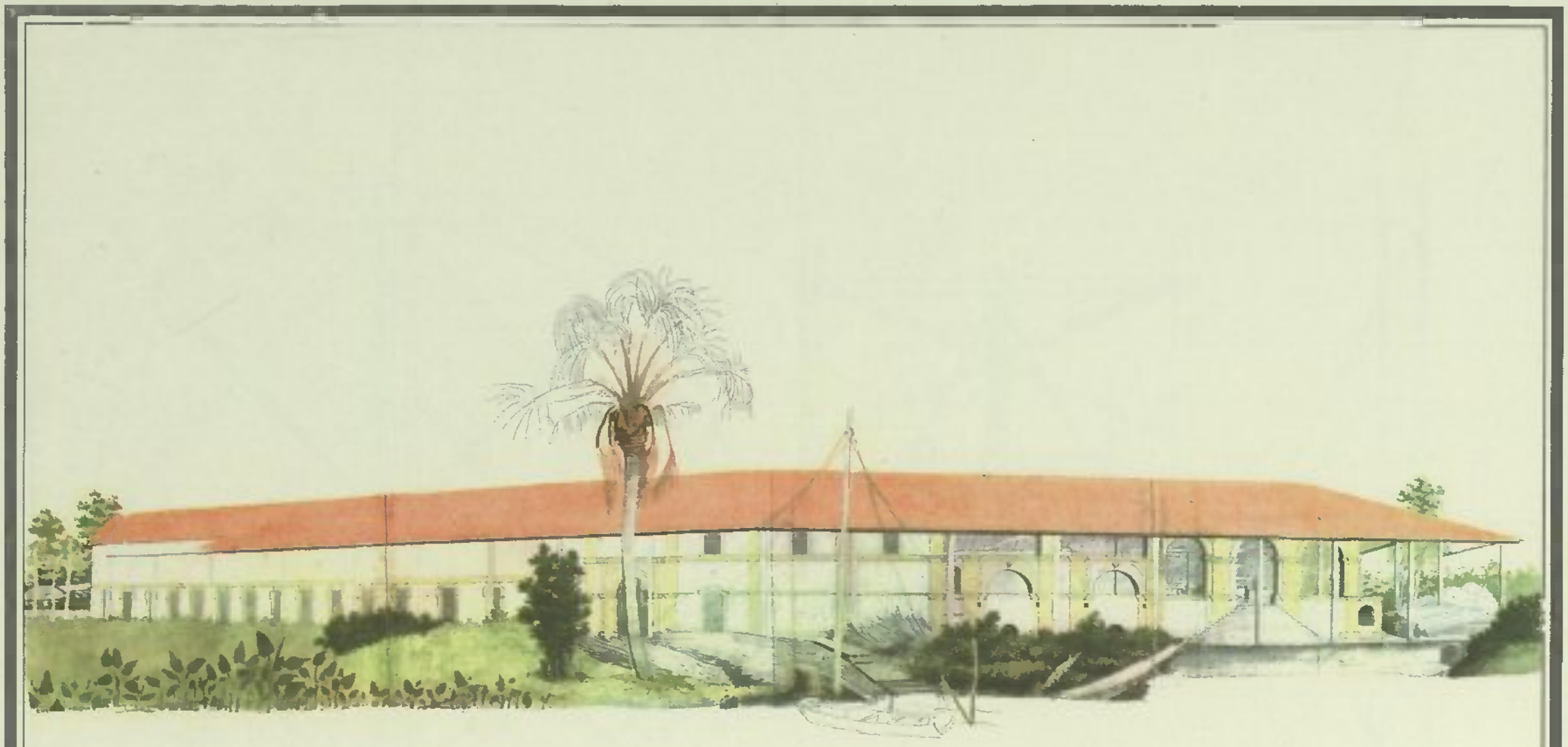
ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

BNF



PERFIL DAS CASAS DO ENGENHO DE DESCASCAR ARROZ DE B. T. VASCONCELOS

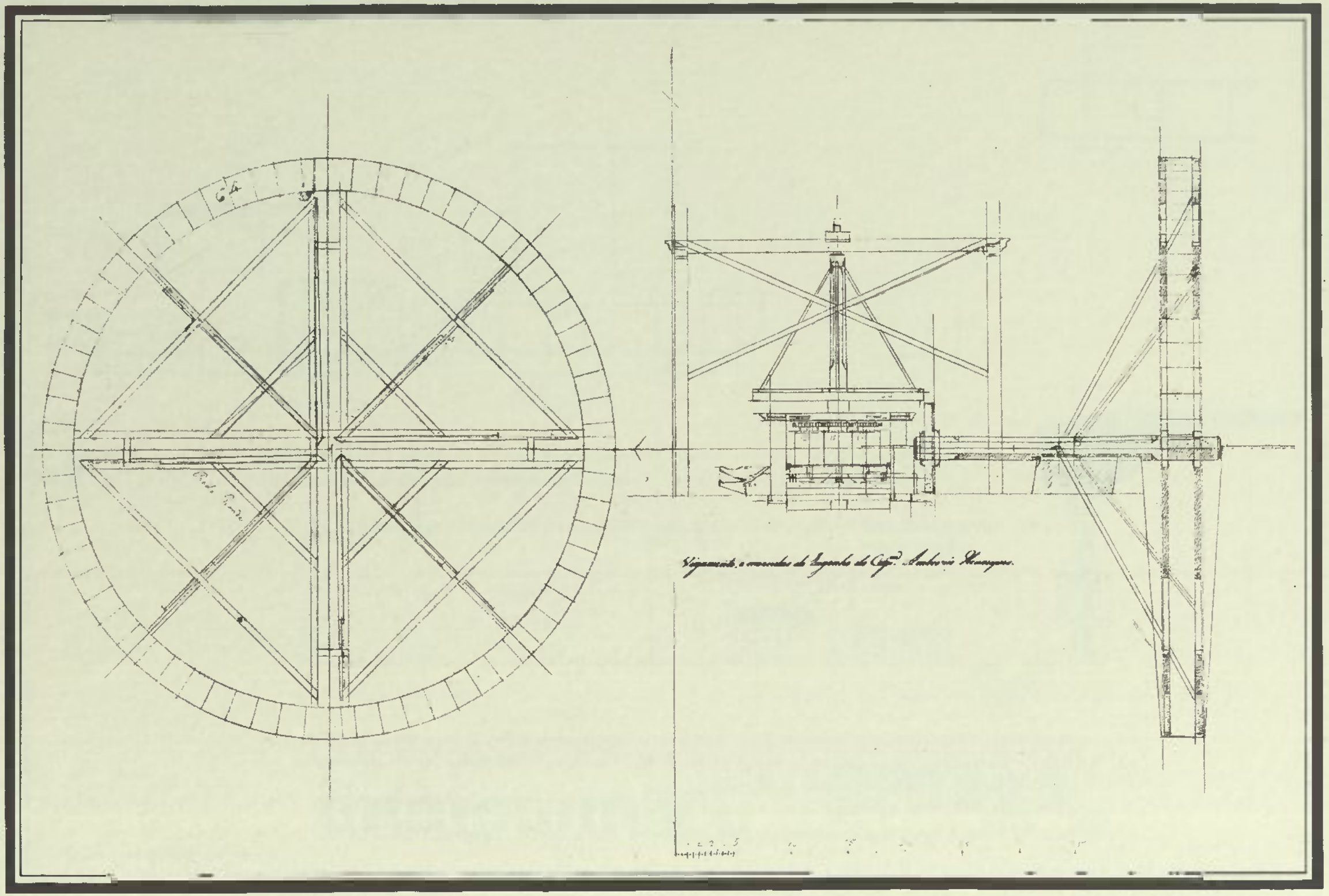
ISSP



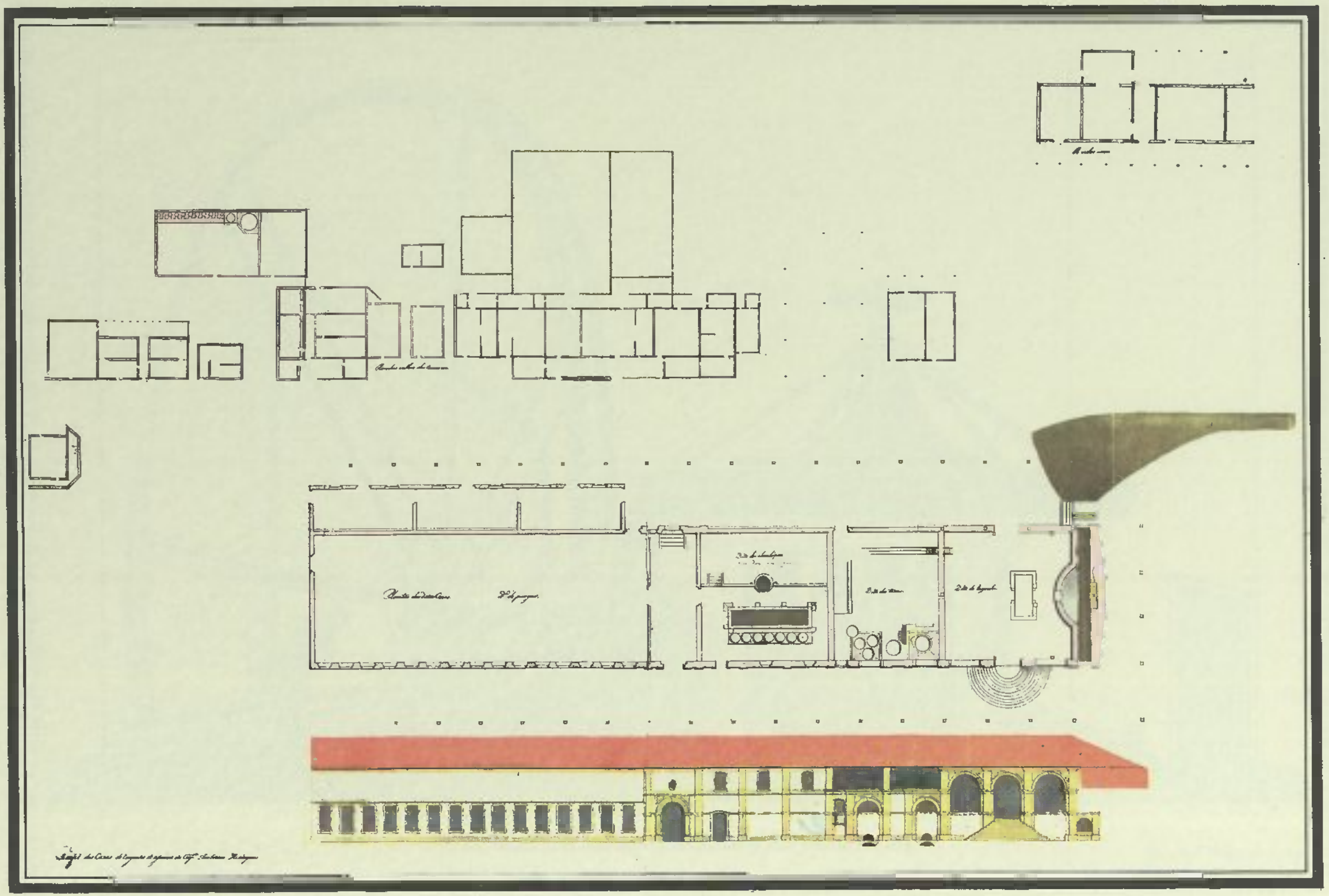
(1) Prospecto da Caza de purgar do Engenho de agoas do Capm. Antonio Henriques, situado na Ilha do Mocó.
(2) Caza de alambiques.
(3) Dª dos Taxos.
(4) Caza do Engenho.
(5) Boca da cadea.

PROSPETO DA CASA DE PURGAR DO ENGENHO DE AÇÚCAR DO CAPITÃO A. HENRIQUES

BNP

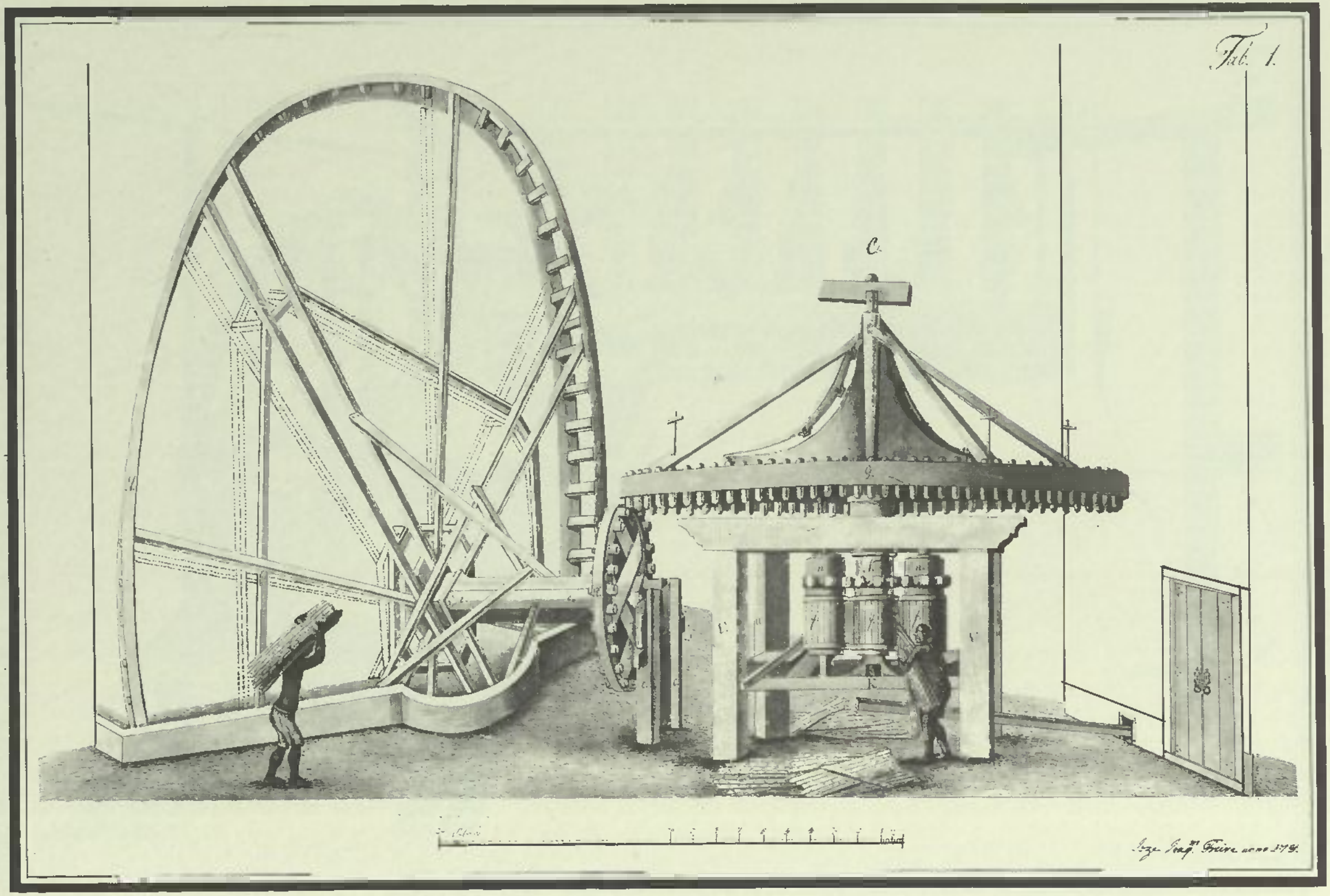


VIGAMENTO E MOENDAS DO ENGENHO DO CAPITÃO A. HENRIQUES



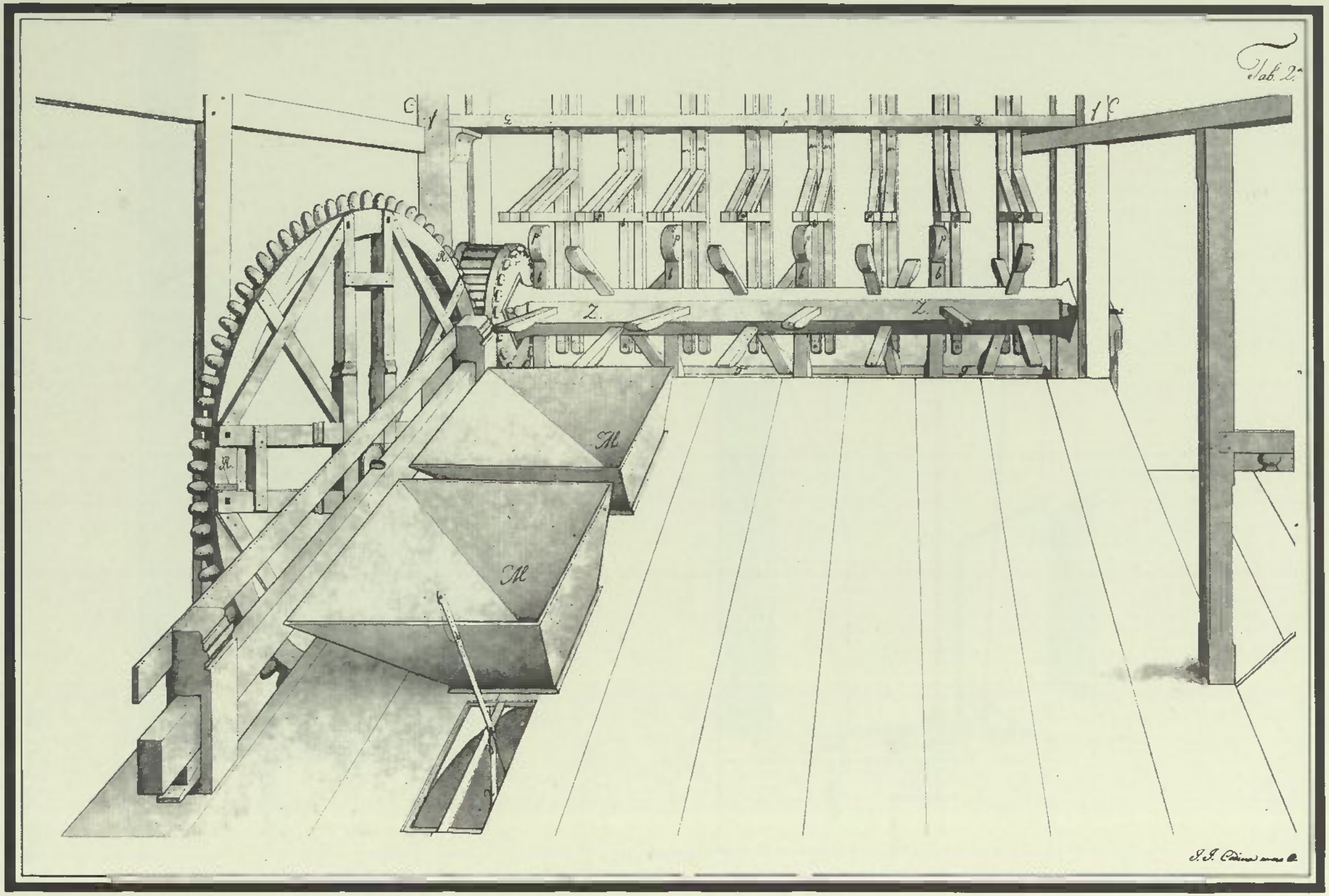
PERFIL DAS CASAS DO ENGENHO DE AÇÚCAR DO CAPITÃO A. HENRIQUES

دارالاسلام



ENGENHO DE CANA MOVIDO POR RODA HIDRÁULICA

JNP



ENGENHO DE PILÕES DE SOCAR

B&P

Tab.ª 4.ª

Fig. A.

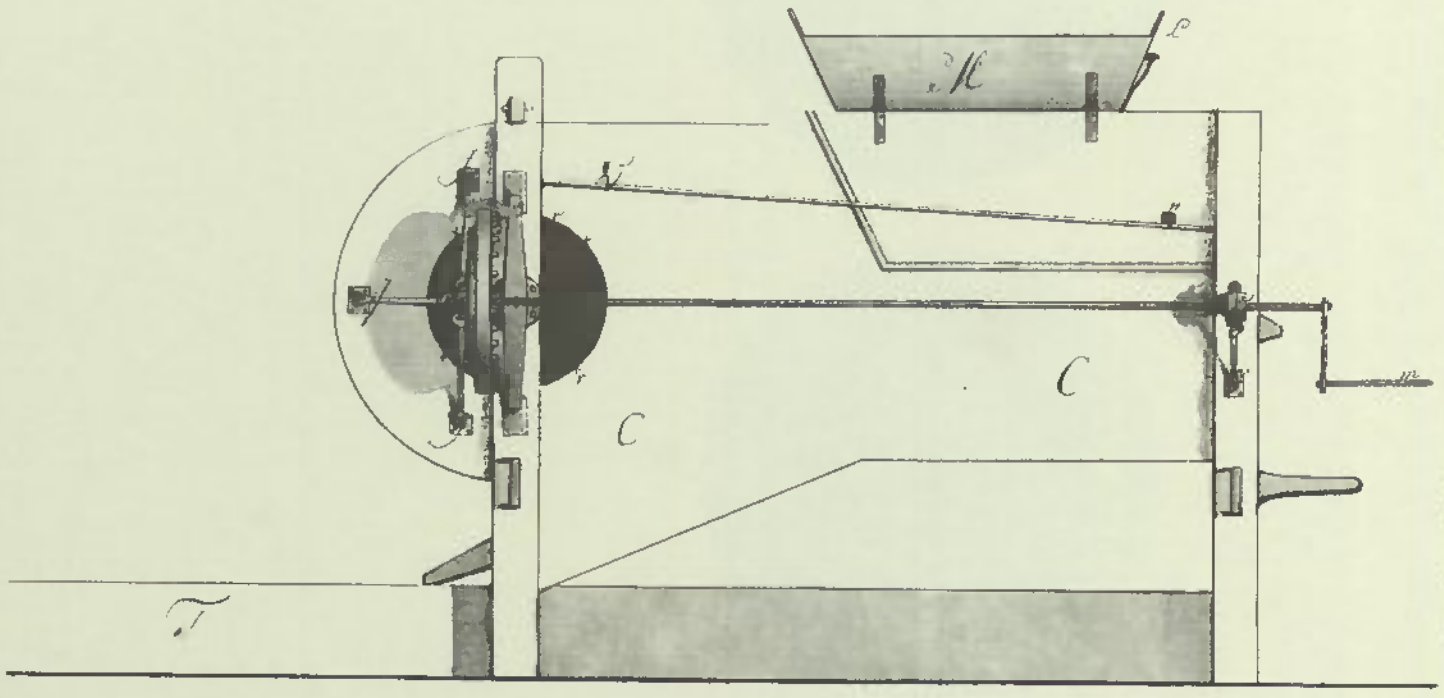
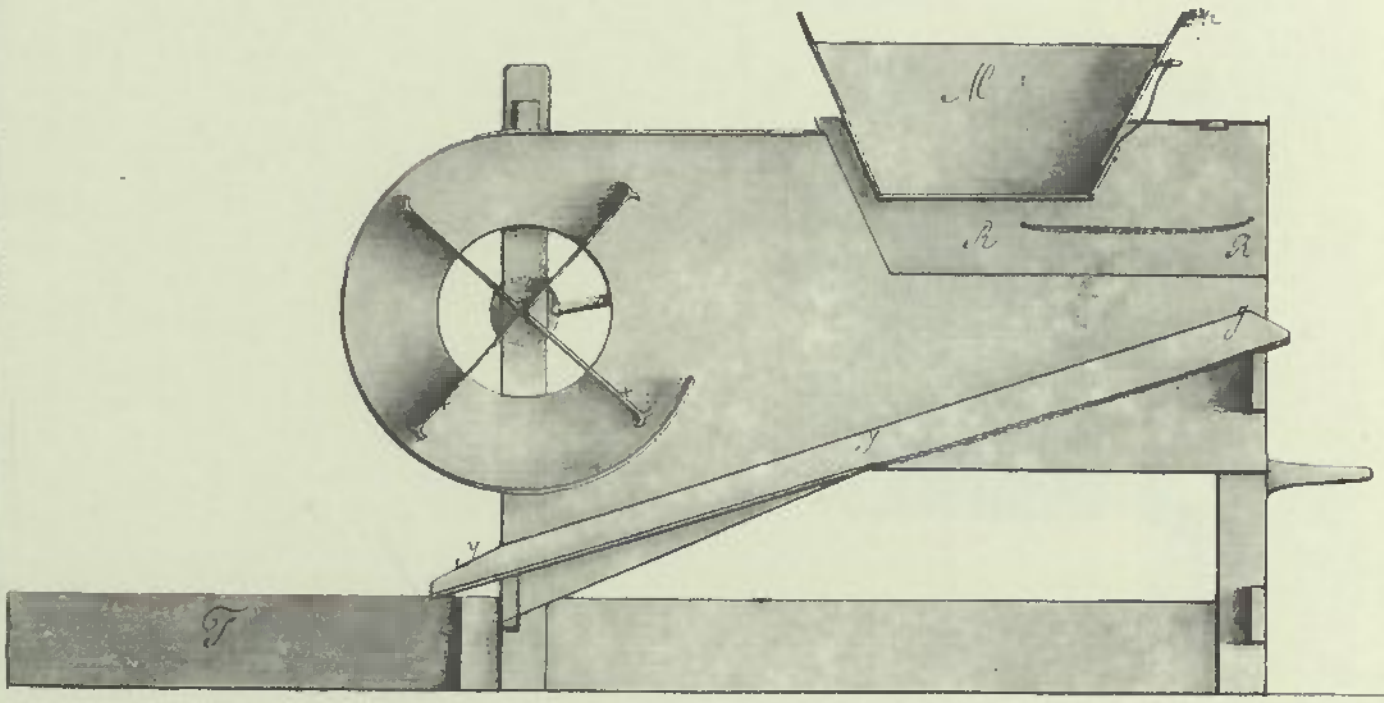


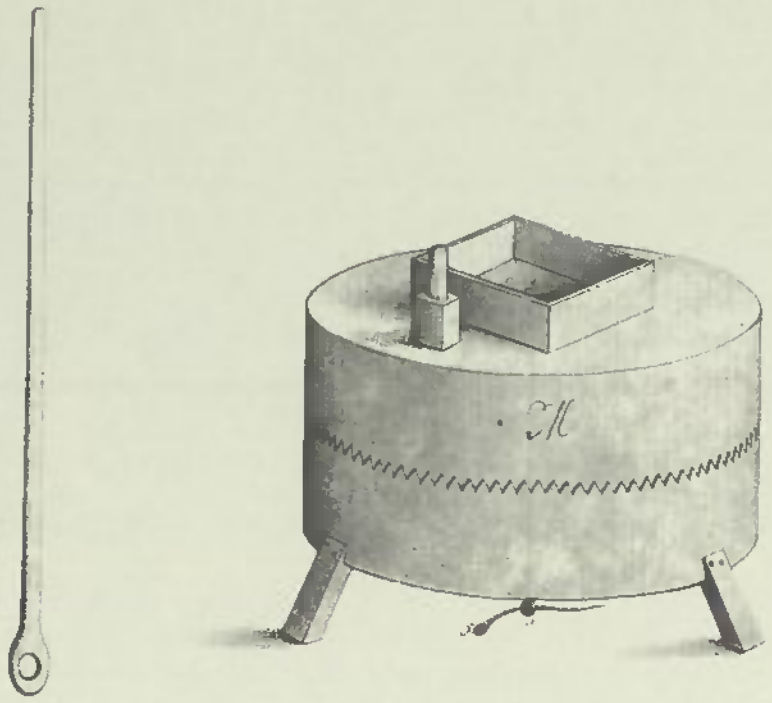
Fig. B



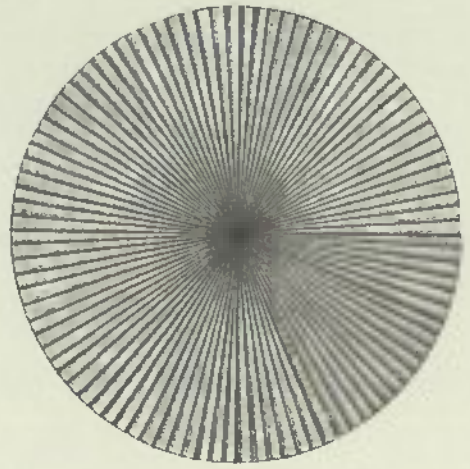
J. J. Codina. anno 1784.

VENTILADORES PARA CEREAIS

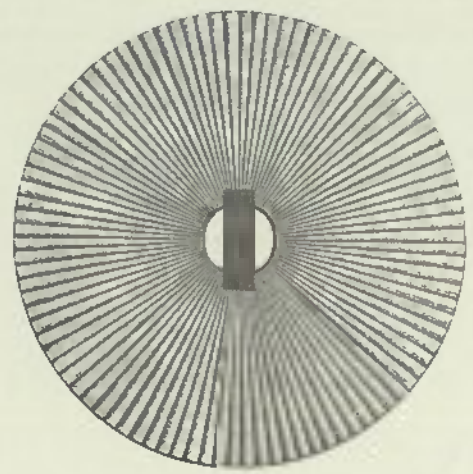
BNF



F



B

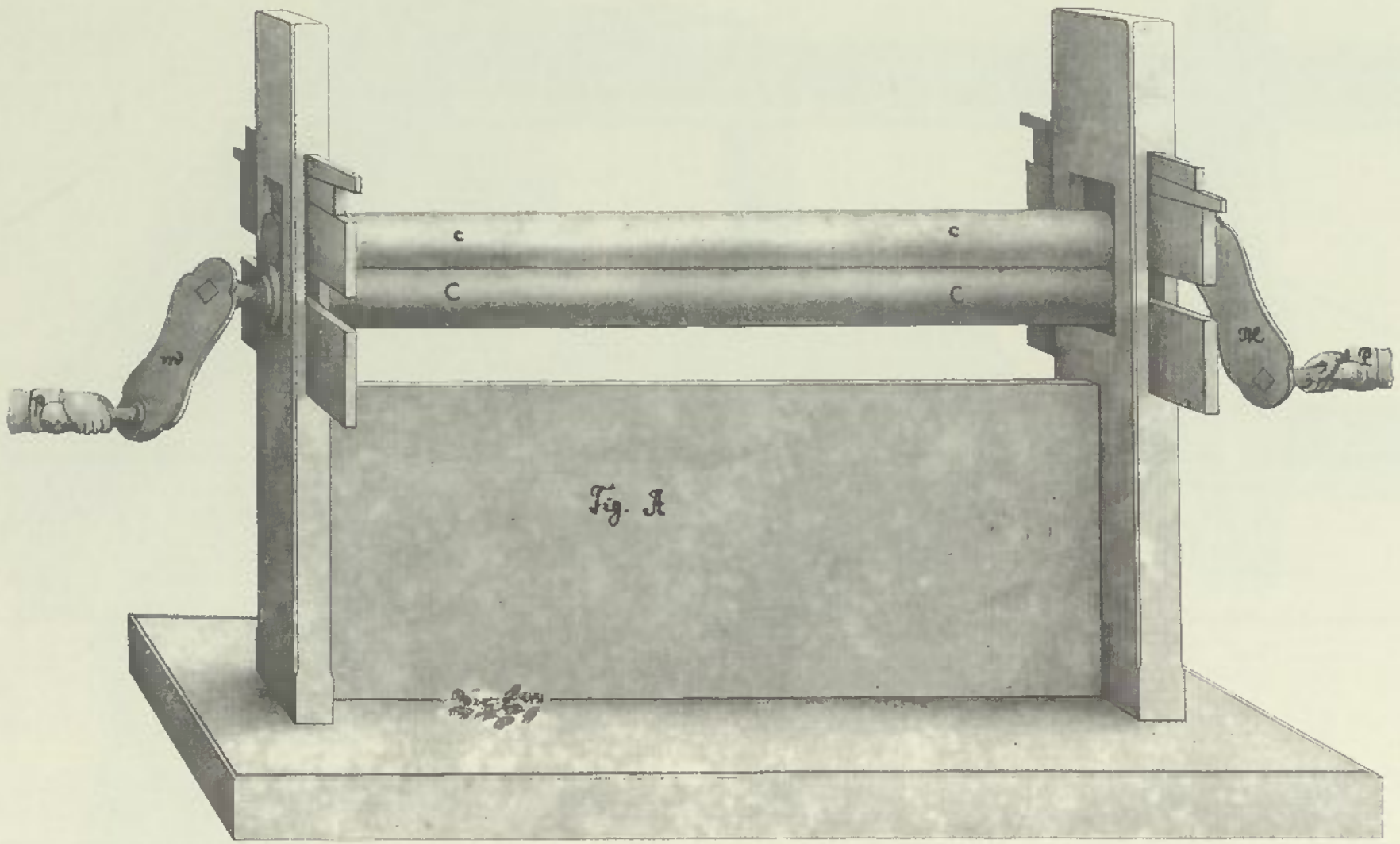


J. J. Codina. anno 1786.

UM MOINHO E SEUS ACESSÓRIOS

3491

Tab. 5.

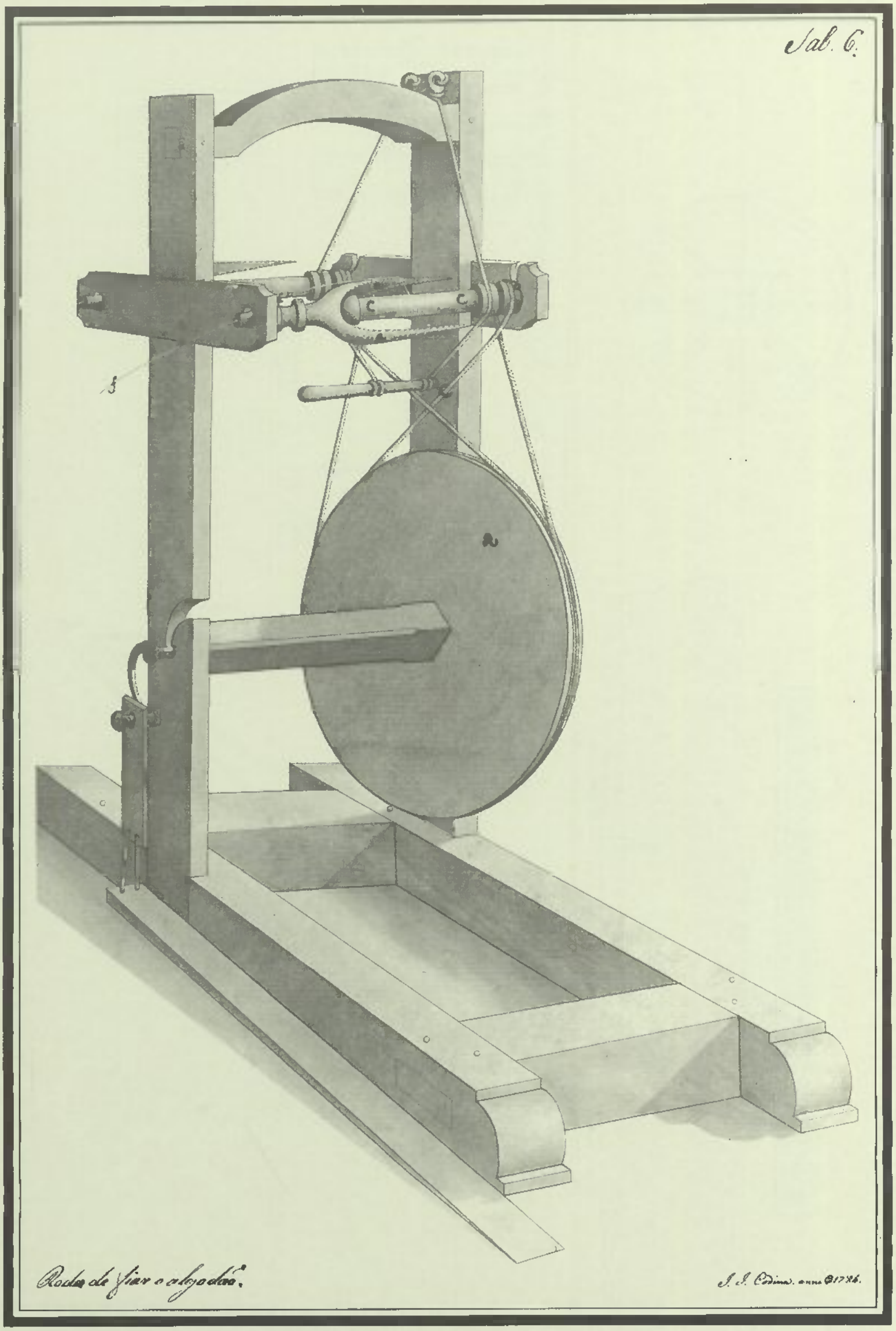


Engenho de descaroçar o algodão.

J. J. Freire. anno 1784.

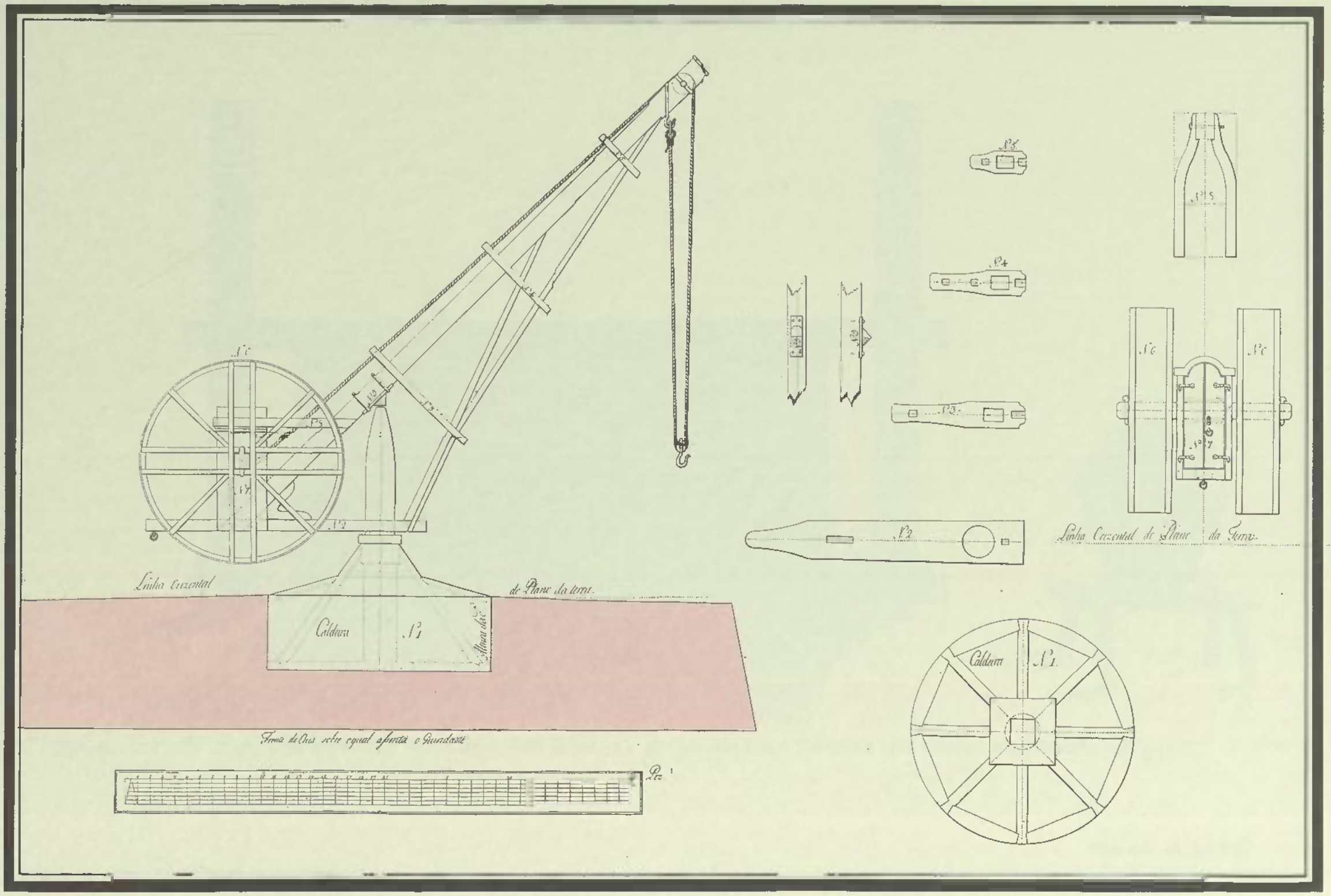
ENGENHO DE DESCAROÇAR ALGODÃO

S.N.P.



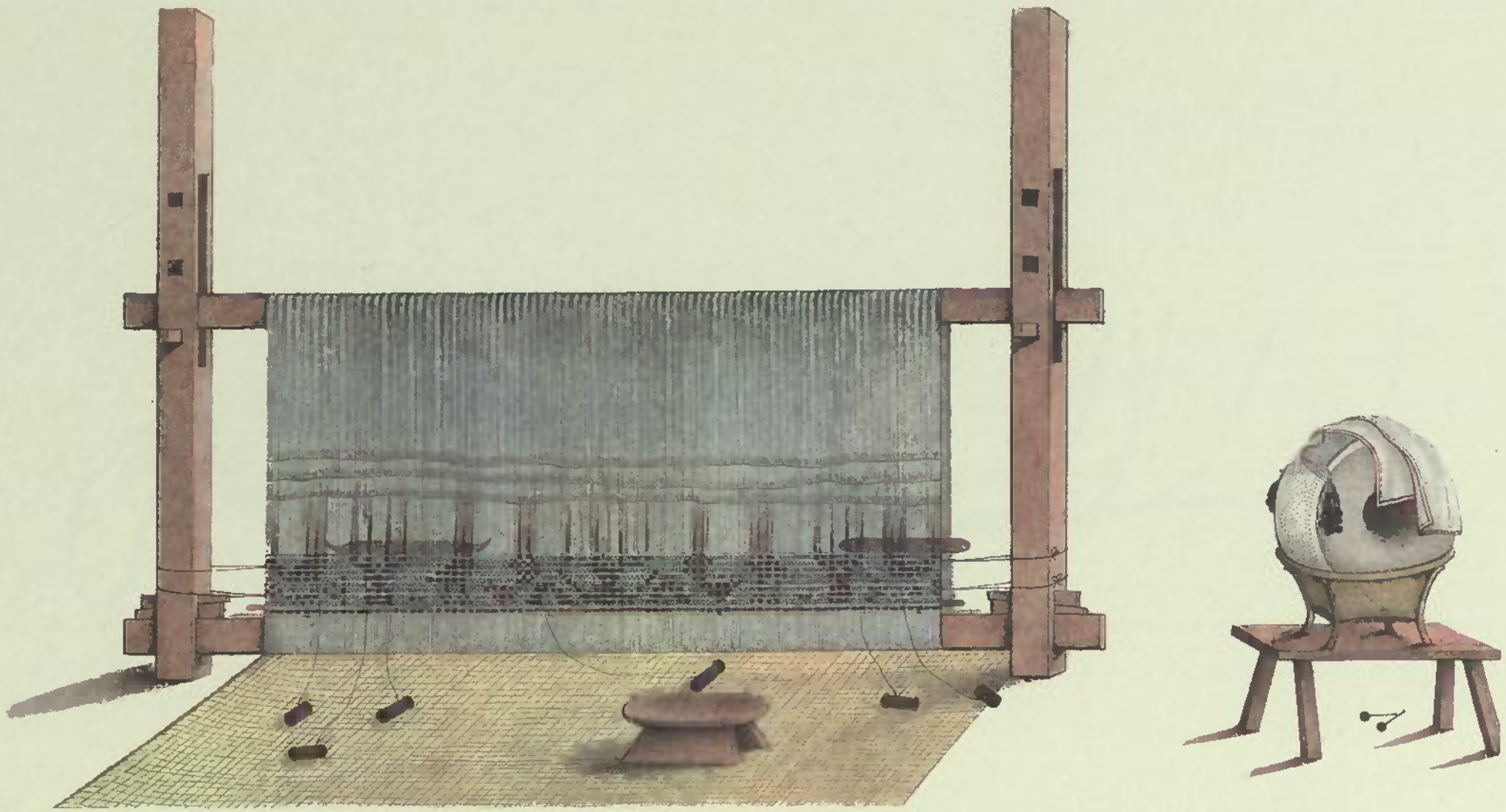
RODA DE FIAR ALGODÃO

BNP



UM GUINDASTE E SEUS ACESSÓRIOS

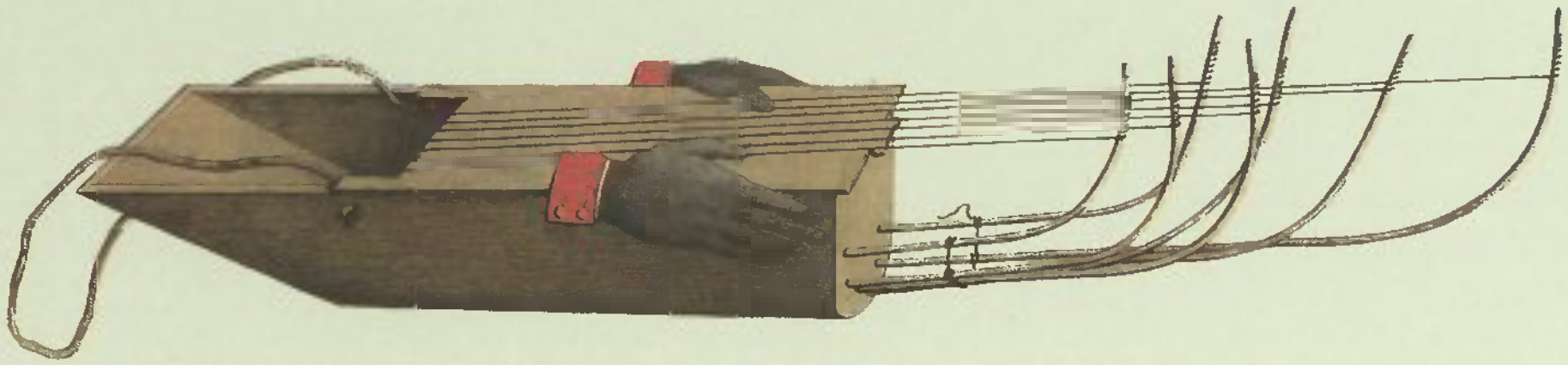
BNF



Prospecto do Tear, em q fazem as suas Rédes mais delicadas as Indias da Villa de Monte Alegre.

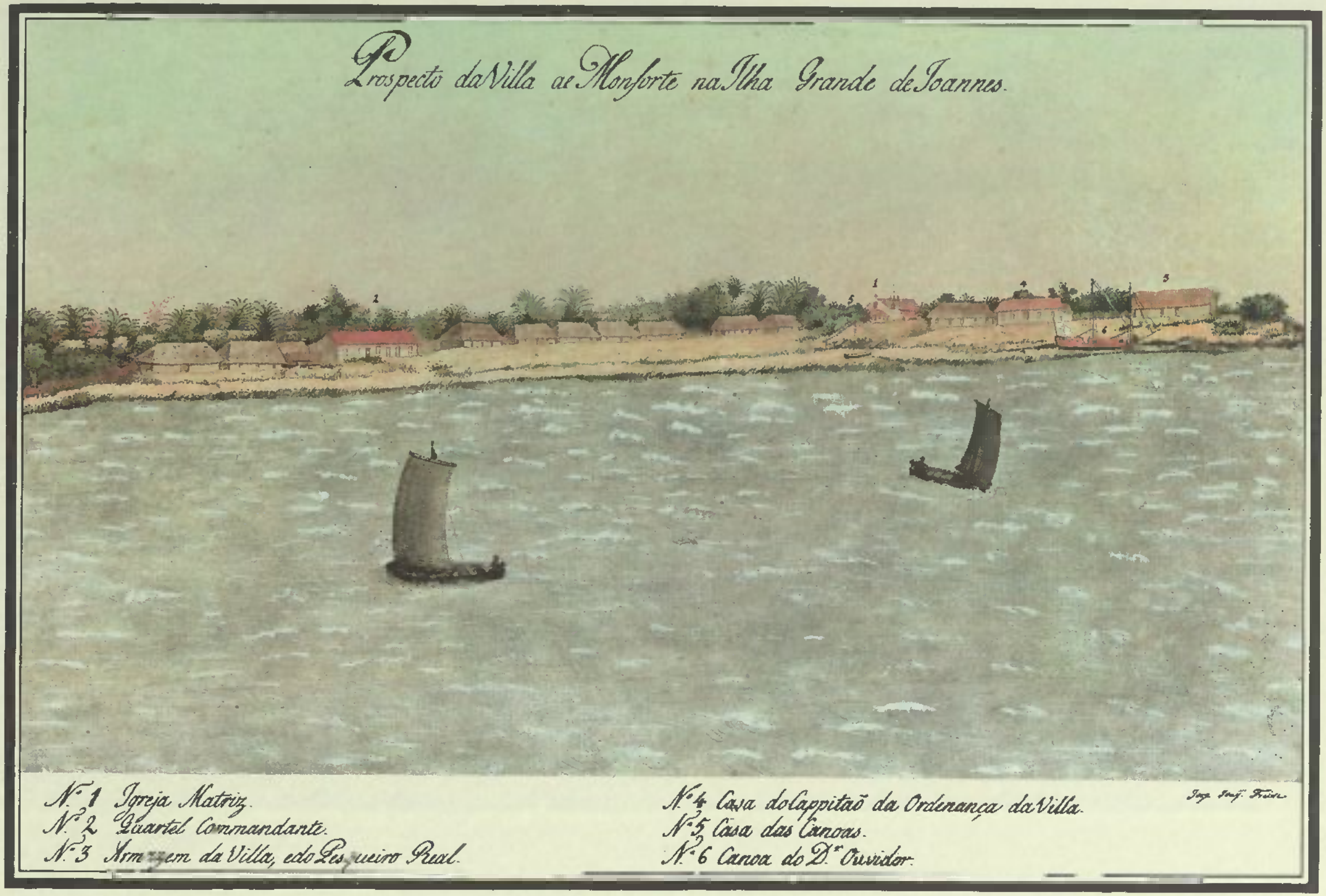
Anno de 1785

FABRICAÇÃO DE RÉDES NA AMAZÓNIA E RENDA DE BILRO

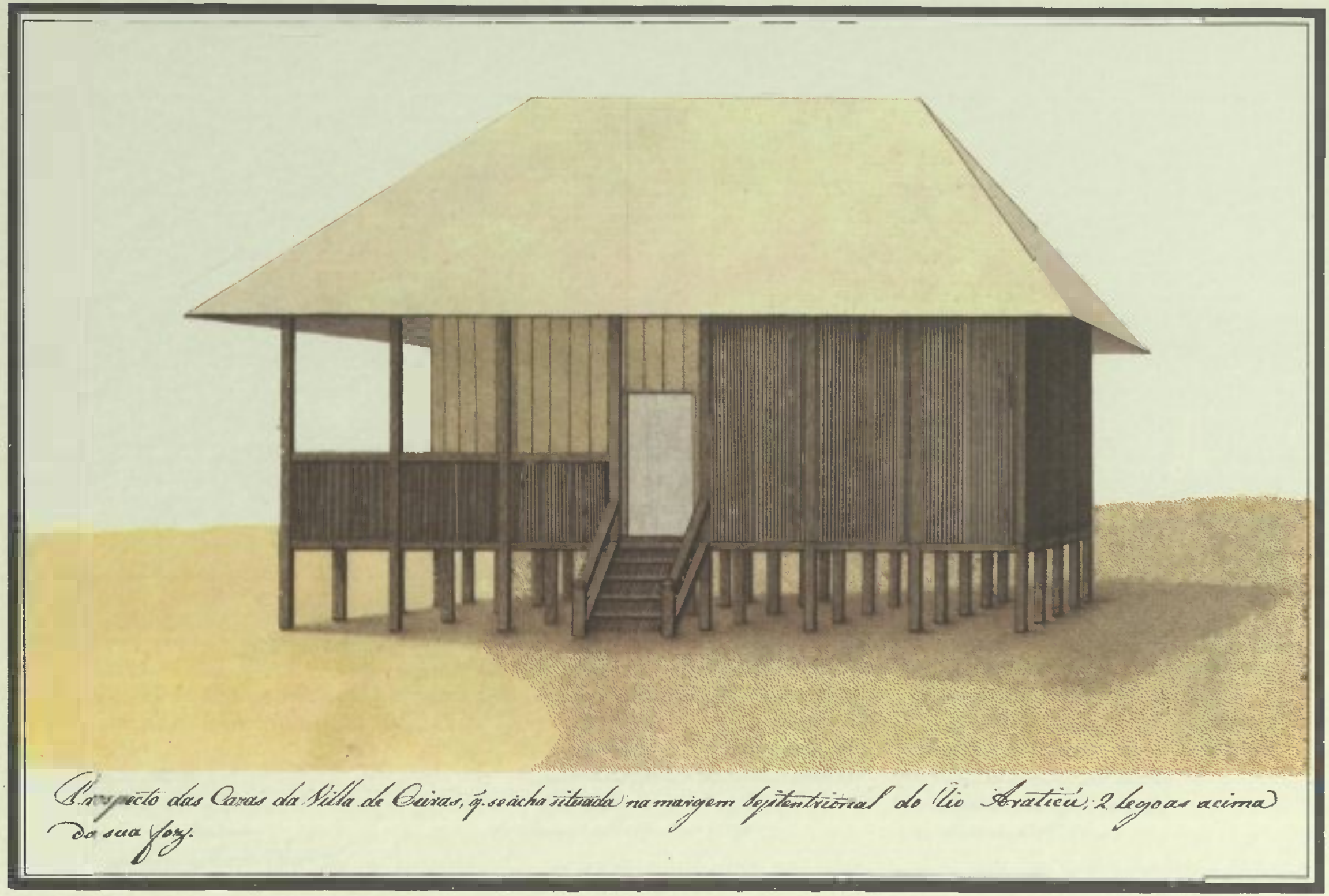


Viola q. tocáõ os Prétos

VIOLA QUE TOCAM OS PRETOS



VILA DE MONFORTE, ILHA DE MARAJÓ



Prospecto das Casas da Villa de Oeiras, q. se acha situada na margem Septentrional do Rio Araticú; 2 legoas acima da sua foz.

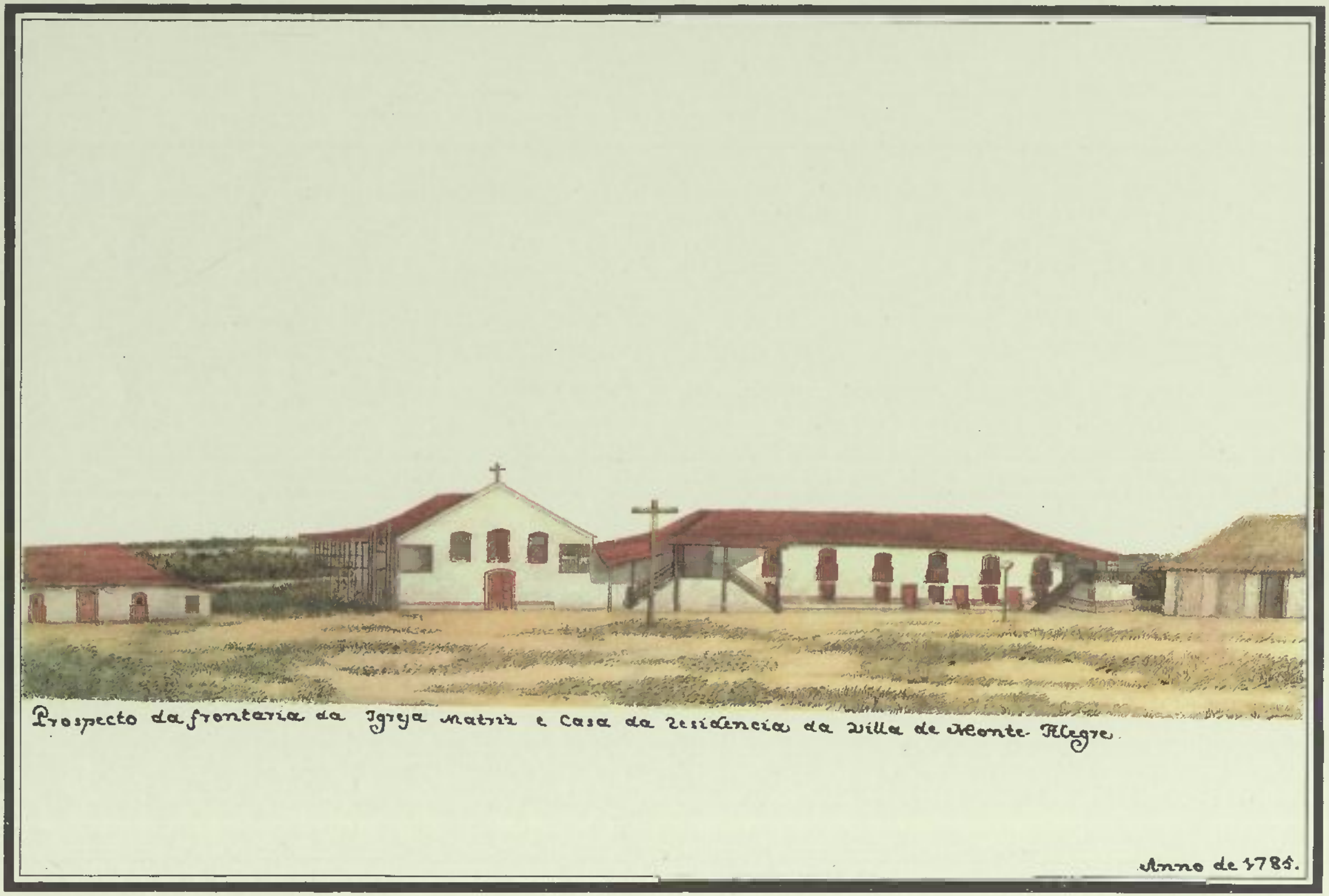
PROSPETO DE CASA DA VILA DE OEIRAS, RIO ARATICU



Prospecto da Villa do Cametá, e da Entrada que fez o Exm.o S.r Martinho de Soura e Albuquerque Gov.r e Cap.m General do Estado, na tarde do dia 1.º de Janeiro de 1784.

(1) Igreja Matriz.
(2) Capella do Bom Jesus.
(3) Hospicio dos Mercenarios.
(4) Caza que servio de Quartel General.
(5) Arco erigido pela Camara p.a a entrada do d.to Ex.mo
(6) Canoa N.S.ra da Piedade do transporte do d.to General e sua familia).
(7) Canoa N.S.ra da Victoria do transporte do Sup.te das Ordens Mestre Ancheta Sotta. e Cavalr.o Cordato Casimiro da Silva Guimão.
(8) Canoa S. Manta. g.a reserva de Artilharia).
(9) Canoa S. Francisco X.er do transporte do Naturalista o D.or Alex.re Rodr.s Ferr.a
(10) Canoa N.S. da Redempção do transporte do D.or Querd.t Geral Mathias J.e Bet.s co Sargento Mor João Nasco.
(11) Montaria das ordens do d.to General.
(12) Montaria do seu Ajud.te de Ordens.
(13) Montaria do D.or Querd.t

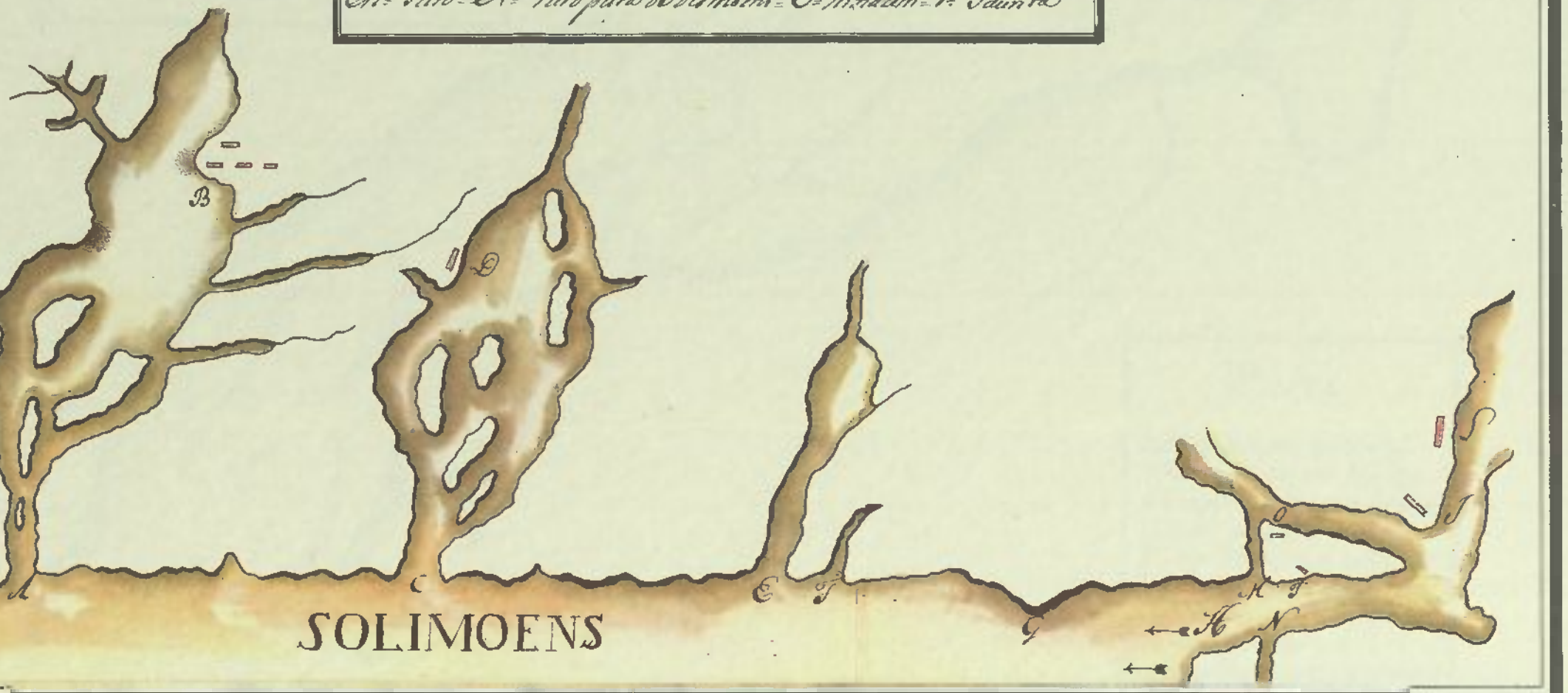
VILÀ DE CAMETÁ



IGREJA MATRIZ E CASA PAROQUIAL, MONTE ALEGRE

LSE
LIBRARY

Por Ordem do Illm.º e Ex.mo Snr. João Pereira Caldas, Governador, e Encarregado da Demarcação de Limites na Fronteira do Estado do Pará e Capp.ia do Rio Negro se fez esta Planta, para mostrar a situação do novo Estabelecimento dos Muras no Lago Mamiá, aguada, e Sitio mais Immediato, remettida pelo Alfabeto seguinte, como melhor se pode explicar. A. Mamiá. B. Muras. C. Coarí. D. Huallon. E. Cayambé. F. Mutum uará. G. Ponta aonde commandante Portuguez foi encontrado hua Canoa Hespanhola que abusiva, e confiadamte. vinha descendo, e chamou alli avançado desde o seu respectivo Quartel sem respeitar o Limite da Communa Navegação. H. Pepê. I. Tayanhoes. L. Egua. M. Turo. N. Rio para o Solimoens. O. Manacum. P. Panta



CARTA HIDROGRÁFICA DO SOLIMÕES, LAGO MAMIÁ E MALOCAS DOS MURAS

EXAME
QVE POR ORDEM DO Ill.mo E Ex.mo S.NR. IOAÕ
PEREIRA CALDAS
GENERAL COMISSARIO DA 4ª PARTIDA
FEZ O COMISSARIO DA MESMA

~I.B.M.~

D
F
C
E
E
E
B
A
G

PAVTA

A. Santo Antonio Do Maripi
B. Rio Maraá que vem de Lagos
C. Citio que se escolheo para Povoaçaõ
D. Auari parana
E. Lagos p.e onde se vay ao RN.egro
F. Ponta de Ilha que se pode Roçar
G. Paragem para onde se pode mudar os Muras do Amaná.

CARTA HIDROGRÁFICA DO RIO NEGRO, FOZ DO MARAÁ E AUATI-PARANÁ

BSB

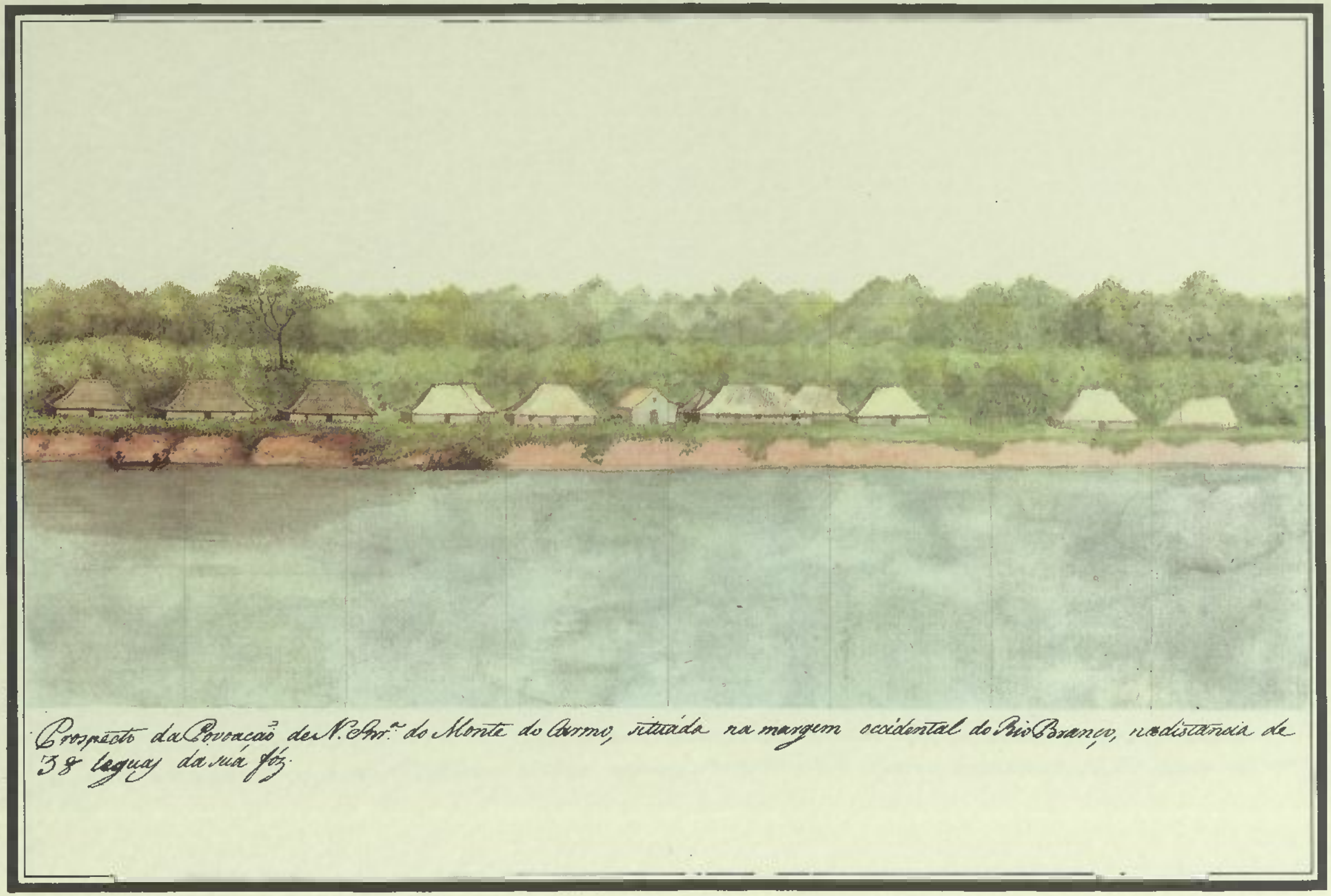


Prospecto do Lugar do Carvoeiro, em outro tempo Aldêa do Aracarý, situada na margem Meridional do Rio Negro.

Codina.

PROSPETO DE CARVOEIRO (ALDEIA DE ARAÇARI), RIO NEGRO

BKC



Prospecto da Povoacaõ de N.S.ra do Monte do Carmo, situada na margem occidental do Rio Branco, na distancia de 38 leguas da sua Foz.

POVOAÇÃO N. S. DO MONTE DO CARMO, RIO BRANCO



Prospecto da nova Povoação de Sta Maria, situada na marg Oriental do Rio Branco, nadistancia de 75 leguas dasua foz.

POVOAÇÃO DE SANTA MARIA, RIO BRANCO

BNS



Prospecto da nova Povoaçaõ de S.t Phelippe, situada na margem Occidental, emprimeiro sitio da Cachoeira grande do Rio Branco, destancia de 78 legoas da sua foz.

Codina.

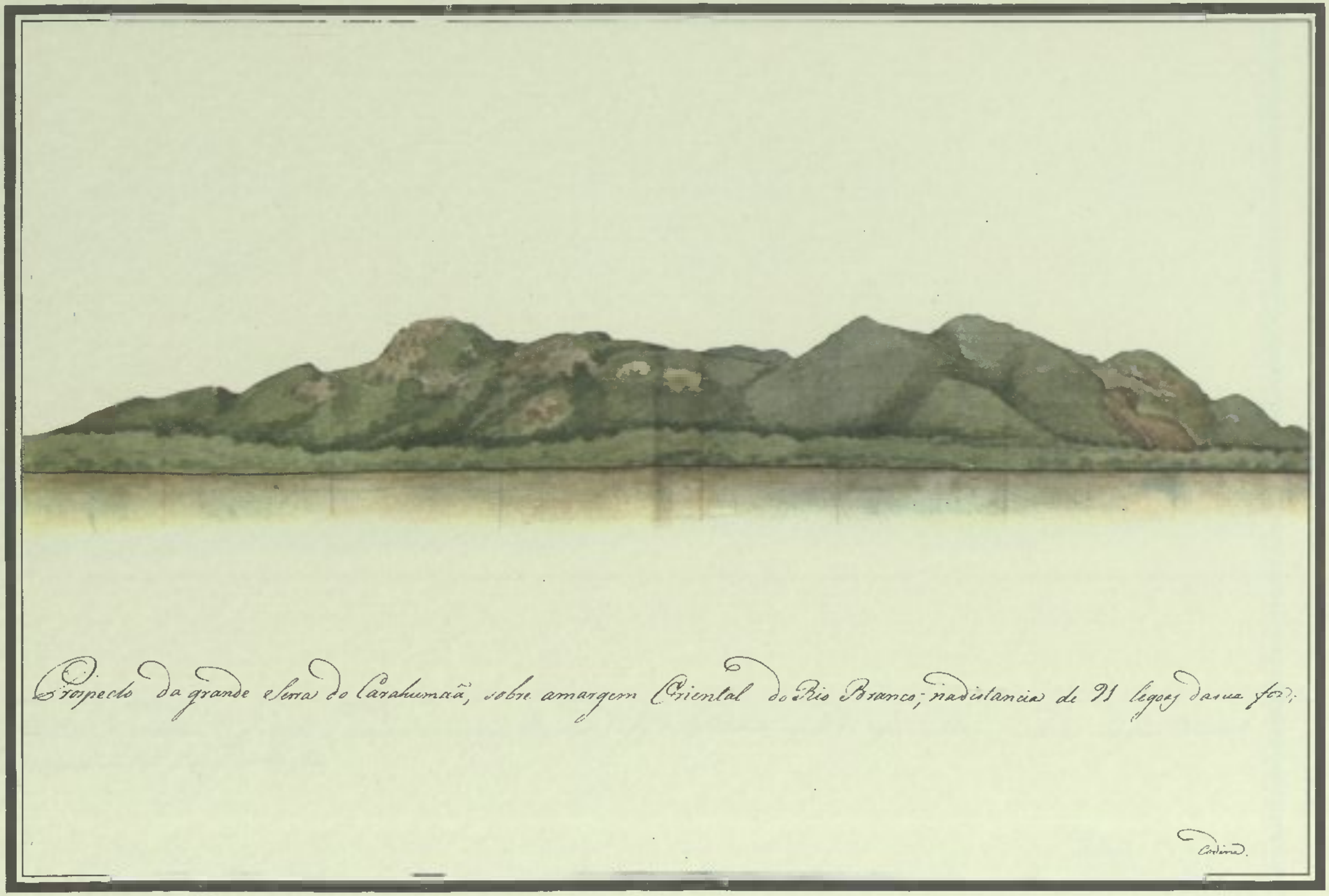
POVOAÇÃO DE SÃO FELIPE. RIO BRANCO

ENS



Prospecto da nova Povoação de N.ª Snr.ª da Conceição, situada na margem oriental do Rio Branco, na distancia de 82 leguas da sua foz.

POVOAÇÃO N. S. CONCEIÇÃO, RIO BRANCO



Prospecto da grande Serra do Caraumaã, sobre a margem Oriental do Rio Branco; na distancia de 21 legoas da sua foz.

Cadima.

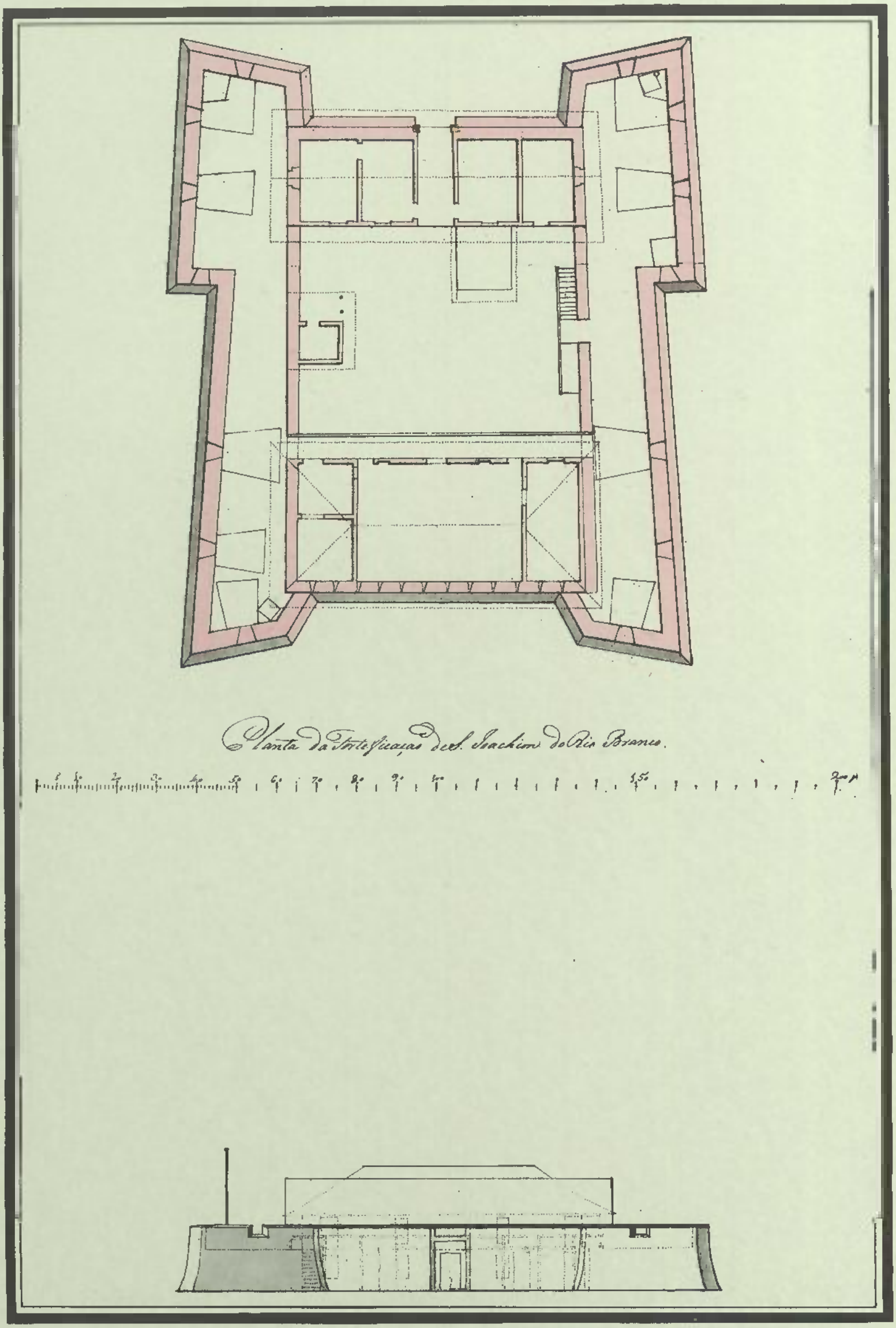
PROSPETO DA SERRA DE CARAUMAÃ. RIO BRANCO



Prospecto da Fortaleza de S.t Joaquim, situada na margem Oriental da foz do Rio Tacutú, igual de agoa no Branco pela sua margem Oriental, na distancia de 102 legoas da sua foz.

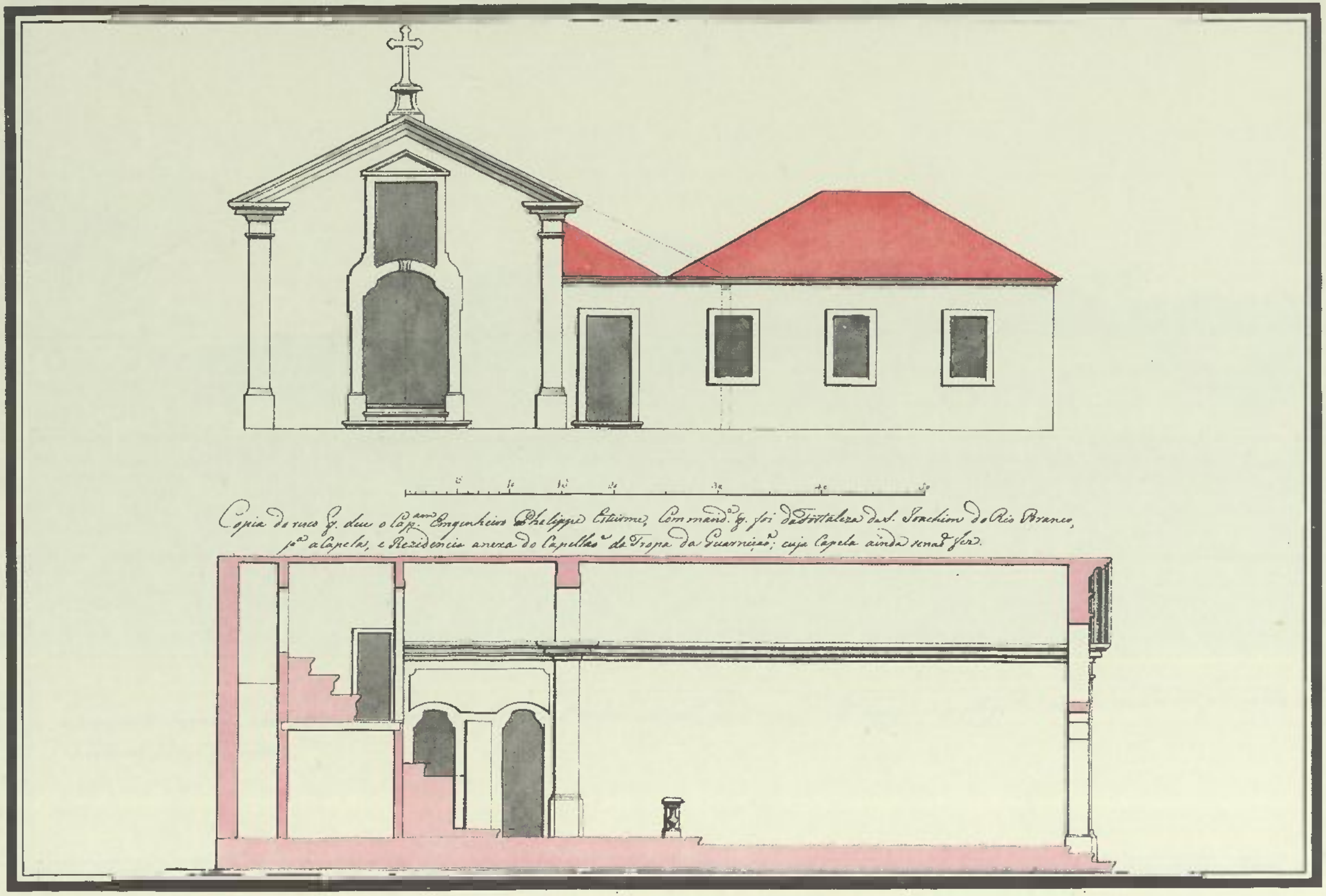
Codina.

PROSPETO DA FORTALEZA DE SÃO JOAQUIM, RIO BRANCO



PLANTA DA FORTALEZA DE SÃO JOAQUIM, RIO BRANCO

BNP



PLANTA DA CAPELA E RESIDÊNCIA DO CAPELÃO, FORTE DE SÃO JOAQUIM

BNF



Prospecto da primr.ª Serra q. existe na margem Oriental do Rio Maáhú, na distancia de 8 legoas e 2 milhas da sua foz, e na de 20 e 2 milhas da Fortaleza de S.ª Joachim.

SERRA NO RIO MAÙ, RIO BRANCO

BNP



Prospecto da 4ª Cachoeira grande do Rio Madeira na distancia de 17 legoas e meia da sua foz, na distancia de 34 e meia da Fortaleza de N. Joachim.

CACHOEIRA GRANDE DO RIO MAÚ

SNP



CACHOEIRA DO URUBURU, RIO MAÚ

BNF



CACHOEIRA DO URUBURU. RIO MAÚ

BNF

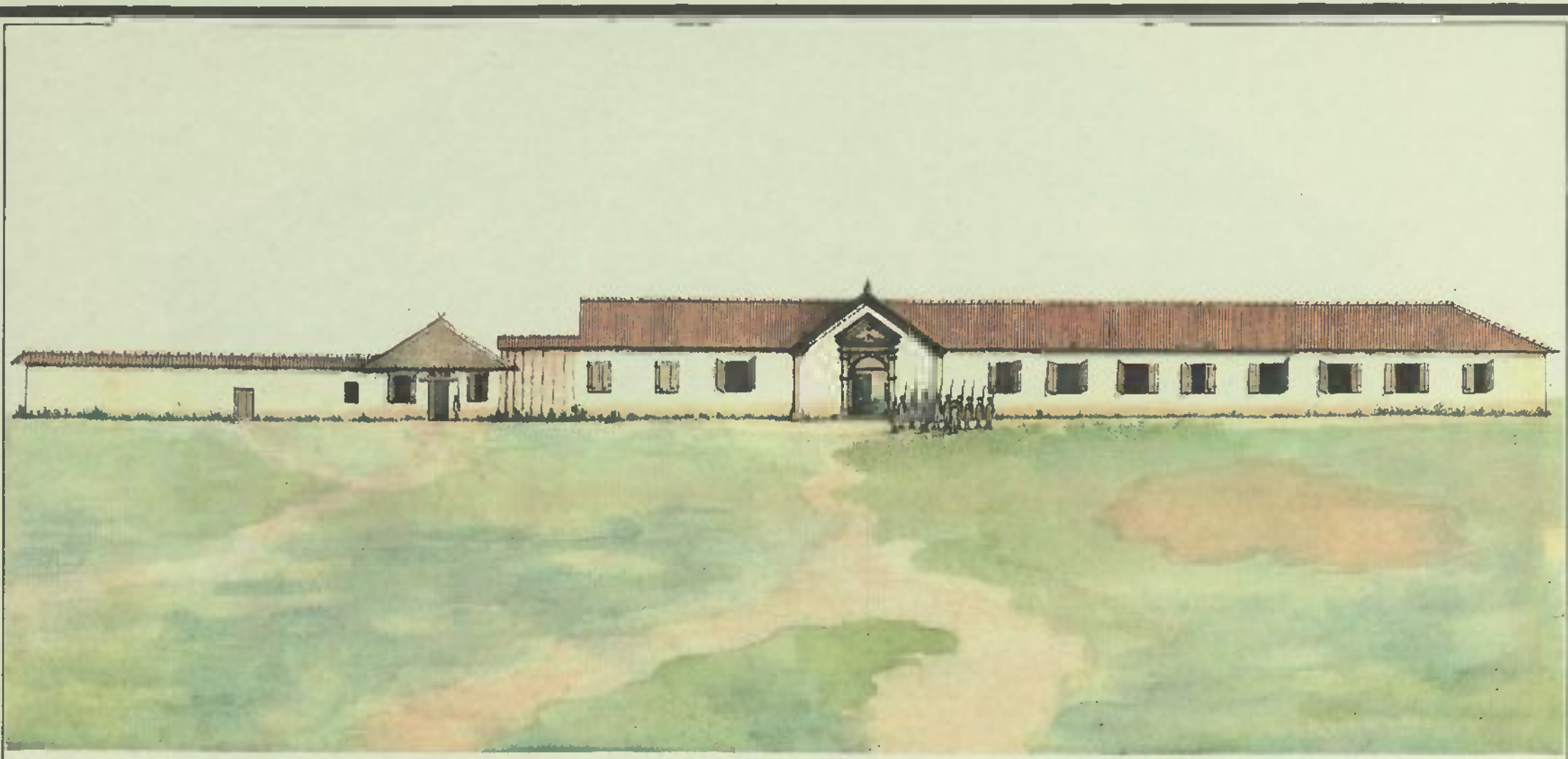
MOLIRI JAM TECTA VIDE, ET JAM FIDERE TERRAE.
Virg



Prospecto da Villa de Barcellos, antigamente Aldeia de Mariua. Creada Capital da Capitania de S. Joseph do Rio Negro, pelo Illm.^o e Exm.^o Snr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, por^o Provisão de 6 de Mayo de 1758. Esta Situada na margem austral do ~~dito~~ Rio Negro; na distancia de 70 legoas da sua foz; em 0.º 58' 45" de Latitude austral. e em 314.º 42' de Longitude oriental da Ilha de Terro, segundo as ultimas observaçoens.
Representa-se a sahida do Illm.^o e Exm.^o Snr. João Pereira Caldas, Governador e Capitão General pomeado para as Capitanias do Matto-grosso, e Cuyabá, nos Destrictos dos Governos dellas, edo Estado do Graõ-Pará. Encarregado da Execução do Tratado Preliminar de Limites. e Demarcação dos Reaes Dominios, pela primeira vez, que se dirigio ao Quartel da Villa de Ega, no Rio Solimoens. em 28 de Abril de 1784.

(a) Canoa da Invocação de N.^a Snr.^a do Pilar, de transporte de S. Ex.ª
(b)(b). As duas Agoritas das Cordas.
(c) Canoa de transporte do Capellaõ Cl. Pedro Thomáz.
(d) Canoa da Cozinha.
(e) Canoa da Invocação de N.^a Snr.^a da Boa-Viagem, de transporte do Escrivaõ da Thezouraria Real Sebastião Joseph Bastos, que exercia o serviço de Secretario interino.
(f) Canoa de transporte do Cirurgiaõ dos Empregados na Demarcação Antonio Joseph de Araujo Braga.
(g) Canoa da Invocação de N.^a Snr.^a do Valle, de transporte do Tenente-Coronel Antonio Baptista Mastel, Commissario Demarcador.

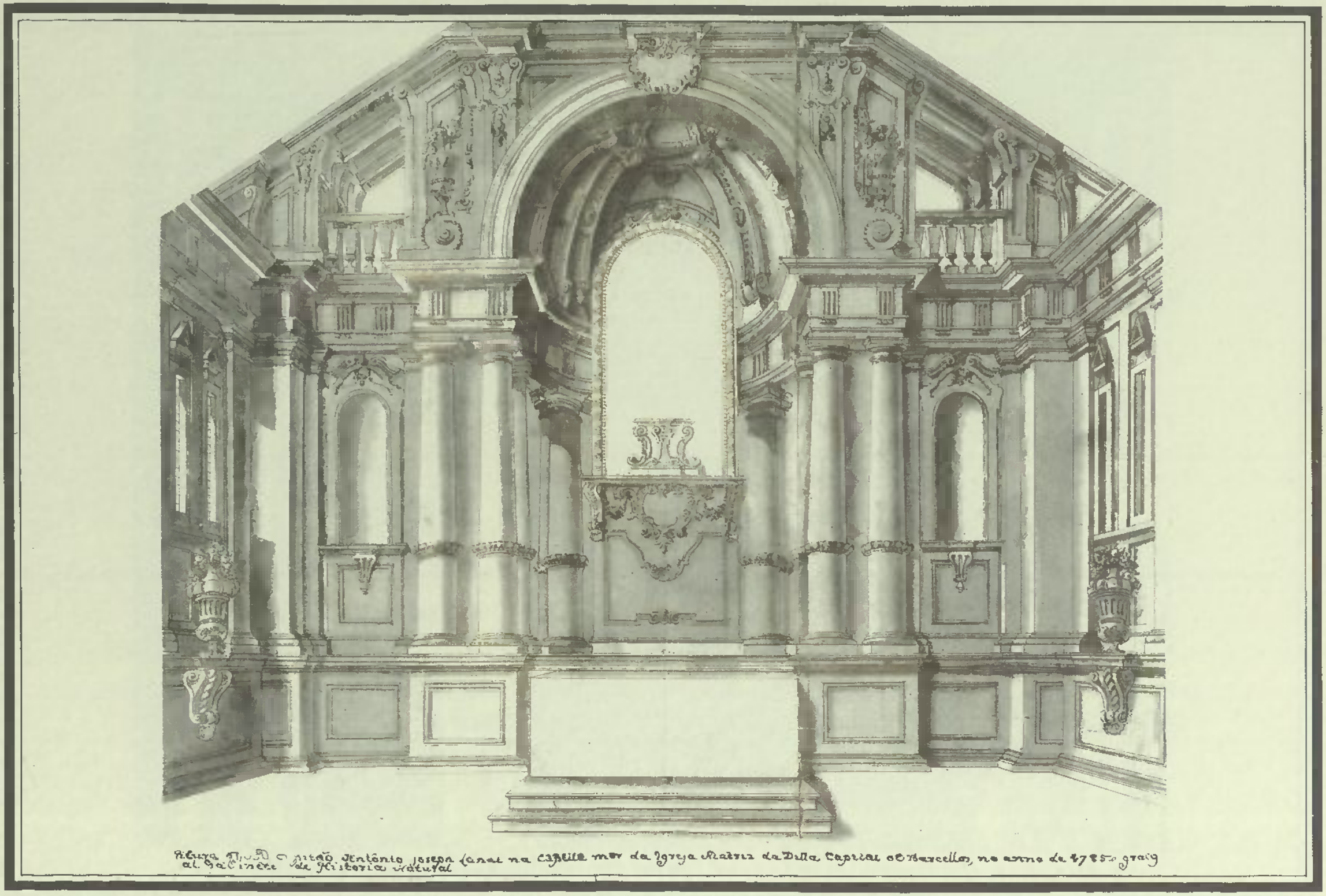
PROSPETO DA VILA DE BARCELOS (ANTIGA MARIUÁ). RIO NEGRO



Prospecto do Quartel da Tropa da Guarniçaõ da Villa de Barcellos, mandado erigir pelo Illm.º e Exm.º Snr Joaõ Pereira Caldas, no tempo do seu Govêrno, e foi executar pelo Snr.º Joachim Tinôco Valente, Governador que foi da Capitania de S. Joseph do Rio Negro. Principiou-se no anno de 1775, e ficou no Estado, em q. se acha desde o de 1776.

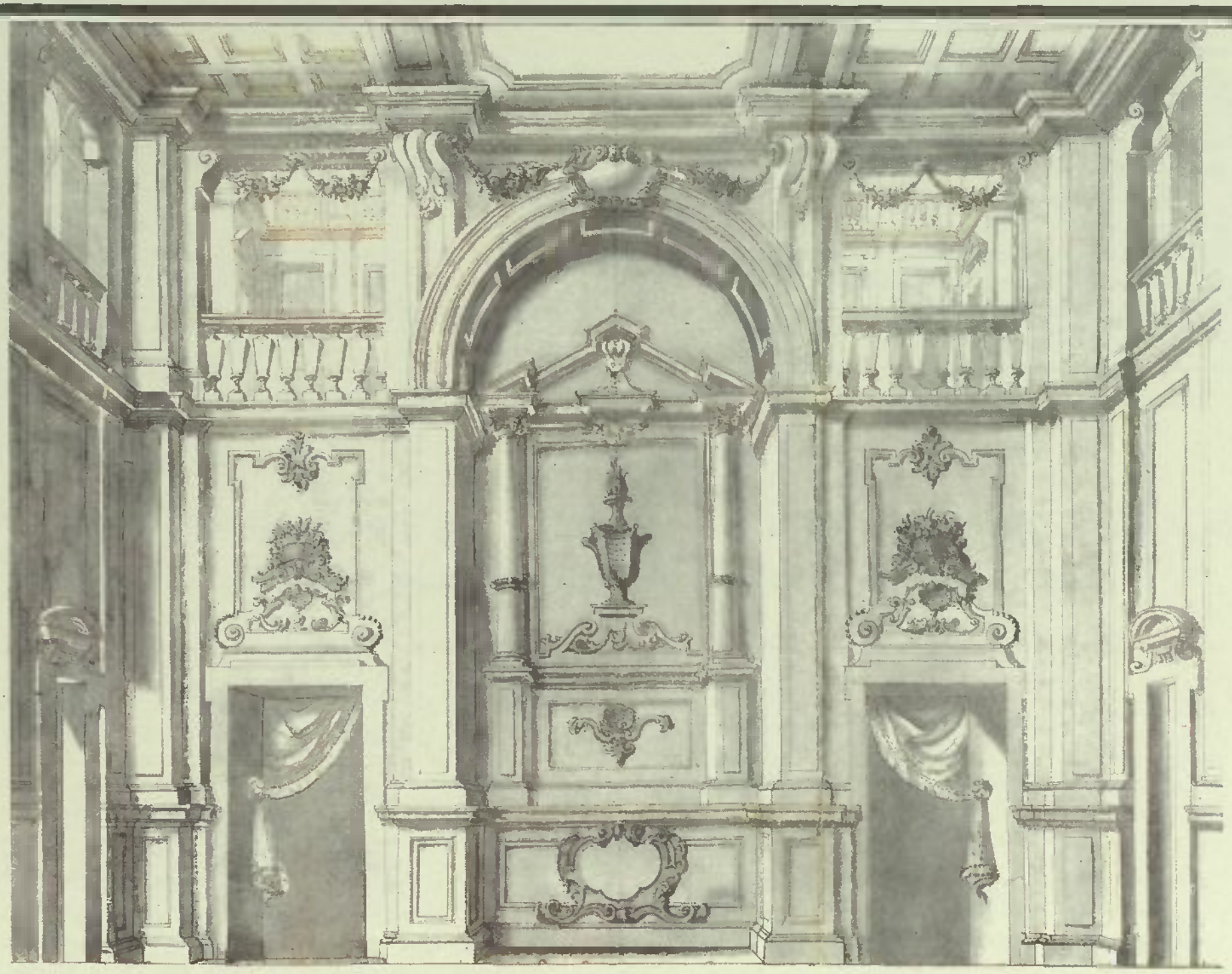
QUARTEL DA TROPA DA GUARNIÇÃO DA VILA DE BARCELOS. RIO NEGRO

JNP



PROSPETO DA PINTURA FEITA POR LANDI NA CAPELA-MOR DA MATRIZ DE BARCELOS

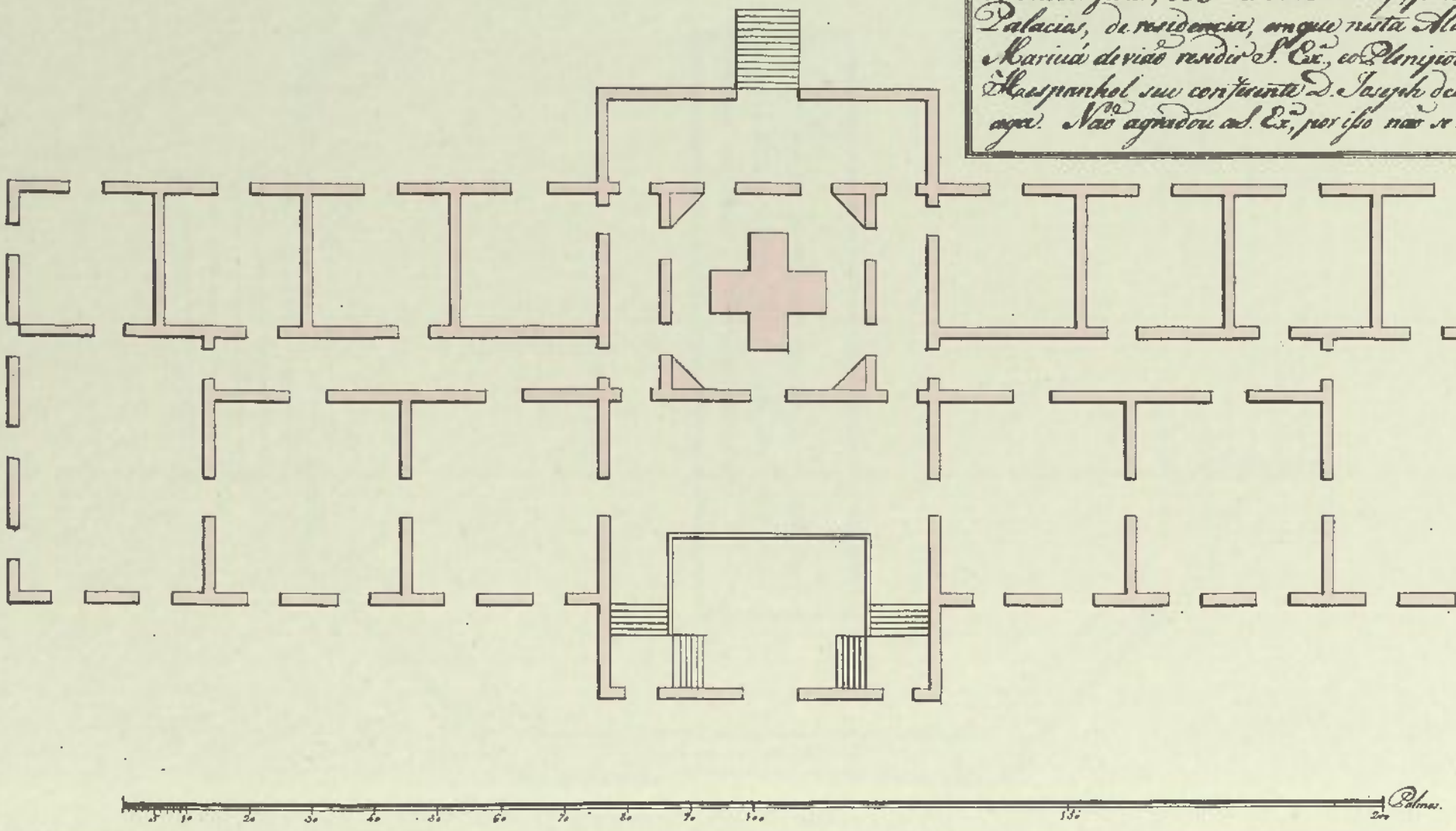
BSP



Prospecto da Pintura, Ilm.o Capitão Antonio Joseph Landi, Architecto Regio, e os Lados da Capella mor da Igreja Matriz de Barcellos. Leu-se para o Real Gabinete de Historia Natural.

PROSPETO DA PINTURA DOS LADOS DA CAPELA-MOR. MATRIZ DE BARCELOS

Primeira Planta, que fez o Capitão Engenheiro Philippe Sturm, de Ordem de S. Ex.ª o Snr. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Plenipotenciario, e Principal Commissario das Demarcaçoens dos Reaes Dominios da Parte do Norte: O qual mandou fazer, de Ordem de S. Mag.e, para as dois Palacios, de residencia, em que nesta Aldea de Mariuá devião residir S. Ex.ª, e o Plenipotenciario Hespanhol seu Consorte D. Joseph de Iturriaga. Não agradou a S. Ex.ª, por isso não se executou.

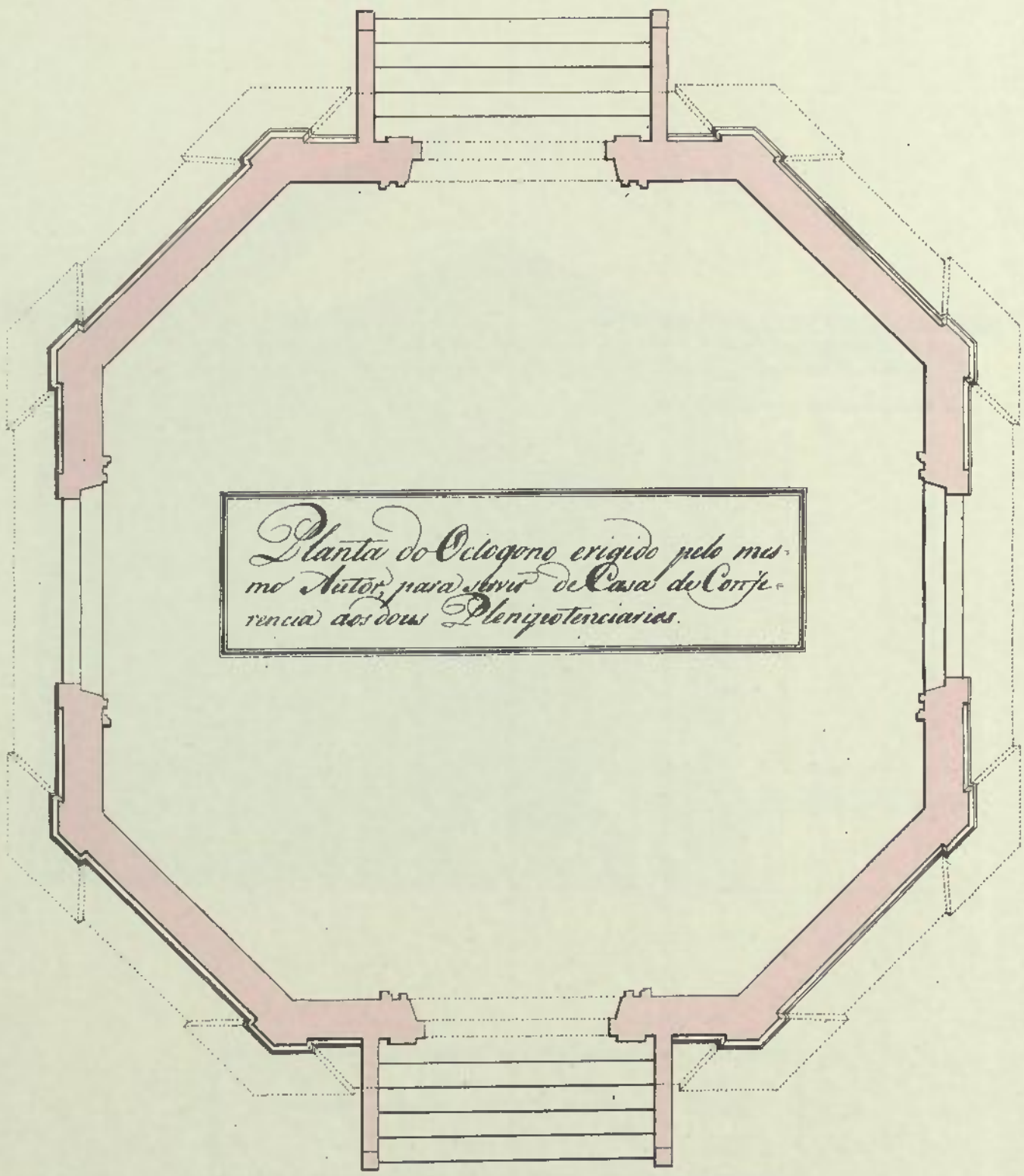


N.º 1.

PLANTA DA RESIDÊNCIA DOS PLENIPOTENCIÁRIOS, BARCELOS

SSR

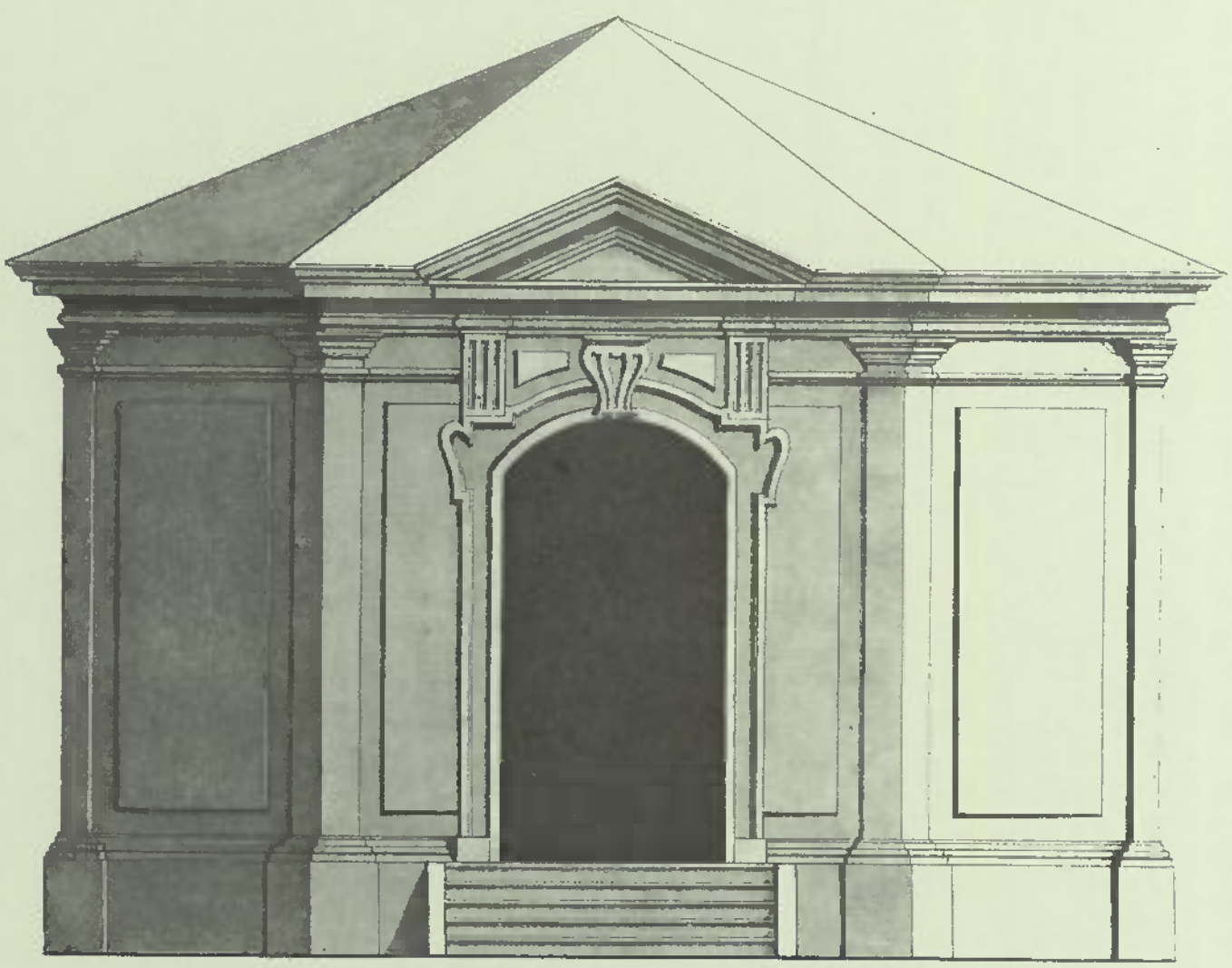
N. III.



PLANTA DO OCTÓCONO PARA CONFERÊNCIAS DOS PLENIPOTENCIÁRIOS



N. IV.



Alçado da Frente do referido Octogono.

Barcellos 13 de Abril de 1788.

J. J. Codina as Copiou como se achou.

ALÇADO DA FRENTE DO OCTÓGONO DOS PLENIPOTENCIÁRIOS

SRP



POVOAÇÃO DE MOREIRA (CABOQUENA)

SVP

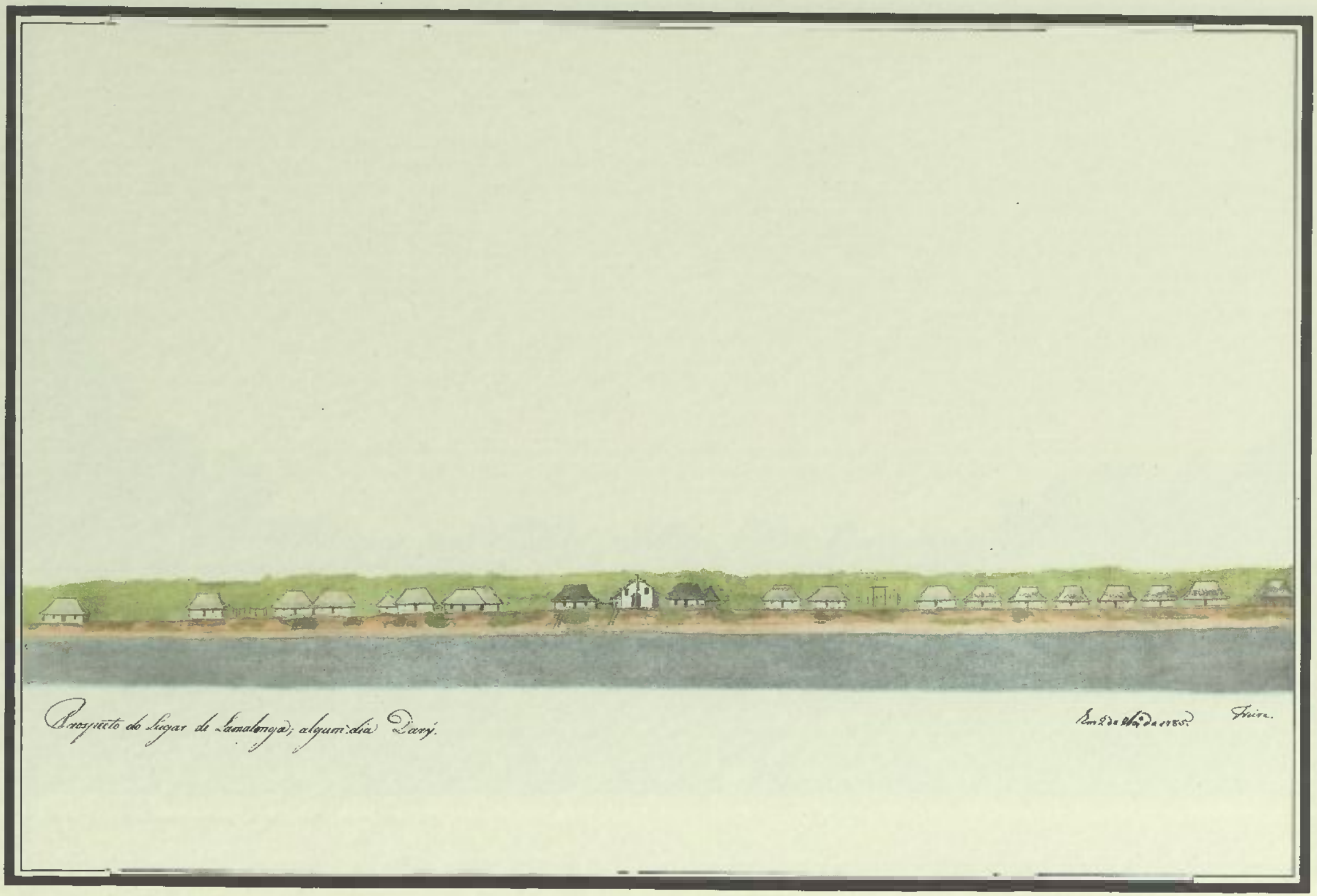


Prospecto da Villa de Thomar, chamada antes Barariuá.

Em 29 de Agosto de 1785. Ferra.

VILA DE TOMAR (BARARUÁ)

BNP



POVOAÇÃO DE LAMALONGA (DARI)

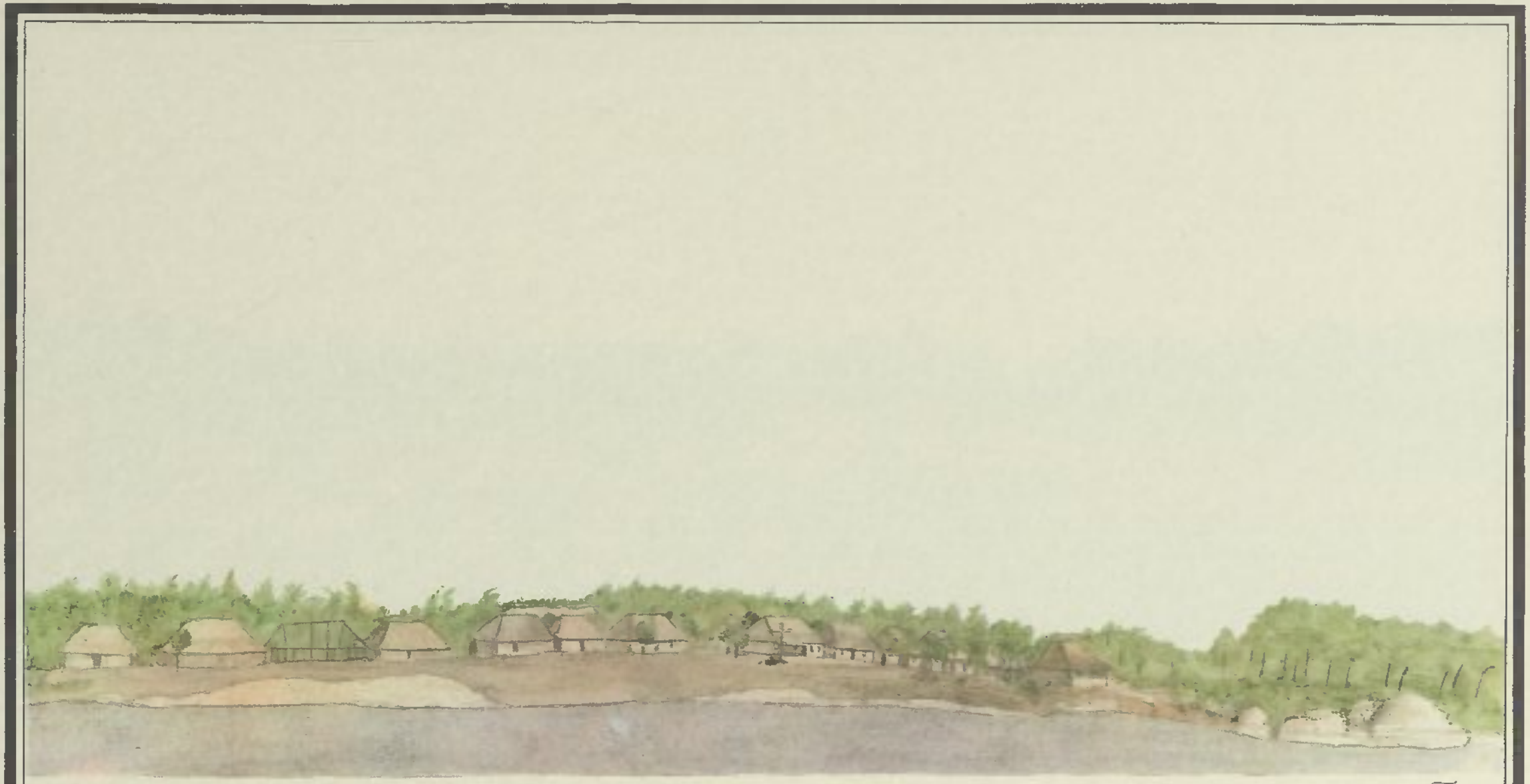
BNF



Vista do Rio Padaveri, o qual desagoa no Rio Negro

VISTA DO RIO PADAVERI, AFLUENTE DO RIO NEGRO

SNP



POVOAÇÃO DE SANTA ISABEL (TAPURUQUARA), RIO NEGRO

BIBL



Prospecto do novo Lugar das Caldas (a), estabelecido na margem oriental, e no principio da primeira Cachoeira do Rio Cauaburys, pelo Tenente Marcellino Joseph Cordeiro, Com.mandante da Fortaleza de S.t Gabriel: Por Ordem im mediata do Ill.mo, e Ex.mo Snr. Joaõ Pereira Caldas, em Carta de 27 de Julho de 1781, naõ tendo o Governador defunto executado até entaõ a primeira Ordem de 17 de Dezembro de 1773, ao mesmo respeito

(a) Em officio de 21 de Julho de 1781. ordenou aõ Governo interino desta Capitania o Ill.mo, e Ex.mo Snr. Joseph de Napoles Tello de Menezes, Governador, e Capitaõ General do Estado, que em obsequio ao Ill.mo, e Ex.mo Snr. Joaõ Pereira Caldas, desse ao novo Lugar a denominaçaõ de... Caldas.

POVOAÇÃO DE CALDAS. RIO CAUBORÍS

BNF



Prospecto da 1.ª Cachoeira do Rio Cauaborys.

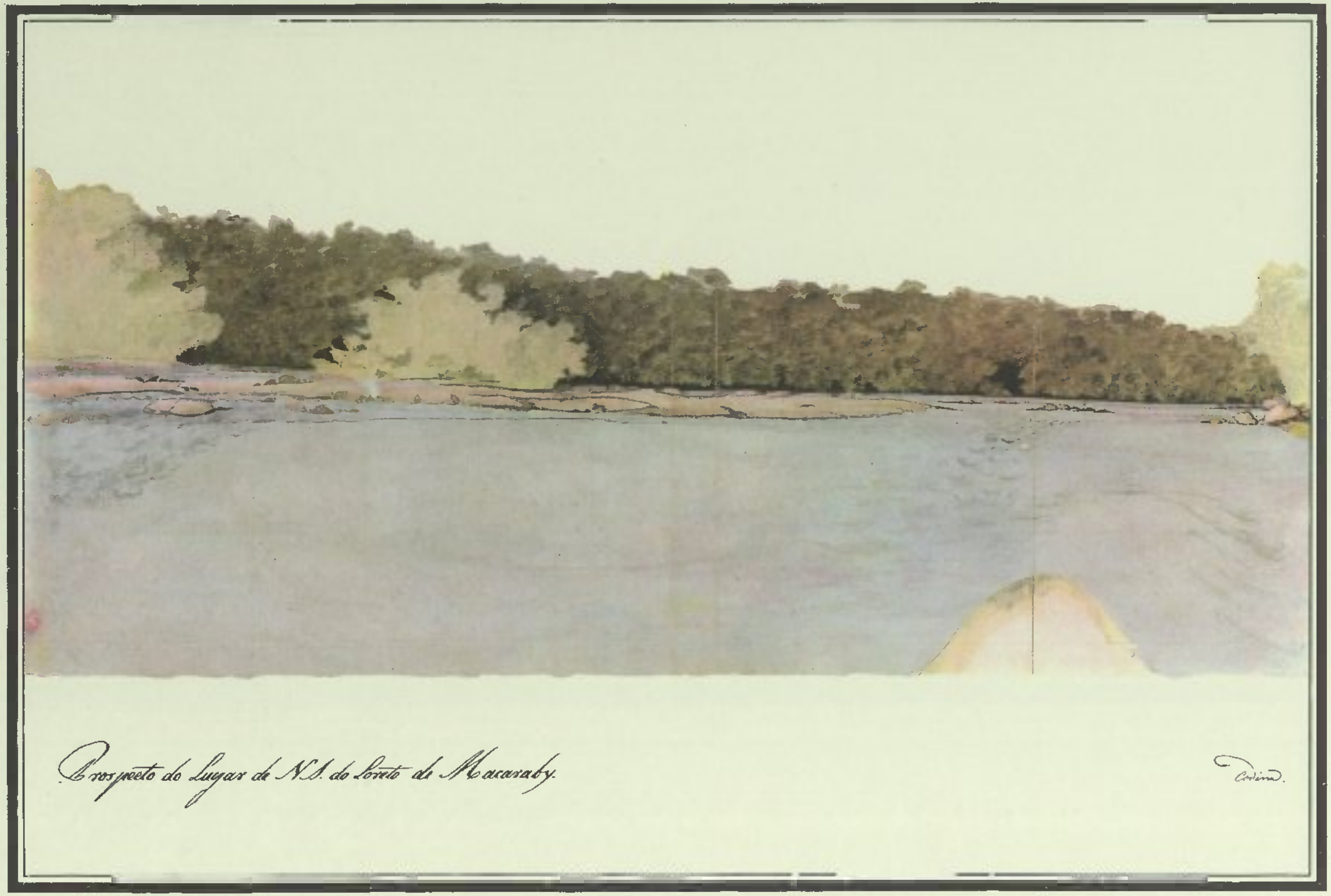
PRIMEIRA CACHOEIRA DO RIO CAUBORÍS

BNP



SEGUNDA CACHOEIRA DO RIO CAUBORÍS

BNF



Prospecto do Lugar de N.S. do Soreto de Macacahy.

Cardim.

TERCEIRA CACHOEIRA DO RIO CAUBORÍS

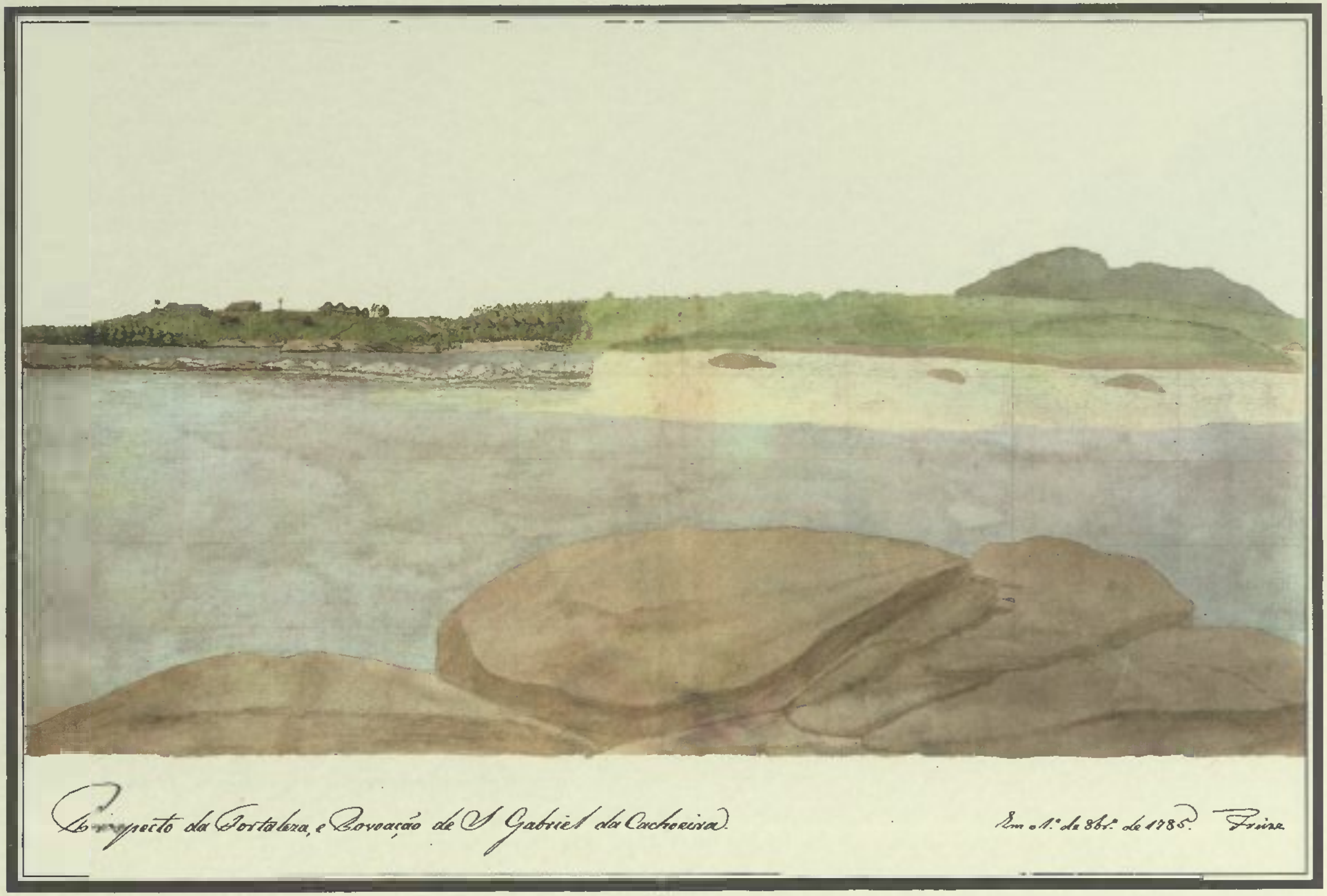
SAP



Prospecto do Lugar de N.S. do Loreto de Macaraby.

PROSPETO DO LUGAR DE N. S. DO LORETO DE MACARABÍ

BNR



FORTALEZA E POVOAÇÃO DE SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA (UAUPÉS)

SBR



Vista do Rio Uaupés, o qual desagoa no Rio Negro.

VISTA DO RIO UAUPÉS, AFLUENTE DO RIO NEGRO



Em 27 de 8bro de 1786. Freire.

Prospecto da Povoação de S. Joaquim do Cuaré dentro da Foz, e na margem austrial do Rio Uaupés.

POVOAÇÃO DE S. JOAQUIM DO CUANÉ, RIO UAUPÉS

BNF



Vista do Rio Issaria, o qual desagoa no Rio Negro.

VISTA DO RIO IÇANA

BNF

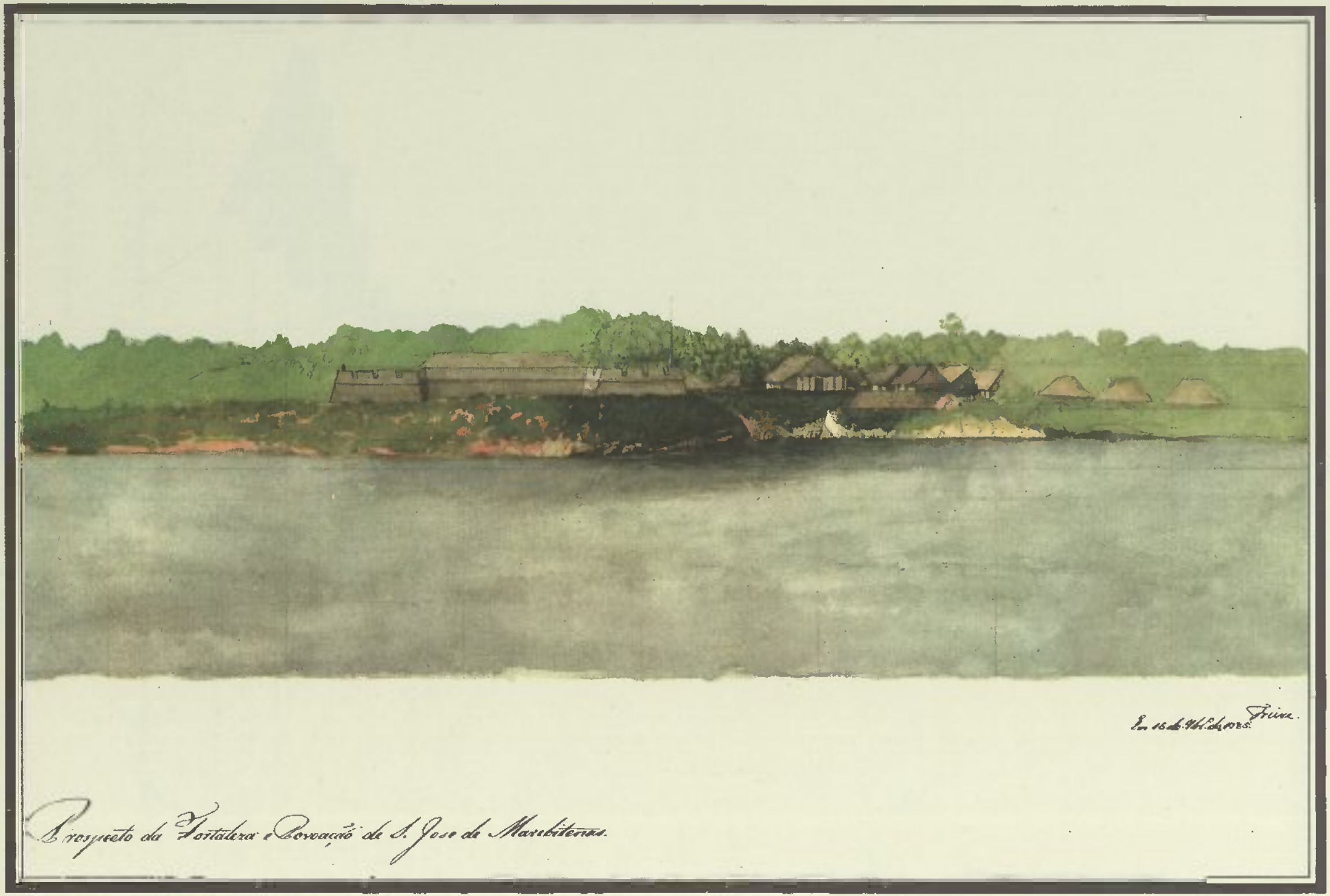


Vista do Arrayal q se poz no Rio Ixie junto a Cachoeira do mesmo Ixie

CACHOEIRA E ARRAIAL DO RIO IXIÉ

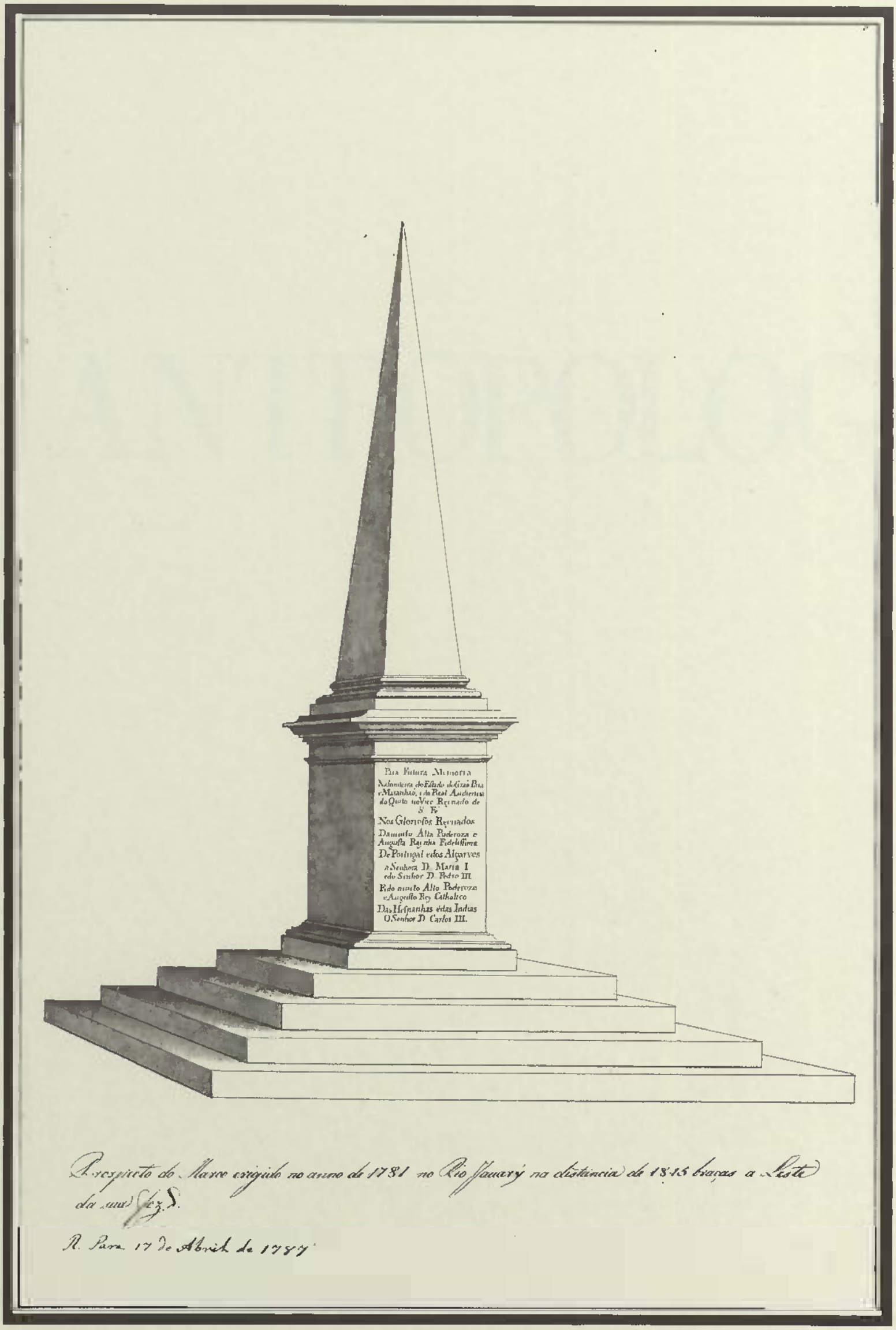


CACHOEIRA DO RIO IXIE. AFLUENTE DO RIO NEGRO



FORTALEZA E POVOAÇÃO DE SÃO JOSÉ DE MARABITANAS

USAF



Prospecto do Marco erigido no anno de 1781 no Rio Jauarý na distancia de 1845 braças a Leste da mui[illegible] Lez.S.

R. Para 17 de Abril de 1787

MARCO DE FRONTEIRA COM A REPÚBLICA DO EQUADOR, RIO JAVARI (1781)

BNP

ANTROPOLOGIA

MALBOROUGH



ÍNDIOS GUAICURU ATRAVESSANDO UM RIO

382



ÍNDIA GUAICURU

UNEP



INDIO[UAUPÉS

Biblioteca



INDIO DE TRIBO NÃO IDENTIFICADA





INDIO UEREQUENA



INDIO JURUPIXUNA



CASAL DE ÍNDIOS DO RIO BRANCO



ÍNDIO JURUPIXUNA COM ZARABATANA

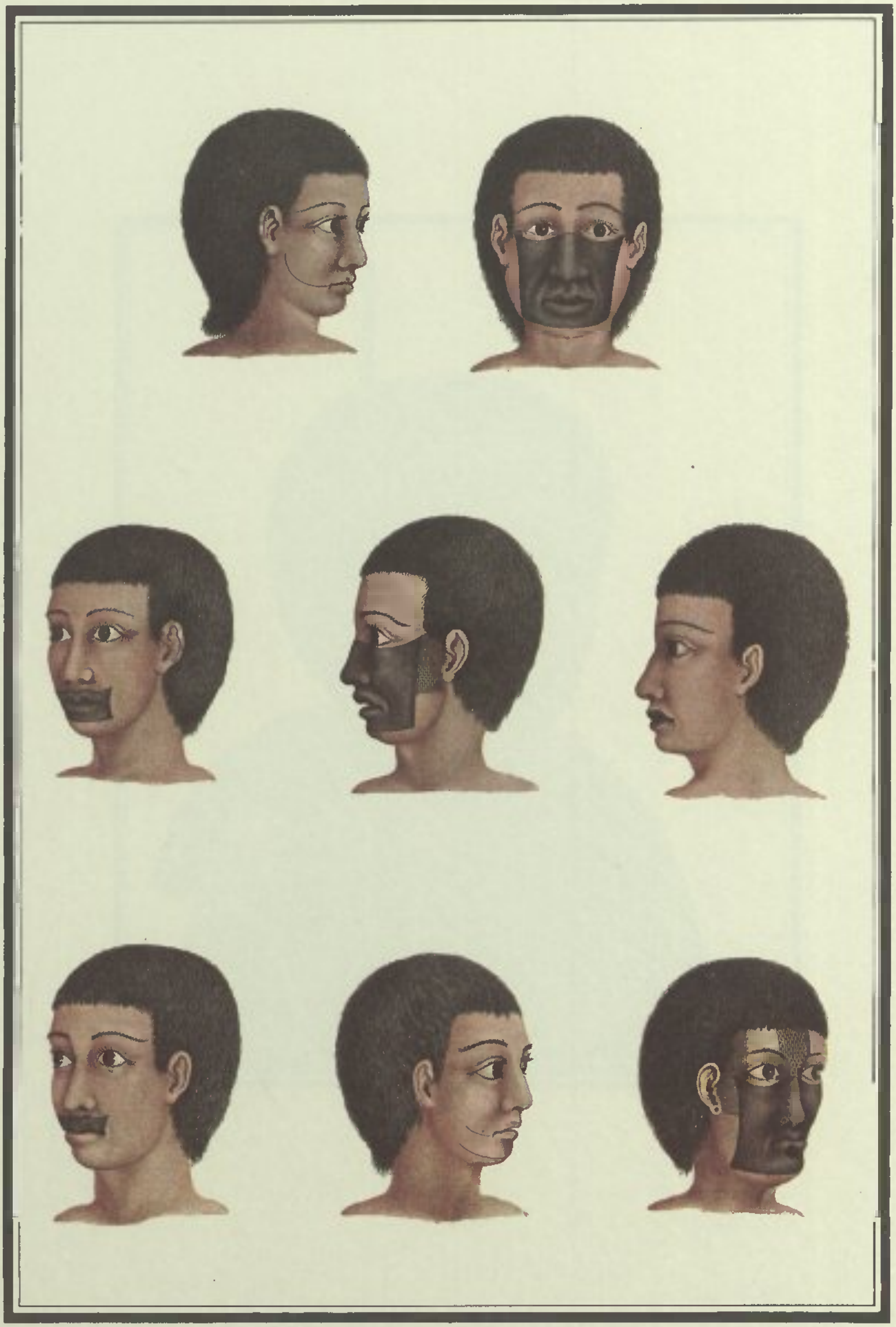
JPP



ÍNDIAS VESTIDAS DE TRIBO NÃO IDENTIFICADA

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

VIAGEM FILOSÓFICA



PINTURA FACIAL DOS ÍNDIOS JURUPIXUNA

SNP



ÍNDIO JURUPIXUNA COM MANTO DE JAGUAR

UNLV



ÍNDIO DA AMAZONIA VESTIDO TURURI



INDIO MAUA

BNP



ÍNDIO COM BATOQUE LABIAL

SRP



INDIO MIRANHA

SP



INDIO MIRANHA COM ZARABATANA E CARCAZ

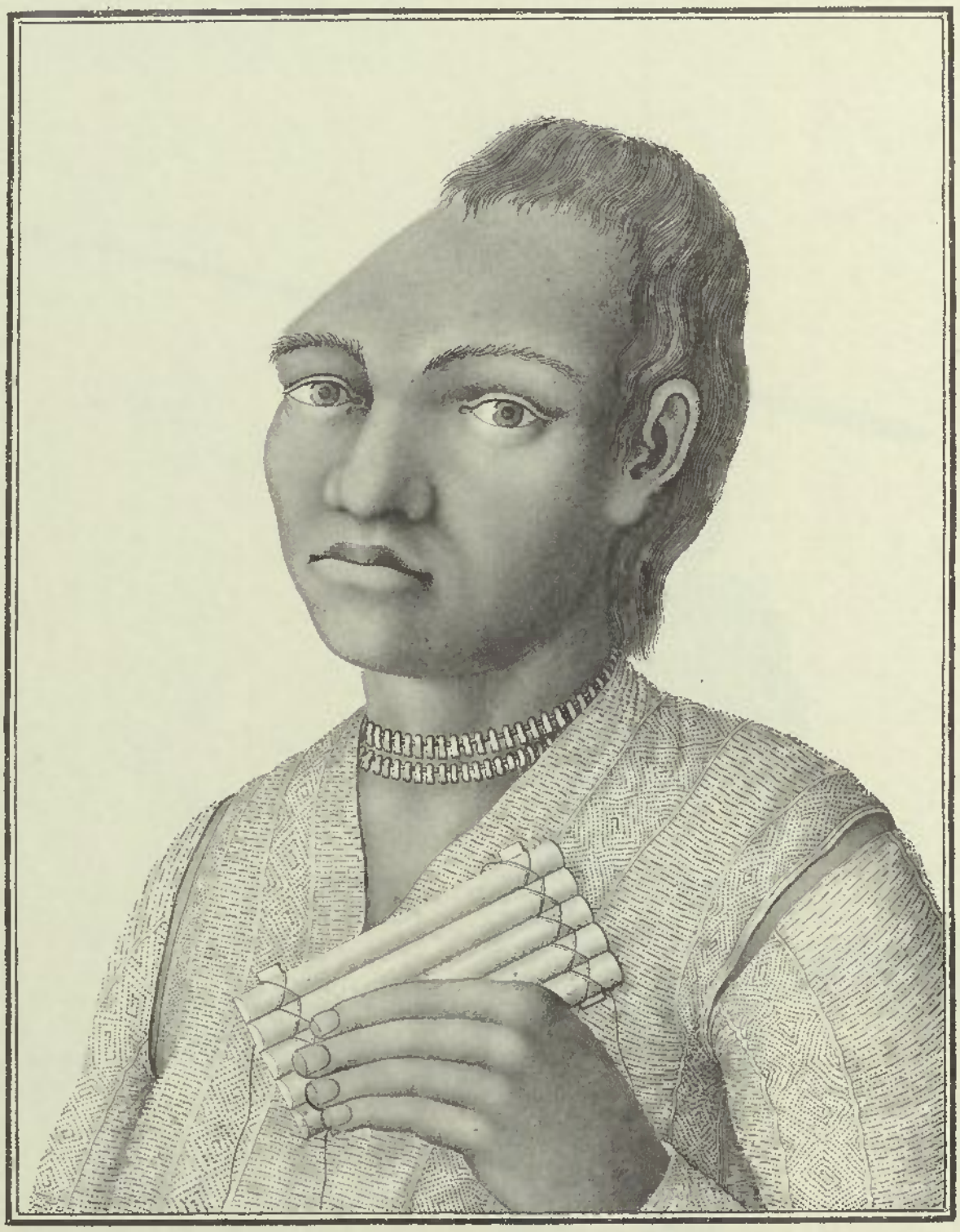


PROVÀVELMENTE ÍNDIA MIRANHA

BNF



ÍNDIO COM NARIGUEIRA



ÍNDIO CAMBEBA



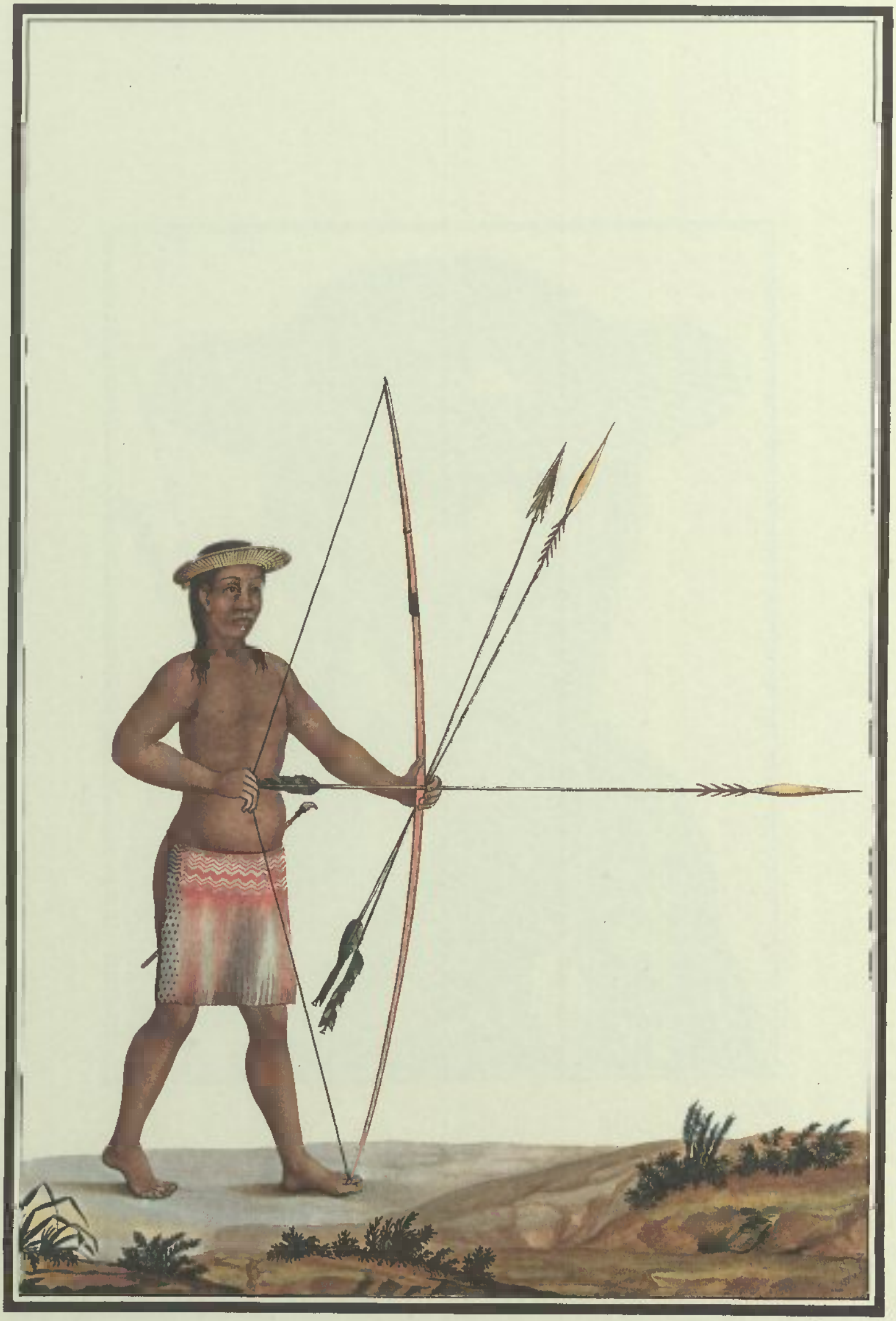
INDIO CAMBEBA COM SUAS ARMAS

SKP



USO DE BUZINA POR ÍNDIO DA AMAZÔNIA

BNP



INDIO MURA

Stamp



ÍNDIO MURA INALANDO PARICÁ

BNF

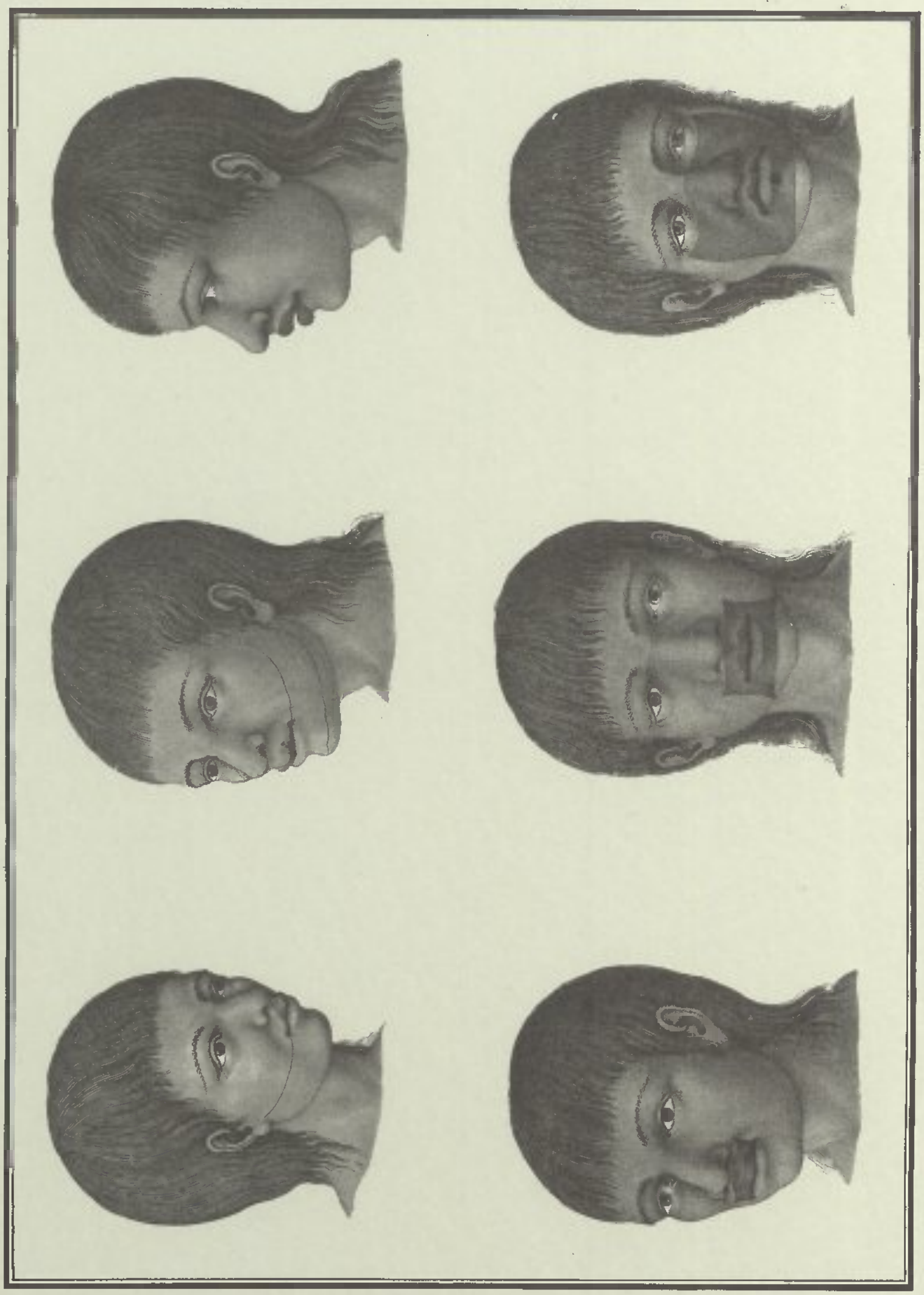


INDIO DO RIÒ BRANCO

SRP

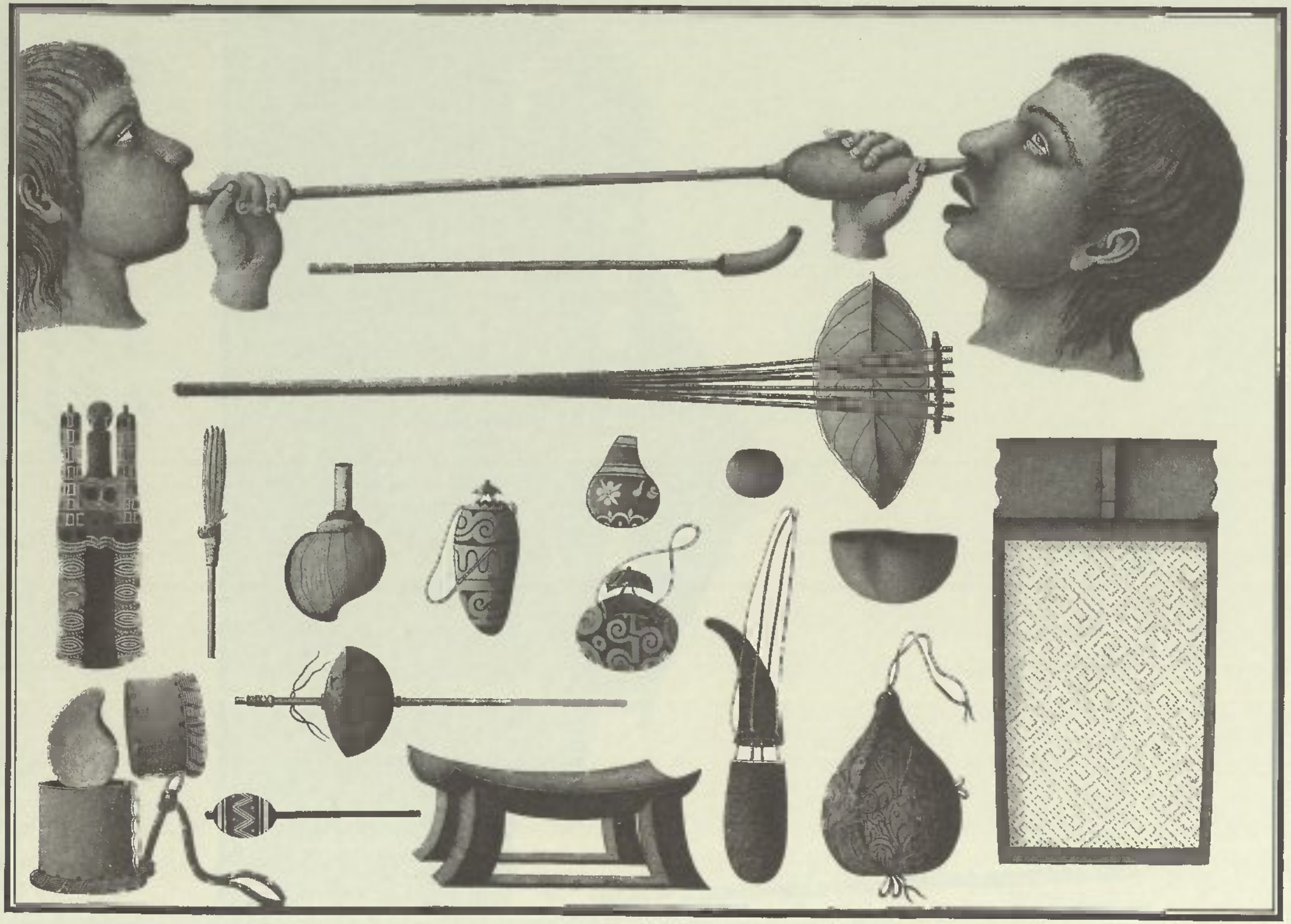


INDIO ANÃO TANARANA



PINTURA FACIAL DE ÍNDIOS DA AMAZONIA

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA



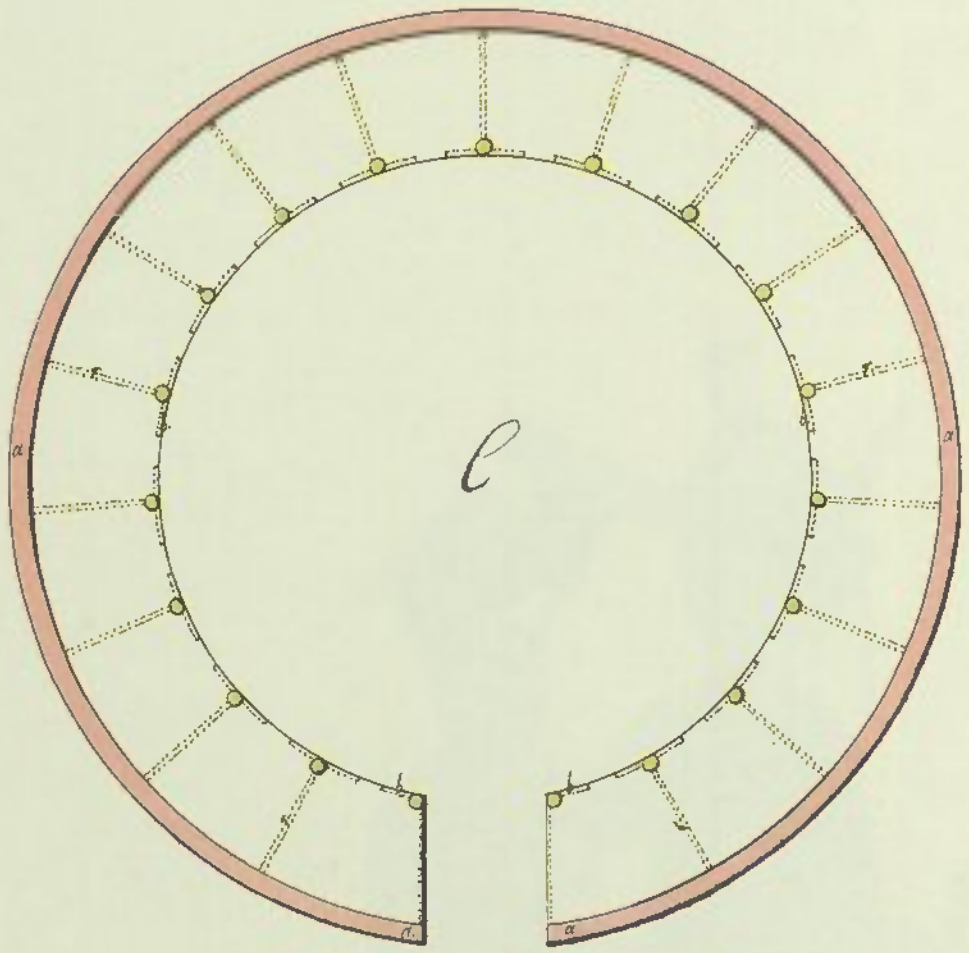
MANEIRA DE INALAR PARICÁ E UTENSÍLIOS DOS INDIOS MURA



Prospecto de hua das vinte e duas Malocas, de que constava a Aldea do Gentio Curutus, situadas na margem oriental do Rio Apuprues, acima da Cachoeira do mesmo Rio, e na distancia de 6 dias de viagem acima da sua foz.

MALOCA DOS INDIOS CURUTU

Tab. III.ª



Planta da dita Maloca.

Cada Maloca de 300 ps. he hua pequena povoação. A linha da circunferencia exterior (a) hua 4ª. cons-
titue a parede mestra de cada hua, por q. he a unica q. he enlaçada ps. a resguardar das injurias do tempo.
A 2ª. linha (b) determina em roda o espaço q. occupão as separações interiores, em q. habita separadam.
cada casal. Dividi-se cada separação pellas duas linhas (n) as q. não são mais q. humas meyas resguardos de
altura de taboca, aberta ao fogo e batida ps. servir de separatum. a cada hum dos camarotes desta especie, e ne-
nhum delles tem mais capacid. delgo a de 10 até 12 palmos, q. he a 4ª. parte ps. cada casal commua a sua roda, ficando lhe
a porta ps. dentro. A parede do centro (c) he commua a todos ps. os dif. trabalhos de mulher a mandioca, amassar e co-
zer os beijús, ps. as suas danças, &c. q. fazem quando da festa, q. cahe pellas aberturas superiores do outão (a)
como se ve na Estampa antecd. Estas 4as. parecem festões pendentes de cada hua das aberturas do referido outão, marcados
[illegible] da abertura hu.
hum fio, e suas entidades suspendiculares, pello que q. lhe fez a causa da palmeira Curuma. Com a enxurrada feita do vento tocando-se, e abalroan-
do-se a fio q. fazendo o ruinzinho, emitia [illegible] os terraolos das cabras q. se morrem, q. observando pellas mesmas regras, &c. anno q. fizemos
as cabras, q. fingento hums, outros, com retiro de entrarem pellas aberturas do outão a inquietar os q. outão dentro da Maloca.

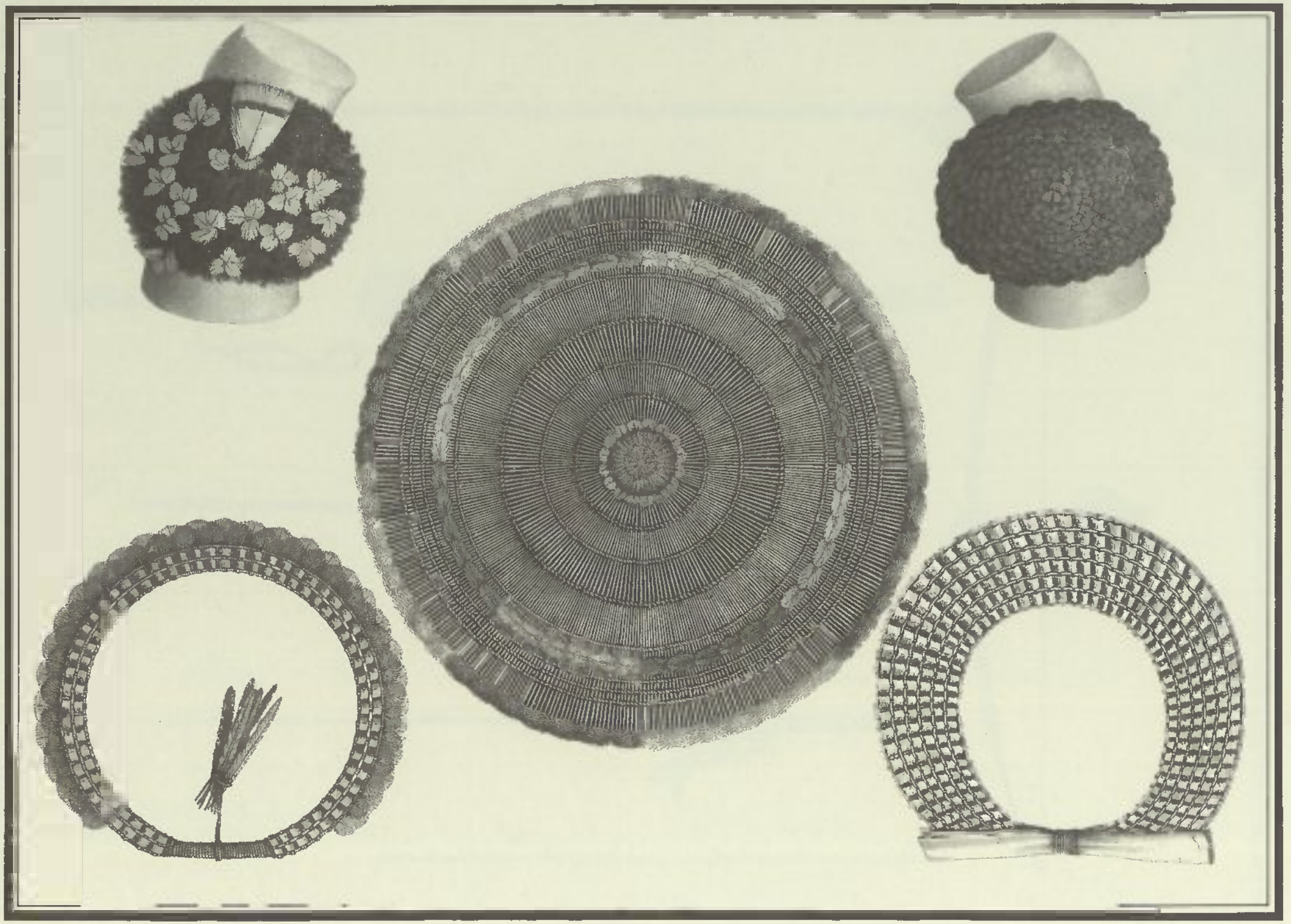
PLANTA DA MALOCA DOS INDIOS CURUTU



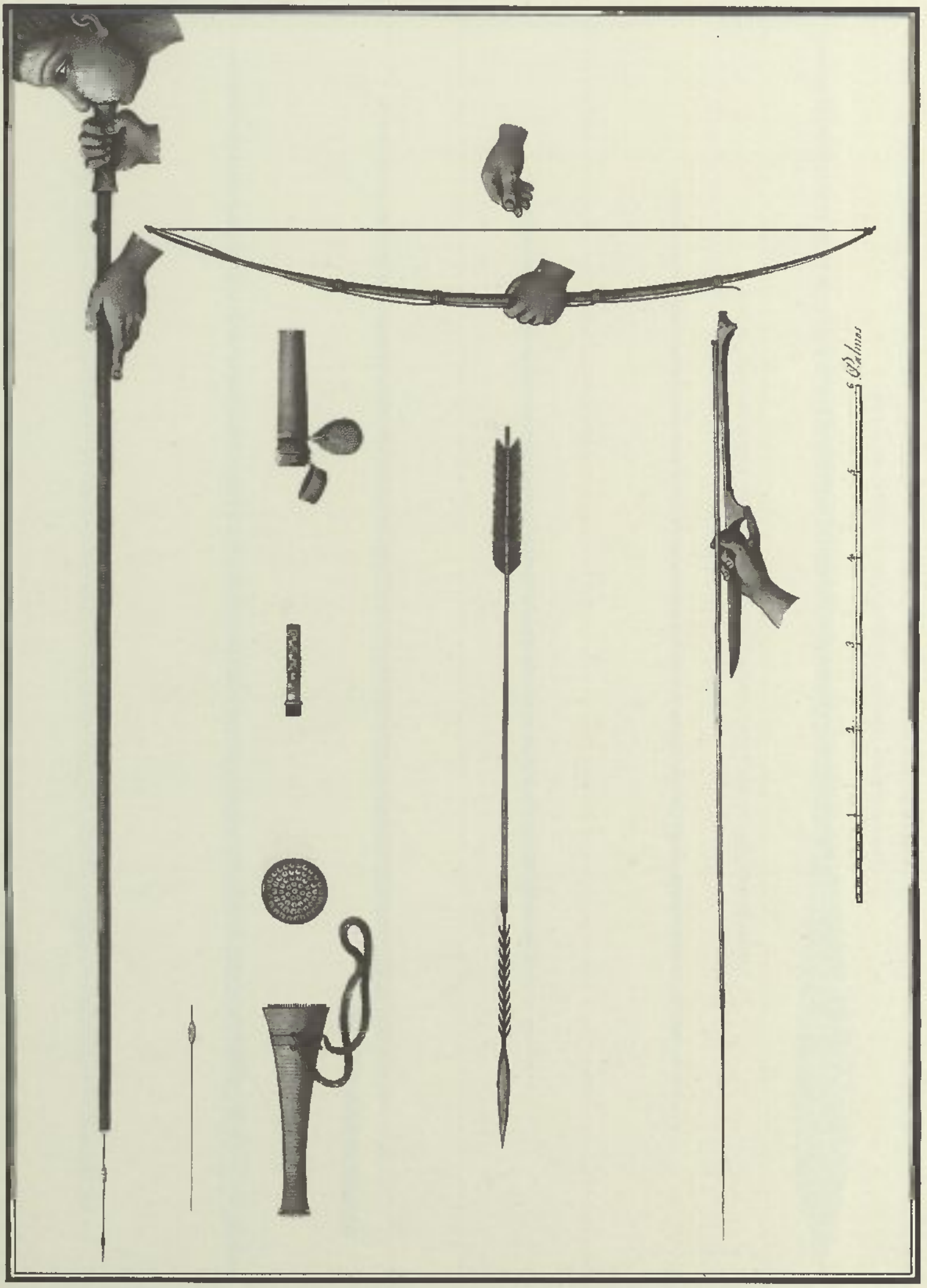
MÁSCARAS DE DANÇA DOS ÍNDIOS TUCUNA



ORNAMENTOS DE CABEÇA DE INDIOS DA AMAZONIA

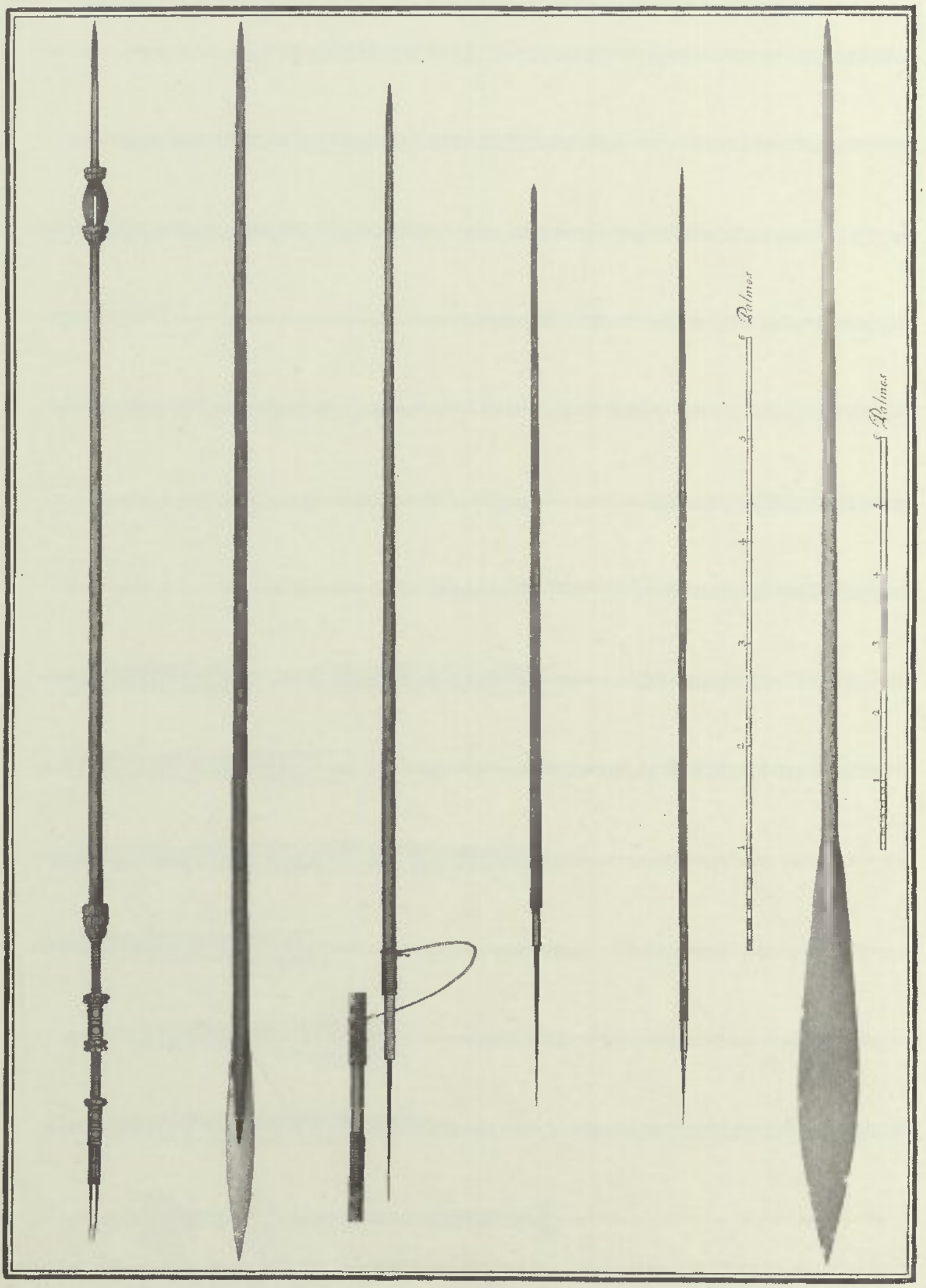


ORNATOS INDIGENAS DIVERSOS



ZARABATANA, PALETA E ARCO COM FLECHAS CURARIZADAS

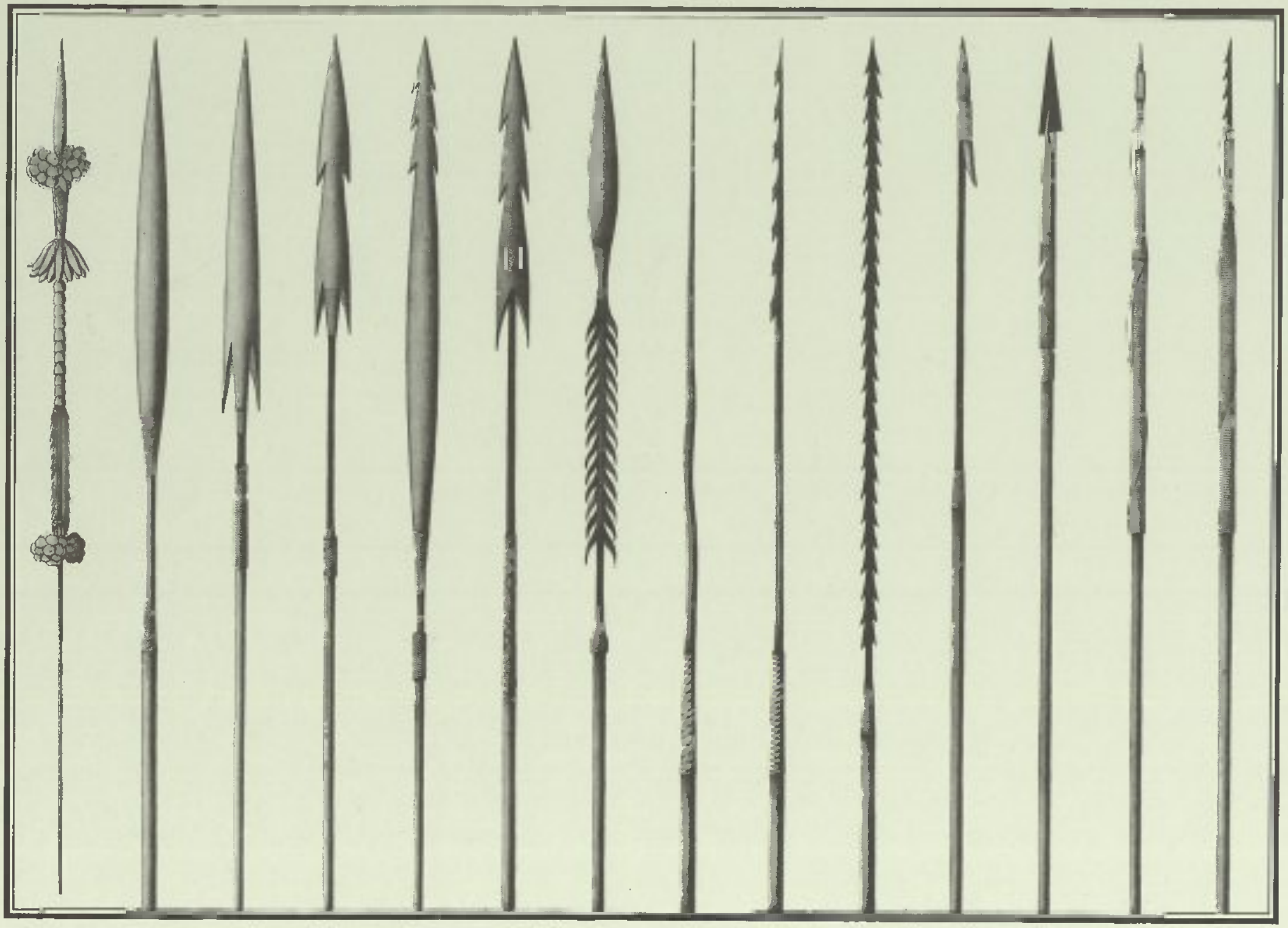
ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA



LANÇAS DE INDIOS DA AMAZONIA

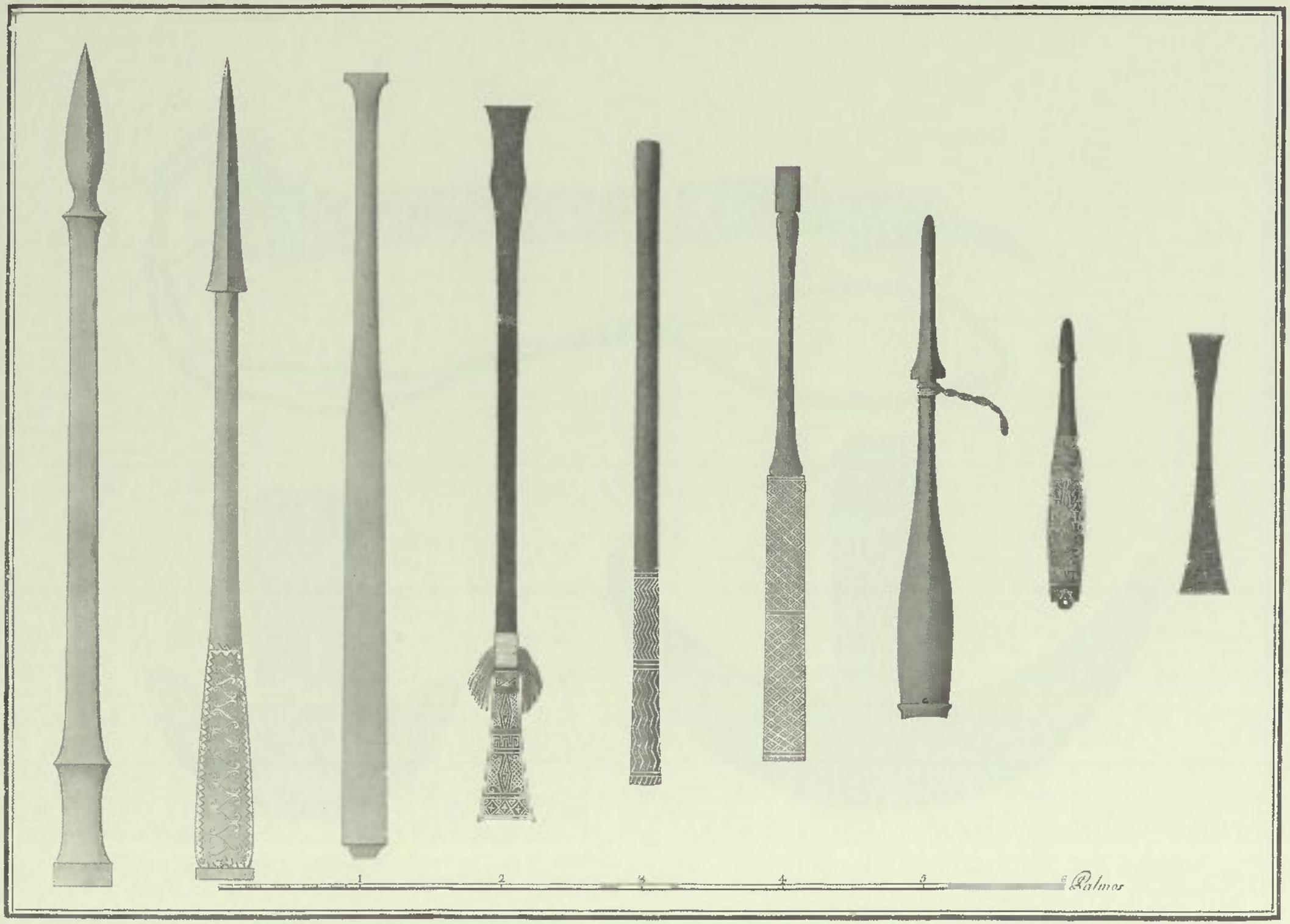
VIAGEM FILOSÓFICA
ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

BNP

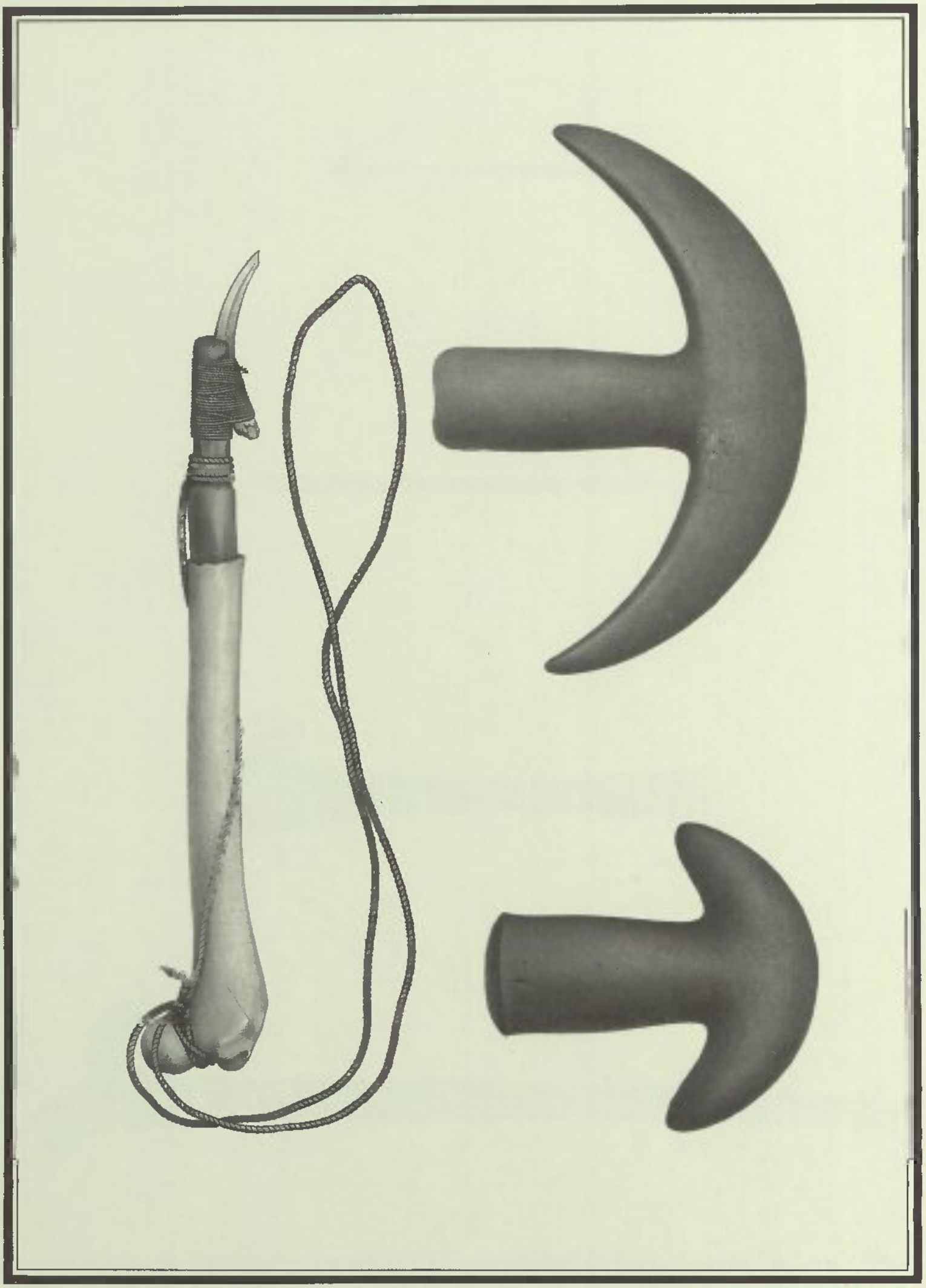


PONTAS DE FLECHAS

832



BORDUNAS DE ÍNDIOS DA AMAZÔNIA

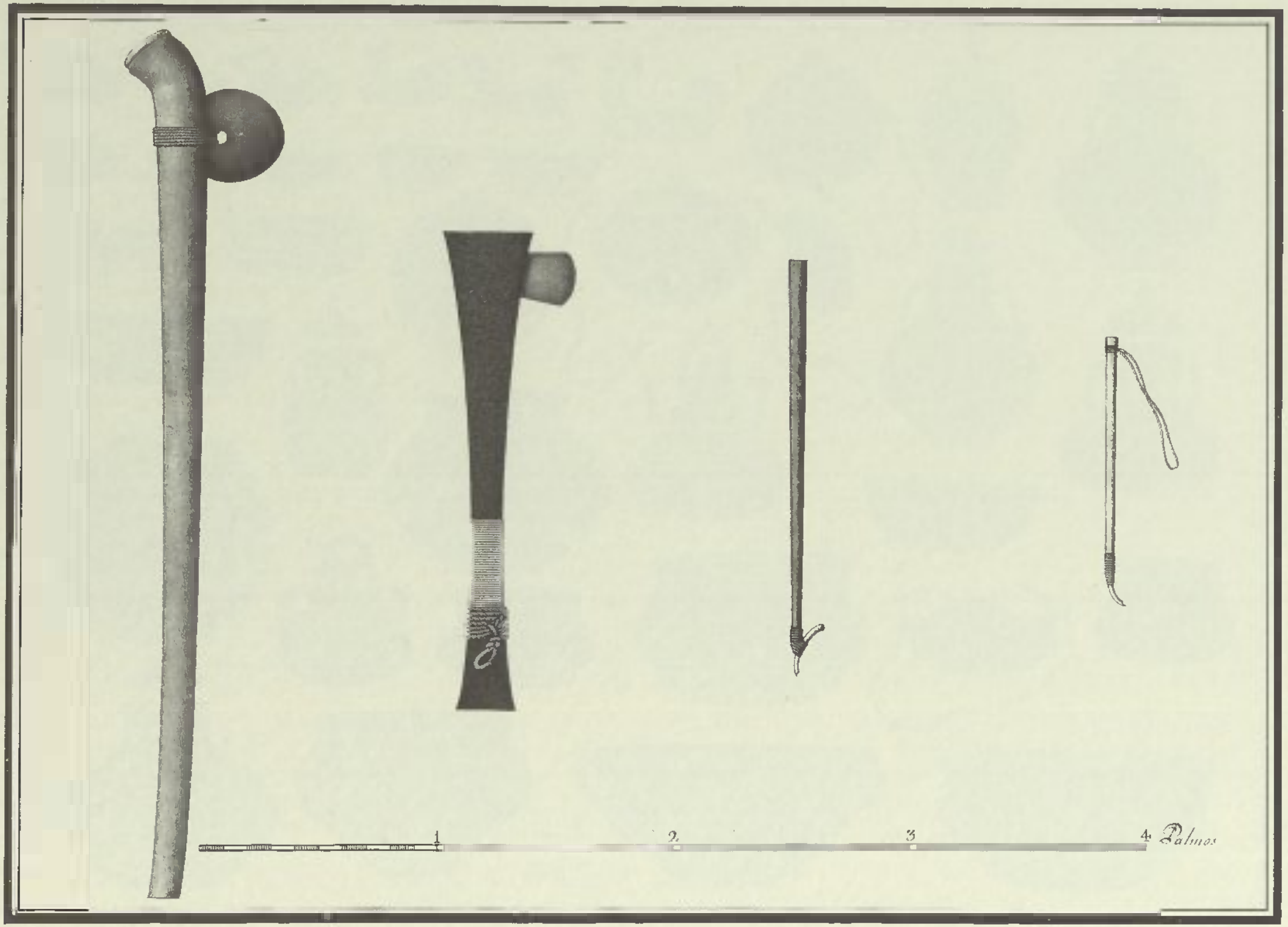


BISEL DE OSSO COM DENTE DE PACA E MACHADOS DE PEDRA SEMILUNARES

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

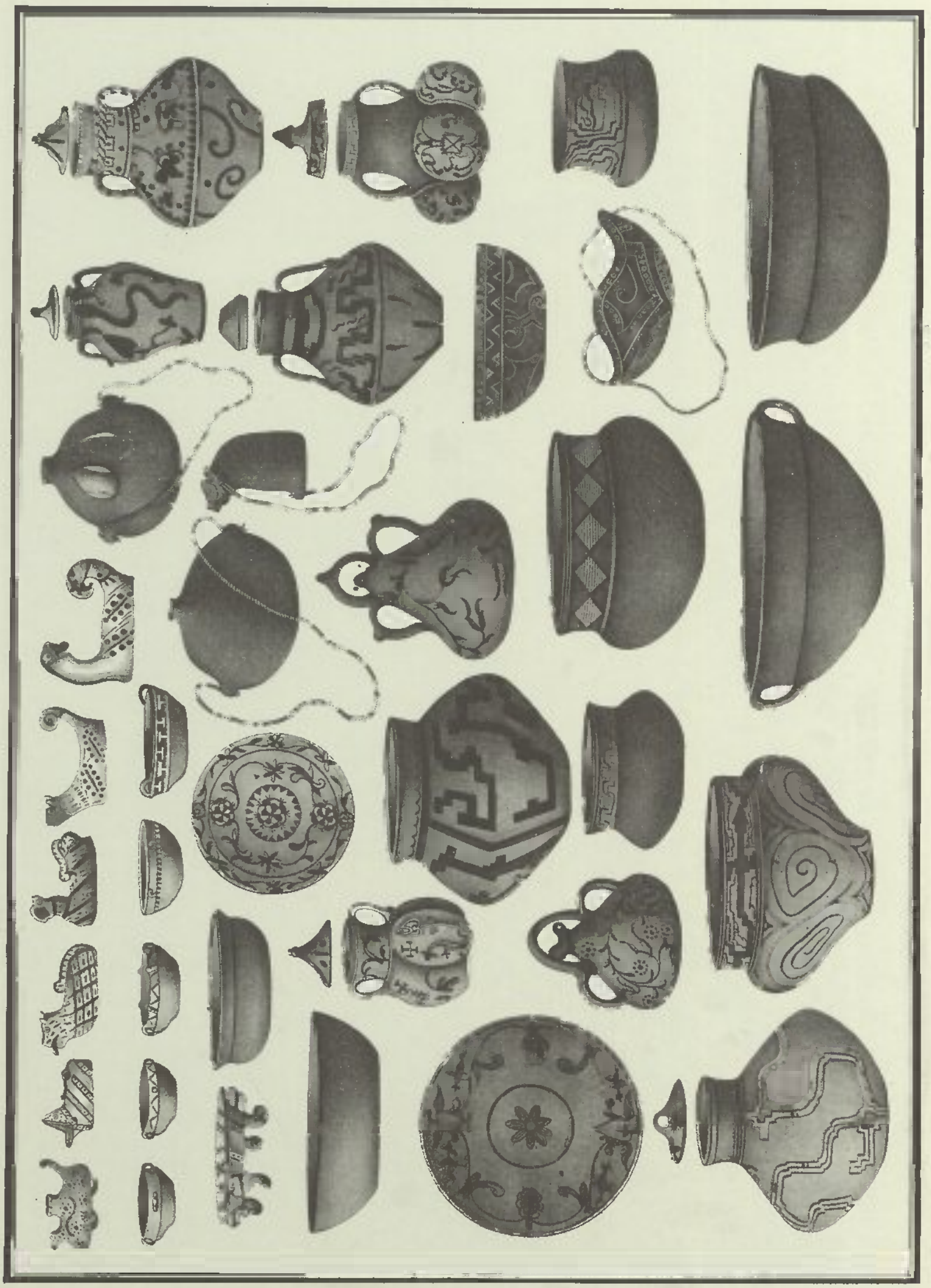
VIAGEM FILOSÓFICA





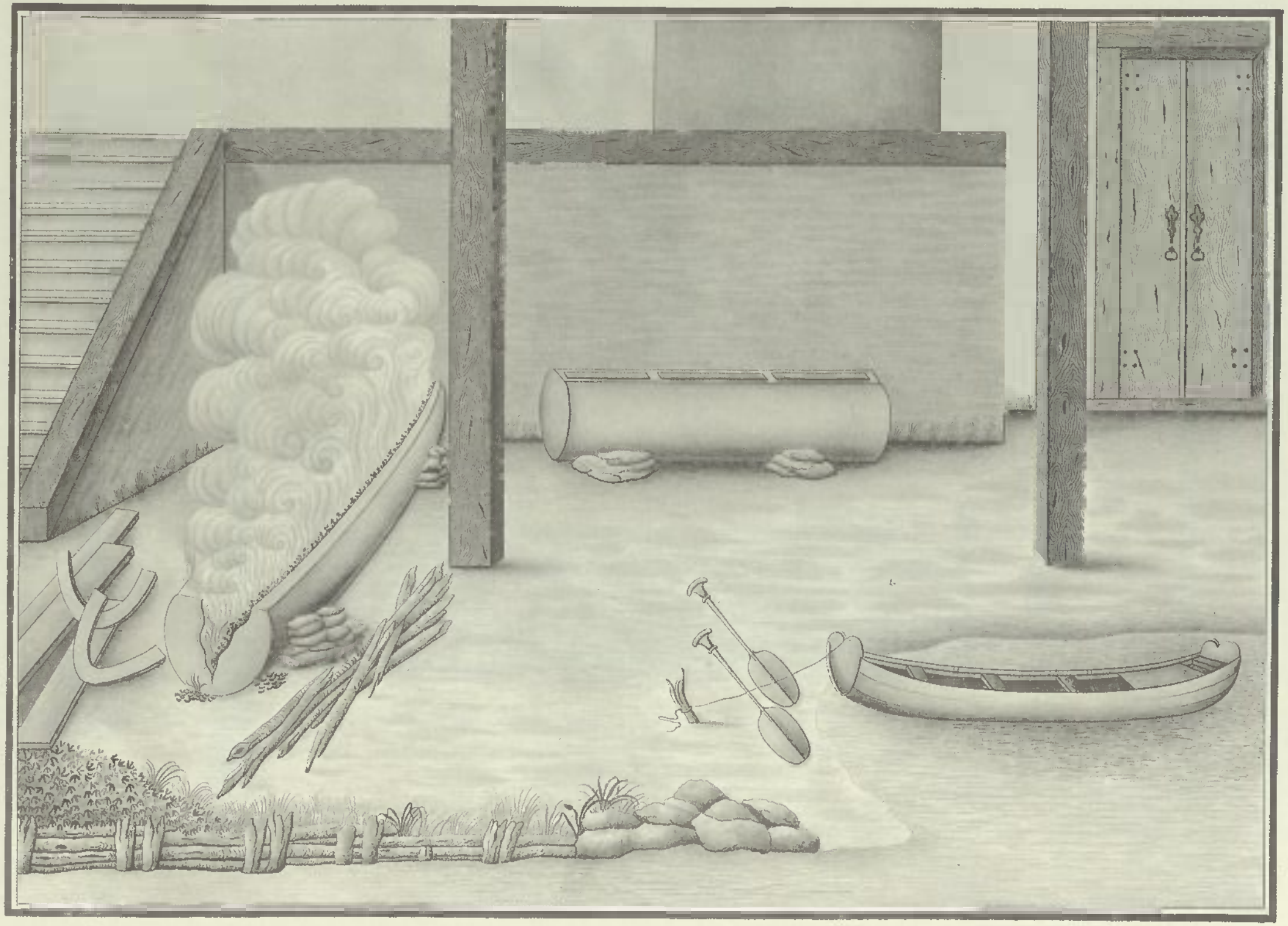
MACHADOS DE PEDRA E BISÉIS

BNF

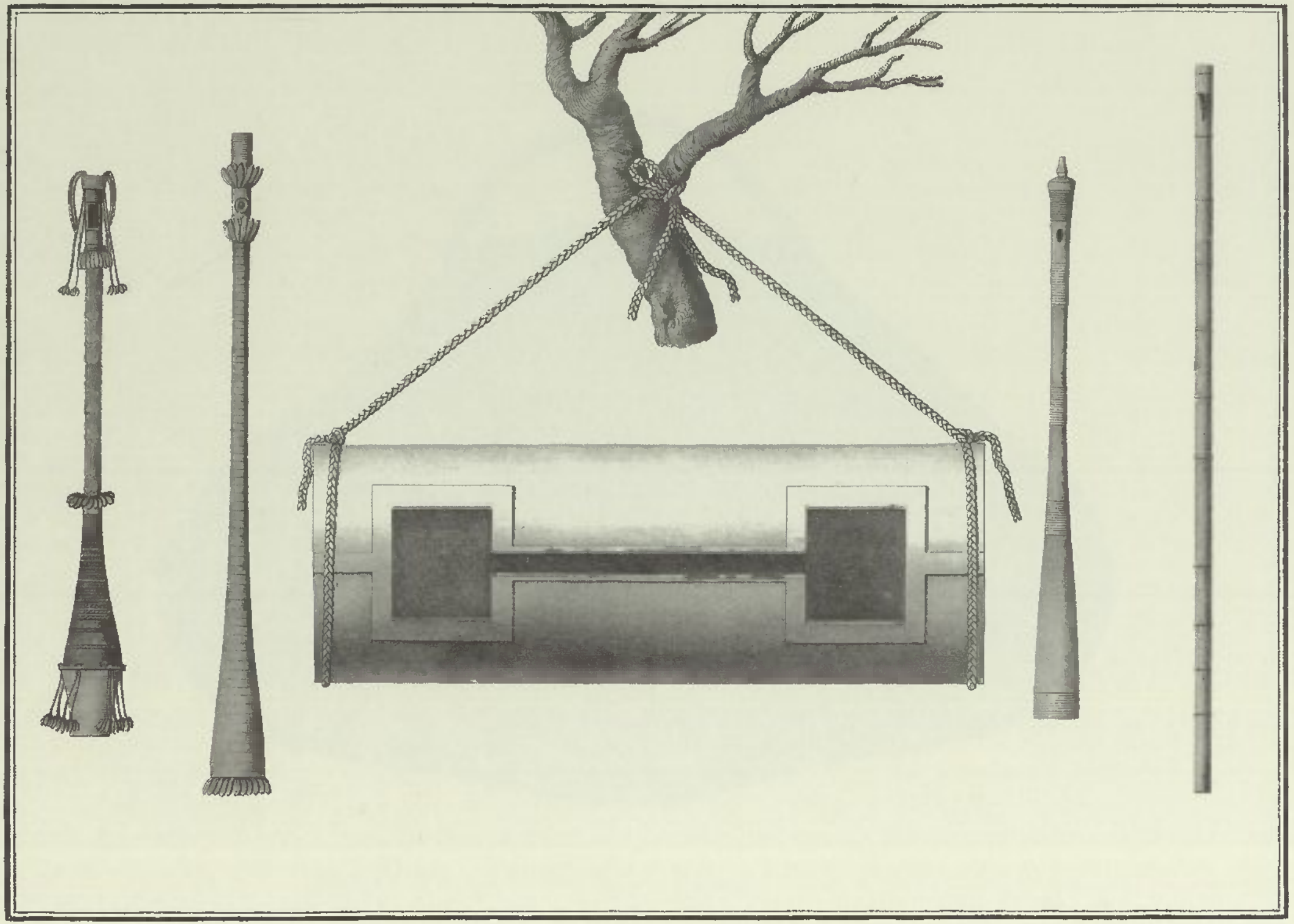


CERÂMICA DO BAIXO AMAZONAS

- ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

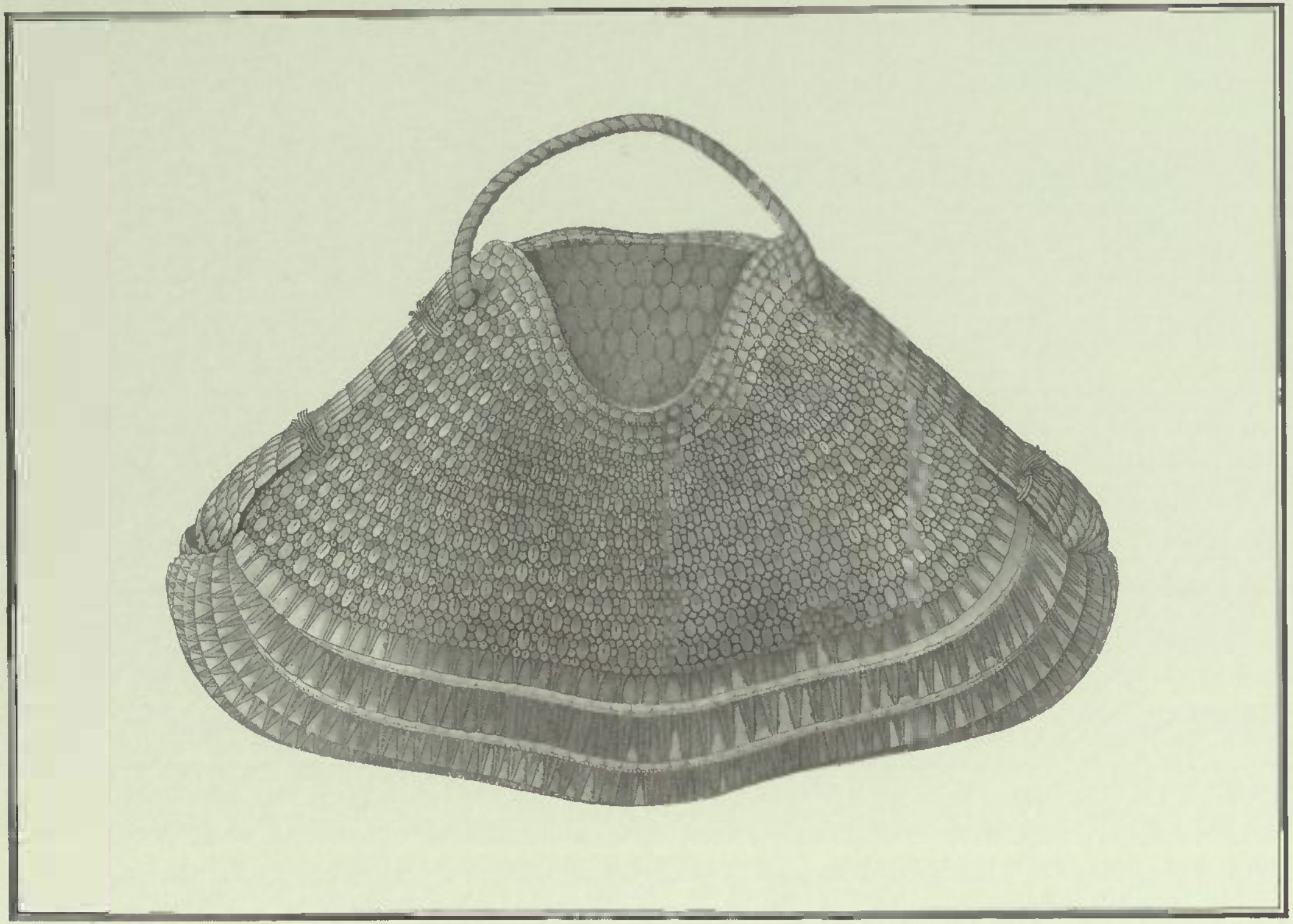


CONSTRUÇÃO DE CANOA À MODA DOS ÍNDIOS



INSTRUMENTOS MUSICAIS INDÍGENAS DE SÓPRO E PERCUSSÃO

٣٨٢



CESTA DE CASCO DE TATU

BNP

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

COSTA E SÁ, MANUEL JOSÉ MARIA

1818 — Elogio do doutor Alexandre Rodrigues Ferreira.

História e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, tomo V, pt. II, p. LVI-LXXXI.

FONTES, GLÓRIA MARLY DUARTE NUNES DE CARVALHO

1966 — Alexandre Rodrigues Ferreira. Aspectos de sua vida e sua obra.

Cadernos da Amazônia, 10: 96 p., 34 figs., 2 mapas. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus.

RODRIGUES, JOSÉ HONÓRIO

1952 — Alexandre Rodrigues Ferreira. Catálogo de manuscritos e bibliografia.

Anais da Biblioteca Nacional, 72: 11-152; separata, 162 p.

VALLE CABRAL, ALFREDO DO

1876-1877 — Alexandre Rodrigues Ferreira. Noticia das obras manuscritas e inéditas relativas à viagem philosophica do Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Matto Grosso e Cuyabá.

Anais da Biblioteca Nacional, vol. 1: 103-129 e 222--247; vol. 2: 54-67 e 324-354.

VIAGEM FILOSÓFICA

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA

ICONOGRAFIA
Volume I:
GEOGRAFIA — ANTROPOLOGIA

EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS *

1. Vista panorâmica da cidade de Santa Maria de Belém do Pará, 20 de maio de 1784 (1)
2. Plano Geral da cidade do Pará em 1791 (3)
3. Planta da antiga cidade do Pará (2)
4. Prospeto da Praça das Mercês e frontispício da igreja de N. S. das Mercês, mandado fazer pelo Governador D. Francisco de Souza Coutinho (5)
5. Prospeto da Praça do Peleurinho, mandado fazer pelo Governador D. Francisco de Souza Coutinho (4)
6. Prospeto da frontaria da igreja da Sé — Codina (6)
7. Prospeto da frontaria da igreja dos carmelitas calçados — Codina (13)
8. Retábulo da capela-mor da catedral da cidade de Belém — Landi (7)
9. Frontaria da igreja matriz de Santa Ana da cidade de Belém — Landi (8)
10. Planta da igreja matriz de Santa Ana — Landi (12)
11. Espacato do interior da igreja matriz de Santa Ana — Landi (9)
12. Espacato do retábulo da capela-mor da igreja matriz de Santa Ana — Landi (10)
13. Sacrário da capela-mor da igreja matriz de Santa Ana — Landi (11)
14. Frontaria da capela de São João da cidade de Belém — Landi (14)
15. Planta da capela de São João — Landi (17)
16. Retáhulo de perspectiva da capela-mor, da capela de São João — Landi (16)
17. Espacato do interior da capela de São João — Landi (15)
18. Prospeto da frontaria exterior do palácio de residência dos excelentissimos generais da cidade e capitania do Pará, em 1784 — Codina (18)
19. Frontaria do palácio dos generais, lado do jardim — Codina (19)
20. Uniforme do tèrço auxiliar da cidade de Belém, de que é mestre de campo Marcos José Monteiro de Carvallto e Veiga Coelho (A); idem, do bairro da Campina, de que é mestre de campo Lourenço Furtado de Vasconcelos — Freire, 1784 (47)
21. Prospeto da Praça da Concórdia e monumento que nela se erigiu para memória o Governador e Capitão General José de Nápoles Telo de Menezes, em 1782 — Freire (27)
22. Frontaria do Hospital Real Militar — Codina (20)
23. Frontaria das casas do Alferes Antônio de Souza e Azevedo — Codina (23)
24. Frontaria das casas do Capitão João Manoel Rodrigues — Codina (24)
25. Frontaria das casas de Manoel Raimundo Alves da Cunha — Codina (22)
26. Planta e perfis do armazém da pólvora da cidade de Belém, no sítio do Arará, por ordem de D. Francisco de Souza Coutinho, Governador das Capitanias do Pará e Rio Negro (50)
27. Planta e espacato do quartel militar, para a guarnição da nova casa da pólvora, edificado pelo engenheiro Teodósio Constantino Chermont em 1792 (51)
28. Casa na Amazônia. Cena de interior. Indias de Monte Alegre. Livro B.N.21.1.2, Est. 97
29. Barco de guerra N. S. do Bom-Sucesso, construído na cidade de Belém em 1772, por ordem do Governador-Geral João Pereira Caldas, sob a direção do mestre construtor Manoel Vicente para guarda-costa do canal do norte do Rio Amazonas — Codina (40)
30. Planta do barco de guerra N. S. do Bom-Sucesso — Codina (39)
31. Canoa artilheira N. S. do Pilar, São João Batista, construída na Vila de Barcelos em 1783, por ordem do Governador João Pereira Caldas, sob a orientação do Tenente-coronel João Batista Martel e execução do mestre Romualdo José da Andrade (42)
32. Prospeto da proa e pópa da canoa artilheira N. S. do Pilar, São João Batista (44)
33. Planta (acima) e espacato (abaixo) da canoa artilheira N. S. do Pilar, São João Batista. Livro B.N.21.1.0, Est. 100

---

* NOTA: Os números entre parênteses após a explicação das legendas referem-se ao número das estampas em algarismos romanos no livro da Biblioteca Nacional: Prospectos de cidades, vilas, povoações, fortalezas e edifícios, rios e cachoeiras da Expedição Filosófica do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, 21.1.2.

76. Prospeto da primeira serra na margem oriental do rio Maú, há 8 léguas e duas milhas da sua foz, e na de 25 e duas milhas da Fortaleza de São Joaquim — Codina (106)

71. Prospeto da quarta cachoeira grande do rio Maú, há 17 léguas e meia da sua foz e na de 34 e meia da Fortaleza de São Joaquim — Codina (107)

72. Prospeto da continuação da cachoeira do Urubum, que é a quarta do rio Maú — Codina (108)

73. Prospeto da continuação da cachoeira do Urubuca, que é a quarta do rio Maú — Codina (109)

74. Prospeto da Vila de Barcelos, antiga aldeia de Mariuá, erigida capital da capitania de São José do Rio Negro, por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 6 de maio de 1758. A estampa representa a saída de João Pereira Caldas, nomeado Governador para as capitanias do Mato Grosso e Cuiabá, dirigindo-se ao quartel da Vila de Ega, no Rio Solimões, em 28 de abril de 1784 — Freire (67)

75. Prospeto do quartel de tropa da guarnição da Vila de Barcelos, construído por Joaquim Tinoco Valente, por ordem do Governador João Pereira Caldas, principiado em 1775 (70)

76. Prospeto da pintura que fêz o Capitão Antônio José Landi na capela-mor da igreja matriz da vila capital de Barcelos, em 1788 (68)

77. Prospeto da pintura dos lados da capela-mor da igreja matriz de Barcelos — Landi (69)

78. Primeira planta feita pelo Capitão-engenheiro Felipe Sturm, por ordem de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, para o palácio de residência que na aldeia de Mariuá deveria residir o plenipotenciário espanhol D. José de Iturriaga. A construção não foi executada (71)

79. Planta do octógono erigido pelo mesmo autor, para servir de casa de conferências aos plenipotenciários (73)

80. Alçado da frente do referido octógono (Cópia de Codina) — (74)

81. Prospeto do lugar de Moreira, chamado antes de Caboquena — Freire (75)

82. Prospeto da Vila de Tomar, chamada antes de Barartá — Freire (76)

83. Prospeto do lugar de Lamalonga, antiga Dari — Freire, 1785 (77)

84. Vista do rio Padaveri, afluente do rio Negro — Codina (78)

85. Prospeto do lugar de Santa Isabel — Freire, 1785 (79)

86. Prospeto do novo lugar das Caldas, próximo da primeira cachoeira do rio Cauhoris — Codina (80)

87. Prospeto da primeira cachoeira do rio Cauhoris — Freire (81)

88. Prospeto da segunda cachoeira do rio Cauhoris — Codina (82)

89. Prospeto da terceira cachoeira do rio Cauhoris — Codina (83)

90. Prospeto do lugar de N. S. do Loreto de Macarahí — Freire (84)

91. Prospeto da Fortaleza e povoação de São Gabriel da Cachoeira — Freire, 1785 (85)

92. Vista do Rio Uaupés, afluente do rio Negro — Codina (86)

93. Prospeto da povoação de São Joaquim do Guané, na foz e margem austral do rio Uaupés — Freire, 1785 (87)

94. Vista do rio Içana, afluente do rio Negro — Codina (88)

95. Vista do arraial junto a cachoeira do rio Ixié — Codina (89)

96. Prospeto da cachoeira do rio Ixié, afluente do rio Negro — Codina (90)

97. Prospeto da Fortaleza e povoação de São José de Macahitanas — Freire, 1785 (91)

98. Prospeto do marco erigido no ano de 1781 no Rio Javari, na distância de 1815 braças a leste de sua foz, demarcando o limite entre o Brasil e da Real Audiência de Quito (96)

99. Índios Guaicuru atravessando um rio. Livro B.N.21.1.0, Est. 18

100. Índia Guaicuru (Mbaiá, M biá). Língua isolada. Em processo de assimilação pelos brasileiros. Região do Chaco, Mato Grosso. Livro B.N.21.1.0, Est. 3

101. Índio Uaupés. Região do rio Uaupés, rio Negro. Livro M.N. Gentios, Est. 8

102. Índio de tribo não identificada. Livro B.N.21.1.0, Est. 10

103. Índio Uerequena (Warequena). Região dos rios Içana e Ixié. Livro M.N. Gentios, Est. 7

104. Índio Jumpixuna (Iuri ou Juri) com lança araracá. Língua isolada. Habitavam os rios Japurá e Içá, transferindo-se posteriormente para o rio Negro. Livro B.N.21.1.0, Est. 9

BNF

105. Casal de índios do rio Branco. Livro M.N. Gentios, Est. 10

106. Índio Jurupixuna com zarabatana. Livro B.N.21.1.0, Est. 8

107. Índias vestidas. Tribu não identificada. Livro M.N. Gentios, Est. 11

108. Pintura facial dos índios Jurupixuna. Livro M.N. Gentios, Est. 13

109. Índio Jurupixuna com manta de jaguar. Livro B.N.21.1.0, Est. 2

110. Índio da Amazônia vestido de tururi. Tribo não identificada. Livro B.N.21.1.0, Est.

111. Índio Mâna (Umâna ou Hianacoto). Dialeto do grupo Carijona, Região do Apaporis e Alto Uaupés. Livro M.N. Gentios, Est. 4

112. Índio com batoque labial. Tribo não identificada. Livro M.N. Gentios, Est. 5

113. Índio Miranha (Mirânia). Dialeto Witoto. Mencionados ao longo do Içá e entre Tefé e Caiçara, nas proximidades do rio Solimões. Livro B.N.21.1.0, Est. 7

114. Índio Miranha com zarabatana e carcaz. Livro M.N. Gentios, Est. 14

115. Provàvelmente índia Miranha. Livro M.N. Gentios, Est. 6

116. Índia com narigueira. Tribo desconhecida. Livro B.N.21.1.0, Est. 4

117. Índio Camhcha (Omagua ou Umana). Canga-peba = cabeça-chata. Dialeto de filiação tupi. Alto Amazonas (Solimões). Em 1925 variavam entre 120 a 150 e estavam sendo absorvidos pelos Cocamas. Livro B.N.21.1.0, Est. 12

118. Índio Camtgha com suas armas. Livro M.N. Gentios, Est. 2

119. Uso de buzina por índio da Amazônia. Tribo não identificada. Livro B.N.21.1.0, Est. 13

120. Índio Mura. Língua isolada. Distribuídos pelos rios Autaz, Marmelos, Matauá, Carapanã, Urubu e Coari. Livro M.N. Gentios, Est. 5

121. Índio inhalando paricá (*Piptadenia* sp.). Livro B.N.21.1.0, Est. 11

122. Índio do Rio Branco. Tribo não identificada. Livro B.N.21.1.0, Est. 3

123. Índio anão tauarana. Sem referência na literatura. Livro B.N.21.1.0, Est. 14

124. Pintura facial de índios da Amazônia. Jurupixuna. Livro B.N.21.1.0, Est. 86

125. Maneira de inhalar paricá e utensílios dos índios Mura. Livro B.N.21.1.0, Est. 89

126. Maloca dos índios Curutu. Região do rio Apaporis e Alto Uaupés. Livro M.N. Gentios, Est. 1

127. Planta da maloca dos índios Curutu. Livro B.N.21.1.0, Est. 93

128. Máscaras de dança dos índios Tucuna. Livro M.N. Gentios, Est. 12

129. Ornatos de cabeça de índios da Amazônia. Livro B.N.21.1.0, Est. 85

130. Ornatos diversos. Livro B.N.21.1.0, Est. 87

131. Zarabatana, paleta e arco com flechas curarizadas. Livro B.N.21.1.0, Est. 82

132. Lanças de índios da Amazônia. Livro B.N.21.1.0, Est. 83

133. Pontas de flechas. Livro B.N.21.1.0, Est. 82

134. Bordunas de índios da Amazônia. Livro B.N.21.1.0, Est. 84

135. Bisel de osso com dente de paca e machados de pedra semilunares. Livro B.N.21.1.0, Est. 88

136. Machados de pedra e tiséis. Livro B.N.21.1.0, Est. 93

137. Cerâmica do Baixo Amazonas. Livro B.N.21.1.0, Est. 90

138. Construção de Canoas a moda dos índios. Em segundo plano um cocho. Amazônia. Livro B.N.21.1.0, Est. 46

139. Instrumentos musicais indígenas de sôpro e percussão. Livro B.N.21.1.0, Est. 92

140. Cesta de casco de tatu. Livro B.N.21.1.0, Est. 91

BNP

COORDENADOR GERAL:

José Candido de Melo Carvalho, Ph. D.
Museu Nacional, Rio de Janeiro

ASSESSOR DE PESQUISA:

Glória Marly Duarte Nunes de Carvalho Fontes
Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

ASSESSÔRES CIENTÍFICOS:

Antonio Rocha Penteado — Geografia
Universidade de São Paulo

EDUARDO ENEAS GALVÃO — Antropologia

Museu Paraense "Emílio Goeldi"

ASSESSÔRES TÉCNICOS:

Romeu Onaga — Produção Gráfica
Paulo Wallerstein — Diagramação
Iiala da Penha Gomes — Serviços Auxiliares

Publicação: Conselho Federal de Cultura — MEC
Editado pela: Editôra Monumento S.A. — S. Paulo, Brasil

RES.
25/10-A

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA